



**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARTES E HUMANIDADES
MESTRADO EM HISTÓRIA E PATRIMÓNIOS
UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA
“LUÍS DE CAMÕES”**

**COMÉRCIOS TRADICIONAIS NA FREGUESIA DE
SANTO ANTÓNIO EM LISBOA: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES
DA VIDA URBANA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI**

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em História e Patrimónios

Autor: Paulo Alexandre André Fernandes

Orientador: Professor Doutor Frédéric Vidal

Número do candidato: 19921802

abril de 2025

Lisboa

Agradecimentos

Os agradecimentos num trabalho fazem-se no início porque se chegou ao fim de alguma coisa ou de algo em que para além de nós mais alguém acreditou.

Foram várias as pessoas que acreditaram, também houve algumas, felizmente poucas, que duvidaram, a todas agradeço, pois todas contribuíram para que pudesse escrever estas linhas.

Quero agradecer ao meu orientador, Professor Doutor Frédéric Vidal pelo apoio, paciência e sabedoria que me deu e transmitiu e, porque ele nunca duvidou que conseguiria.

Agradeço também a todos os professores que tive nestes anos nas diversas cadeiras e em diferentes anos, pois neste trabalho está também um pouco da paciência, sabedoria e claro do apoio de todos eles, cada um à sua maneira, uns mais do que outros, mas esta é a verdade.

À Ana Maria pelo suporte e amparo e, porque um quarto de século a apoiar-me não é fácil.

Ao Jorge e à Anabela, companheiros desta viagem, que teve dificuldades, frustrações, mas também muitos momentos de alegria e de realização pois juntos conseguimos, já numa fase avançada das nossas vidas, perceber que era possível fazer aquilo que décadas antes não havíamos conseguido.

Aos meus pais, porque há muitos anos quando lhes disse que ia desistir dos meus estudos para trabalhar me disseram, “tu é que sabes”, e décadas depois quando os informei que ia voltar a estudar disseram-me exatamente o mesmo, apenas com uma diferença, “nunca é tarde demais para acabarmos aquilo que um dia começámos”.

Por fim agradeço a todos os que aceitaram participar neste estudo, aqueles que partilharam as suas memórias, opiniões, inconfidências, as vidas pessoais e profissionais e me contaram histórias de sacrifício, trabalho árduo, mas também as suas alegrias e vitórias.

Infelizmente, alguns já cá não estão para lhes agradecer pessoalmente, mas pelo menos não serão esquecidos, as suas palavras ficaram aqui gravadas e serão “ouvidas” por quem as ler.

Resumo

Esta dissertação tem como ponto de partida a observação empírica que nos últimos anos em Lisboa pequenos comércios, tradicionais, de bairro ou de proximidade, explorados na sua maioria por proprietários já de idade avançada e há várias décadas, estavam a encerrar em grande número. Concomitantemente, em sua substituição abriram novos negócios com características diversas destes, constatando-se que a maioria destes novos estabelecimentos tem como clientes preferenciais turistas ou novos residentes, são maioritariamente explorados por não nacionais e, em muitos casos, vendem o mesmo tipo de produtos ou são similares no ramo de negócio. Com o encerramento dos estabelecimentos mais antigos tem-se desenvolvido um sentimento de perda do que foi Lisboa nas últimas décadas, das suas tradições, autenticidade e identidade, mas também das memórias e histórias de vida de muitos destes comerciantes cujos percursos foram marcados por longas jornadas de trabalho e de dificuldades, e por isso pretendeu-se com este trabalho recolher os testemunhos de comerciantes na freguesia de Santo António em Lisboa, perceber quais foram os seus percursos de vida e de trabalho e, como é que interpretam as profundas transformações que a cidade tem tido nos últimos anos fruto do aumento exponencial do turismo, da gentrificação e das metamorfoses sociais, económicas e culturais associadas a estes fenómenos. Contextualizando estes fenómenos, procurou-se ainda saber se Lisboa, à semelhança de outros destinos turísticos, está a perder a sua essência bairrista, tornando-se impessoal e homogénea e, se os seus comerciantes e residentes poderão estar a ser atores de um espaço “encenado” para turistas e visitantes.

Palavras-Chave: Lisboa; Comércios tradicionais; Autenticidade; Turismo de Massas

Abstract

The starting point of this dissertation is the empirical observation that in recent years, small traditional, neighbourhood and local businesses in Lisbon, most of which had been run by elderly owners for several decades, have been closing down in large numbers. At the same time, new businesses with different characteristics have opened to replace them. Most of these new establishments have tourists or new residents as their preferred customers, are mostly run by non-nationals and, in many cases sell the same type of products or are similar in their line of business. With the closure of the older establishments, there has been a sense of loss of what Lisbon was in recent decades, of its traditions, authenticity and identity, but also of the memories and life stories of many of these traders whose journeys were marked by long days of work and hardship. The aim of this study was therefore to collect the testimonies of traders in the parish of Santo António in Lisbon, to understand their life and work journeys and how they interpret the profound transformations that the city has undergone in recent years as a result of the exponential increase in tourism, gentrification and the social, economic and cultural metamorphoses associated with these phenomena. By contextualising these phenomena, we also sought to find out whether Lisbon, like other tourist destinations, is losing its neighbourhood essence, becoming impersonal and homogenous, and whether its shopkeepers and residents could be playing a role in a ‘staged’ space for tourists and visitors.

Keywords: Lisbon; Tradicional Shops; Authenticity; Mass Tourism

Índice

Introdução.....	8
Metodologia	11
1 Transformações de Lisboa - De capital periférica a cidade do turismo	15
1.1. Da década de 1960 à atualidade - Evolução sociodemográfica.....	15
2 Gentrificação, novos residentes, turismo de massas e <i>overtourism</i>	24
2.1 Gentrificação e novos residentes	24
2.2 Turismo de massas e <i>overtourism</i>	26
3 Comércio de Lisboa	35
3.1 As décadas finais do século XX - Novos hábitos, novas funções	35
3.2 Comércio e turismo - A monofuncionalização ou o fim da diversidade?.....	38
3.3 As Lojas com História e os comércio de Bairro	41
4 A Freguesia de Santo António.....	46
4.1 História e histórias de três territórios centenários no centro de Lisboa.....	46
4.2 De meados do século XX à fundação de Santo António em 2012	50
5 Comércio tradicionais em Santo António	53
5.1 Apresentação de um <i>corpus</i>	53
5.2 Os comerciantes de Santo António -Vidas de trabalho numa cidade em transformação	57
5.3 Ruas de São José e Santa Marta - Realidades contemporâneas	89
6 Conclusão.....	96
Bibliografia.....	101
Legislação.....	107
Entrevistas	108
Fontes	109
Anexos.....	113

Lista de Acrónimos

AIRBNB – Air Bed and Breakfast

AIRDNA – Short Term Rental Data Analytics

AL – Alojamento Local

AML – Área Metropolitana de Lisboa

CML – Câmara Municipal de Lisboa

FMI – Fundo Monetário Internacional

INE – Instituto Nacional de Estatística

LXI – Lisboa Interativa

NRAU – Novo Regime do Arrendamento Urbano

ONU - Organização das Nações Unidas

PDM – Plano Diretor Municipal

RCMALL - Relatório de Caracterização e Monitorização do Alojamento Local

RNAL – Registo Nacional de Alojamento Local

RNH - Residentes não habituais

RJEEAL - Regime Jurídico da Exploração dos Estabelecimentos de Alojamento Local

SIG - Sistemas de Informação Geográfica

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Evolução da população residente em Lisboa de 1960 a 2021	17
--	----

Lista de Tabelas

Tabela1 - Tabela resumo do número total de residentes no concelho de Lisboa com percentagens de menores de 15 anos, maiores de 65, número de famílias, pessoas sem instrução e com ensino superior completo.....	18
Tabela 2 – Totais por freguesia de 1801 a 1950.....	50
Tabela 3 – Totais por freguesia de 1960 a 2011.....	51
Tabela 4 – Quadro resumo dos comerciantes entrevistados.....	54

Lista de Figuras

Figura 1 - Limites administrativos de Lisboa: a) 53 freguesias em 1959; b) 24 freguesias após a reforma de 2012. Fonte: LXI - Lisboa Interativa.....	20
Figura 2 - Alojamentos locais registados em zonas centrais de Lisboa - dados atualizados em outubro de 2024. Fonte: LXI - Lisboa Interativa.....	28
Figura 3 - Limites das três freguesias agregadas em Santo António em 2012. Fonte: LXI - Lisboa Interativa.....	46
Figura 4 - Mapa da localização dos estabelecimentos.....	55
Figura 5 - mercearia Cruz. Fonte: fotos do autor, dezembro de 2024.....	59
Figura 6 - mercearia e Frutas. Fonte: fotos do autor, julho de 2024.....	61
Figura 7 - Papelaria Andaluz. Fonte: fotos do autor, julho de 2024.....	63
Figura 8 - Casa das Frutas. Fonte: fotos do autor, novembro de 2024.....	65
Figura 9 - Vidraria de Santa Marta. Fonte, fotos do autor: agosto de 2024.....	67
Figura 10 - Móveis de São Mamede. Fonte, fotos do autor: agosto de 2024.....	68
Figura 11 - Mobiliarco. Fonte fotos do autor, novembro de 2024.....	71
Figura 12 - Alfaiataria Carlos Mendes. Fonte: fotos do autor, novembro de 2024.....	73
Figura 13 - Drogaria Mirra. Fonte: fotos do autor, novembro de 2024.....	75
Figura 14 - Príncipe Real Enxovalhos. Fonte: fotos do autor, julho de 2024.....	78

Figura 15 - Barbearia King. Fonte: fotos do autor, julho de 2024.....	80
Figura 16 - Mercearia de São Mamede. Fonte: fotos do autor, julho de 2023.....	82
Figura 17 - Retrosaria Anisa. Fonte: fotos do autor, julho de 2023.....	83
Figura 18 - Retrosaria Albuquerque. Fonte: fotos de Afonso Duarte, julho de 2023.....	85
Figura 19 - Mercearia Águas Livres. Fonte: fotos de Afonso Duarte, julho de 2023.....	87
Figura 20 - Drogaria Rio & Ferreira. Fonte: fotos do autor, julho de 2023.....	89
Figura 21 - Mapa da extensão das ruas de Santa Marta e São José e centros hospitalares próximos. Fonte: LXI - Lisboa Interativa.....	90
Figura 22 - Mapa da extensão da rua de Santa Marta entre as ruas Alexandre Herculano e Barata Salgueiro. Fonte: LXI - Lisboa Interativa.....	92
Figura 23 - Mapa da extensão da rua de Santa Marta entre as ruas Barata Salgueiro e Manuel Jesus Coelho. Fonte: LXI - Lisboa Interativa.....	93
Figura 24 - Registo fotográfico das ruas de Santa Marta e São José efetuado em dezembro de 2024: Grupo 1 - Lojas de souvenirs; Grupo 2 - Novos restaurantes; Grupo 3 - Novas mercearias; Grupo 4 - Estabelecimentos encerrados. Fonte: fotos do autor, dezembro de 2024.....	95
Figura 25 - Lisboa: especulação, contestação. Fonte: fotos do autor, setembro de 2023.....	99

Lista de Anexos

Anexo I - Inquérito realizado aos comerciantes no âmbito deste trabalho, capa de rosto.....	113
Anexo II - Inquérito realizado aos comerciantes no âmbito deste trabalho, página 1.....	114
Anexo III - Inquérito realizado aos comerciantes no âmbito deste trabalho, página 2.....	115
Anexo IV - Inquérito realizado aos comerciantes no âmbito deste trabalho, página 3	116
Anexo V - Mapa do rácio entre alojamento permanente e temporário em abril de 2022 na cidade de Lisboa. Fonte: Relatório de Caracterização e Monitorização do Alojamento Local 2022 (CML).....	117

Introdução

Com a presente dissertação pretende-se perceber quais são contemporaneamente as representações dos conceitos de tradição e de autenticidade de comerciantes com mais de duas décadas de residência ou atividade profissional numa freguesia da cidade de Lisboa.

Fazendo uso de um estudo transdisciplinar, o desiderato foi entender e analisar preocupações de residentes e comerciantes da cidade, com enfoque nas consequências do turismo de massas, do fenómeno da gentrificação e do encerramento de muitos comércios tradicionais. Concomitantemente, o âmagos foi também perceber como é estes fenómenos estão a contribuir, para alterar modos de vida e de trabalho, mas também de habitar a cidade.

O território escolhido, a freguesia de Santo António, a mais pequena em área do município com apenas 1,49 Km², não foi um acaso. Santo António foi criada em 2012 pela agregação de três antigas freguesias, Coração de Jesus, São José e São Mamede e, pelos Censos 2021 tem pouco mais de onze mil habitantes recenseados¹ e, localiza-se no centro de Lisboa.

A nova freguesia, dividida a meio pela Avenida da Liberdade, agregou no seu território duas áreas claramente distintas, social e economicamente: São José e Coração de Jesus, mais antigas e empobrecidas, onde a grande maioria dos residentes, pelo menos até há dez anos, eram essencialmente idosos, muitos de idade avançada; São Mamede, junto ao Príncipe Real que tem como eixo viário principal a rua da Escola Politécnica, tendo-se desenvolvido essencialmente após o terramoto de 1755 com a construção de palacetes e casas senhoriais. Neste território o edificado sempre foi de melhor construção e no século XX atraiu residentes com rendimentos mais elevados e melhor instrução que as suas agora “parceiras” em Santo António.

Tendo como ponto de partida a observação empírica no território da freguesia de que muitas lojas, comércios locais, tradicionais ou de rua, como são designados, encerraram ou mudaram de atividade e de proprietários nos últimos anos, particularmente depois de 2021, foi considerado recolher impressões e histórias de vida dos comerciantes ainda em atividade.

Contribuir para a preservação de memórias, mas também perceber como é que os comerciantes mais antigos entendem as tradições do que foi e ainda é viver na cidade, foram os objetivos principais deste trabalho.

A maioria dos estabelecimentos que fazem parte deste estudo têm características similares. Pequenos comércios com proprietários de idade avançada, poucos ou nenhuns empregados, muitos são assegurados pela rede familiar mais próxima, como cônjuges ou filhos, não foram

¹ https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_main&xpid=CENSOS21&xlang=pt

modernizados nos últimos anos, as novas tecnologias como as redes sociais são pouco ou nada utilizadas e o seu público-alvo são por norma clientes habituais que residem perto ou que ali se deslocam propositadamente há muitos anos. Por fim pagam rendas antigas que sofreram aumentos moderados o que lhes permitiu em muitos casos manterem as portas abertas, apesar da diminuição das vendas e da forte valorização imobiliária na zona.

A questão inicial foi perceber como é que estes comerciantes entendem e definem a ideia de tradição e autenticidade na freguesia, mas também na cidade, que no fundo é território deles também. Quais as representações que têm das noções de identidade e, como é que estas são produzidas e difundidas por eles, no fundo defendidas como sendo suas naquele território. Estas duas questões de partida têm toda a relevância porque a cidade tem sofrido nos últimos anos profundas alterações sociais, económicas, culturais, demográficas e mesmo arquitetónicas que alteraram a sua essência.

O turismo em Portugal, e mais especificamente em Lisboa, teve nos últimos anos um crescimento exponencial, com muitos especialistas na área a falarem de massificação ou *overtourism* na cidade (SEQUERA e NOFRE, 2018). Consequência disso foram abrindo hotéis e muitos fogos foram comprados ou recuperados para alojamento local, concentrados em zonas centrais e históricas como a Baixa, Alfama ou Mouraria. Concomitantemente, programas de incentivo e apoio foram criados especificamente para atrair investimento e residentes estrangeiros para a compra e reabilitação de muito do edificado que estava degradado ou ao abandono, com particular incidência no centro da cidade de Lisboa. A capital começou então a receber novos residentes não nacionais com poder de compra que investiram e se mudaram para a cidade aproveitando as condições favoráveis (SEQUERA e NOFRE, 2020).

A conjugação destes dois fatores, satisfação das necessidades dos visitantes cada vez mais em maior número e o investimento imobiliário para residência ou para pura especulação, levaram a um aumento brutal do preço da habitação e à escassez de oferta (SEQUERA e NOFRE, 2020). As consequências ao nível da habitação, foram numa primeira fase mais visíveis nas zonas centrais, mas em menos de uma década, territórios mais periféricos da cidade onde o fenómeno não era tão visível começaram também a ser afetados.

No caso da habitação, se muitos não podem pagar os valores pedidos, essencialmente jovens ou pessoas de baixos rendimentos, parte dos residentes mais antigos foram obrigados a sair das casas que habitavam há décadas pois o aumento das rendas foi inabarcável para muitos deles. Isto tornou-se válido também para os pequenos comércio em que as rendas relativamente baixas ajudavam ou permitiam que se mantivessem de portas abertas.

Este fenómeno de dupla gentrificação residencial e comercial e o aumento da procura e consequentemente da oferta turística foi particularmente sentido na zona da Baixa e em toda zona ribeirinha até Belém, onde a proliferação de alojamento local e da monofuncionalização de muitos comércios, tendo em vista visitantes e turistas, era já mais evidente há alguns anos. Esta evidência, observada empiricamente em muitas zonas de Lisboa, levou então à formulação de duas questões pertinentes para os objetivos deste trabalho.

Estarão os fenómenos de gentrificação, residencial, comercial e mesmo cultural a transformar a essência bairrista e tradicional de Lisboa e, mais especificamente na freguesia de Santo António, mas também se a globalização, o turismo de massas e o aumento da emigração em muitas cidades e territórios estão a contribuir para descaracterizar o que é hoje a tradição e a autenticidade e a forjar novos conceitos e modos de habitar o espaço urbano.

Com a formulação das perguntas pensada os objetivos foram então definidos, essencialmente, pretendeu-se com a elaboração de um inquérito recolher discursos e histórias de vida de comerciantes em Santo António e perceber como é que estes entendem a tradição e a autenticidade no seu território, e saber se com as transformações ali ocorridas nos últimos anos alteraram as suas práticas de convivência, hábitos de consumo e de trabalho, quais as influências exógenas e endógenas que sentem, que tiveram, mas também se consideram que estas noções estão a ser reconstruídas diariamente fruto dos imaginários que os rodeiam, os quais, contemporaneamente, são diversos do que eram até há uns anos atrás.

O desiderato foi assim conhecer as suas histórias de vida e de trabalho de comerciantes da freguesia, mas também perceber e identificar diferentes olhares sobre a cidade contemporânea e das profundas transformações dos últimos anos.

Algumas das respostas aos inquéritos efetuados revelaram ser de difícil interpretação para o pretendido para este trabalho porque alguns dos entrevistados dispersaram as suas opiniões e interpretações, acabando por abordar temas que não estavam diretamente relacionados com a questão colocada, o que não quer dizer que a sua pertinência fosse menor, apenas não se relacionava diretamente com o pretendido para o escopo do trabalho que se estava a efetuar. Apesar disso, foi feita a recolha da totalidade das respostas e algumas partes, mesmo que não fossem no âmbito do perguntado, mas que se revelaram importante para a contextualização e para o enriquecimento deste trabalho, foram reproduzidas nos testemunhos dos entrevistados.

Metodologia

Para a elaboração deste trabalho, optou-se, como já mencionado, por efetuar um inquérito com o intuito de recolher os testemunhos de comerciantes da freguesia de Santo António.

Em julho de 2023 foi feito um levantamento exploratório com base nos critérios previamente definidos de longevidade e permanência no mesmo local, e mais tarde, recorrendo ao método bola de neve foram identificados cerca de vinte estabelecimentos e respetivos comerciantes, dos quais quatro não mostraram disponibilidade para serem entrevistados. Dos restantes, numa primeira fase, foi feita recolha dos nomes, idades, anos de atividade e disponibilidade para a realização dos inquéritos, cujo conteúdo e objetivos foram explicados sucintamente. Vários comerciantes expressaram a vontade que os inquéritos fossem realizados depois do verão, mas outros, também confidenciaram que poderiam encerrar em breve por razões diversas, confirmando até alguns deles a data em que o iriam fazer definitivamente.

Recolheram-se então testemunhos e informações exploratórias dos dezasseis comerciantes identificados e foi efetuado o registo fotográfico dos estabelecimentos e dos comerciantes que autorizaram a sua divulgação no âmbito deste trabalho, uma vez que se considerou importante o registo visual como meio de complemento dos mesmos.

Os questionários foram elaborados de uma forma sintética e clara para que os entrevistados pudessem exprimir as suas opiniões naturalmente e não fossem condicionados nas suas respostas devido a fatores contemporâneos ligados ao turismo, gentrificação e ao encerramento recorrente de outros estabelecimentos na zona². Procurou-se assim que as respostas fossem assertivas e direcionadas ao pretendido para este trabalho, mesmo que por vezes estas acabassem por abordar temas e questões que não estavam a ser perguntadas.

Na primeira parte do questionário recolheram-se os dados referentes aos estabelecimentos, ramo de atividade, serviços e produtos vendidos, ano de abertura, no caso dos comerciantes a data e o local de nascimento, quando tinham vindo para Lisboa, caso não tivessem aí nascido, e o motivo porque estavam ligados aquela atividade em particular.

A segunda parte centrou-se essencialmente na parte profissional das suas vidas. Perguntou-se desde quando eram proprietários/arrendatários, com quem trabalhavam, se os produtos/serviços vendidos sempre tinham sido aqueles, se tinham modernizado as lojas e se gostavam do que faziam. Nesta fase era importante perceber como é que estes comerciantes, quase todos de idade avançada, percecionavam as suas lojas, se as consideravam tradicionais, como eram vistas pela maioria dos seus clientes, como foi

² No anexo 1, está disponibilizado o modelo do questionário realizado aos entrevistados neste estudo.

trabalhar ali nas últimas décadas, como era na atualidade, se existiam ou tinham existido outros comércios com as mesmas características nas zonas próximas e se as transformações dos últimos anos naquele território com novos residentes, com o aumento do turismo e principalmente com a saída de muitos dos seus clientes habituais, tinham sido benéficas ou prejudiciais para os seus negócios.

Por fim procurou-se saber o que é que eles entendiam como a autenticidade ou tradição naquele território, como definiam estes conceitos ambíguos e se consideravam que estes se estavam a perder irremediavelmente. Em todos os questionários foi previamente pedida autorização para a recolha de registos fotográficos e sonoros, neste último caso, alguns não autorizaram e ainda se tinham fotografias que pudessem dispensar no âmbito deste trabalho.

Metodologicamente o trabalho de campo foi essencial para perceber as transformações que ocorreram nos quase dois anos que mediam o início e a conclusão deste trabalho, o encerramento de estabelecimentos que fazem parte desta investigação comprovam-no.

Para a localização espacial dos estabelecimentos e contextualização do território foram utilizados o *Google Earth*³ e o site “Lisboa Interativa” da Câmara Municipal de Lisboa (LXI)⁴, que tem como base os SIG (Sistemas de Informação Geográfica), permitindo deste modo a incorporação de diferentes tipos de dados.

Para perceber qual foi a evolução a nível demográfico, económico e social da cidade de Lisboa e, também nas três freguesias que foram agregadas em Santo António em 2012, recorreram-se a obras de João Seixas e a dados disponibilizados online pelo INE⁵ e pelo portal PORDATA⁶.

Sobre a evolução do comércio em Portugal e, mais concretamente em Lisboa nas últimas décadas do século XX e até à atualidade, foram consultadas obras de Teresa Barata Salgueiro, Hélder Cachinho, e diversos estudos de associações do setor do comércio a retalho abrangendo os anos de 1989 a 2020.

Quanto aos conceitos, por vezes ambíguos e mesmo controversos de tradição, autenticidade e identidade e, cuja interpretação é frequentemente objeto de diferentes teorias e perspetivas, foram consultadas obras de autores conceituados nestes temas como Pierre Nora (1993), Stuart Hall (2006) e Henri Lefebvre (1968), abrangendo um espetro temporal de meados do século XX até à atualidade.

Para os temas de gentrificação, turistificação e turismo de massas, foram consultadas obras

³ <https://earth.google.com/web/>

⁴ <https://websig.cm-lisboa.pt/MuniSIG/visualizador/index.html?viewer=LxInterativa.LXi>

⁵ https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main

⁶ <https://www.pordata.pt/pt>

de autores como Agustin Cocola-Gant (2018), Jorge Sequera (2018, 2020), Jordi Nofre (2018, 2020), só para citar alguns, com maior enfoque nas últimas duas décadas; sobre os mesmos temas, mas especificamente sobre Lisboa consultaram-se textos de Pedro Guimarães (2020, 2023), Frédéric Vidal (2023) e Graça Índias Cordeiro (2020, 2023), mas também artigos académicos e revistas online, textos elaborados maioritariamente nos últimos dez anos quando estas temáticas passaram a ter maior destaque na cidade devido ao aumento exponencial do turismo.

Dados do *travelBI* do Turismo de Portugal⁷, estudos da CML⁸ e de diversas instituições ligadas ao assunto foram também consultados. Concomitantemente, notícias em jornais, revistas e sites sobre as consequências destes fenómenos é atualmente extensa e de grande alcance nos temas abordados, e por isso várias destas notícias fazem parte deste trabalho, sendo identificadas em cada uma delas a fonte, data de publicação e de acesso, pois verificou-se que nos últimos dois anos as referências a estes temas são praticamente diárias, não apenas sobre Portugal e Lisboa, mas de muitos outros locais no mundo, constituindo deste modo uma importante fonte de informação e de contextualização das consequências destes fenómenos a nível local, nacional e global.

Sendo o caso de estudo deste trabalho uma freguesia de Lisboa, a estrutura da tese foi concebida de forma a contextualizar o território onde esta se insere, tanto espacial como cronologicamente, dividindo-se a estrutura entre a escala regional de Lisboa e a local da freguesia. Concomitantemente, fez-se o enquadramento relativamente ao assunto abordado, os comércio de rua, também em ambas dimensões, regional e local.

No capítulo 1 é feita a descrição de Lisboa, abordando a evolução demográfica e social da década de 1960 à atualidade, comparando-se os totais de residentes, dados da composição da população residente, mas também da evolução urbana e mesmo administrativa da cidade neste período de mais de seis décadas.

No capítulo 2, o enfoque recai sobre as profundas mudanças ocorridas nas duas últimas décadas devido ao aumento do turismo e da chegada de novos residentes não nacionais. São citados dados sobre o turismo em Portugal e em Lisboa, analisados os conceitos de turistificação e gentrificação e as consequências destes fenómenos na capital portuguesa, mas também em outras cidades do mundo.

O capítulo 3, incide numa breve contextualização da evolução do comércio nas últimas décadas em Lisboa e das suas diferentes tipologias, com destaque para as transformações

⁷ <https://travelbi.turismodeportugal.pt/>

⁸ <https://www.lisboa.pt/>

ocorridas e das suas consequências no tecido comercial da cidade, com foco nos pequenos comércios tradicionais, analisando-se mais especificamente a zona da Baixa.

No capítulo 4, descreve-se a freguesia de Santo António desde a sua fundação em 2012, mas também a história das três antigas freguesias que lhe deram origem, disponibilizando dados demográficos e espaciais para uma melhor perceção da evolução do território no contexto da cidade, com destaque para o período das duas últimas décadas.

No capítulo 5, que se constitui como o corpo principal deste trabalho, é feita a descrição dos estabelecimentos, uma breve biografia dos comerciantes e a análise e transcrição de partes dos inquéritos efetuados com inserção do suporte fotográfico no texto correspondente a cada uma delas. Para que estas transcrições fossem o mais aproximado possível às respostas dadas pelos comerciantes, optou-se por citar *ipsis verbis* muitos trechos, o que resultou por vezes em textos de linguagem coloquial e mesmo com algumas falhas ao nível do português, mas que expressam fielmente a oralidade dos entrevistados, o que acaba por lhes dar uma maior autenticidade; para isso o uso de citações foi recorrente.

1 Transformações de Lisboa - De capital periférica a cidade do turismo

1.1. Da década de 1960 à atualidade - Evolução sociodemográfica

Lisboa nasceu do Tejo, foi ele que a moldou, que a protegeu mas também que a colocou em perigo (FABIÃO, 2011) . No século I, com os romanos, fez-se cidade (ALARCÃO, 2011) e foi junto ao rio que se “espraiou” nos séculos seguintes à conquista de D. Afonso Henriques. Com Afonso III, desenvolveu-se económica e demograficamente, destacando-se das restantes cidades portuguesas, mas será Afonso IV, em 1345, ao deixar em testamento a sua decisão de se sepultar na Sé Catedral que esta se legitima como capital do reino (RAMOS et al, 2012). A Colina do Castelo marcou indelevelmente o centro da urbe até ao fim do século XIX, quando esta cresceu definitivamente para aqueles que eram os seus arrabaldes até então. Em Lisboa, as ocupações sucessivas deixaram marcas e são essas marcas que começaram por atrair os visitantes. Os seus edifícios centenários, os vestígios dos povos que por ali passaram, as histórias da sua História, despertam paixões e fazem da cidade, capital desde o século XIV, um território único no país, por isso a história de Portugal confunde-se em muitos momentos com a história da cidade.

Sede do poder económico, político e social, Lisboa ocupa um lugar preponderante na História de Portugal. A macrocefalia do território nacional acentuou-se nos últimos dois séculos e foi isso que atraiu novos residentes vindos de todas as regiões do país. Se no início do século XX foram as indústrias na sua cintura ou periferias, a partir da década de 1950 foram também os serviços (SILVA, 1997). Depois do 25 de abril de 1974 muitos “retornados” chegaram para começar uma nova vida, vindos das antigas colónias que se tornaram independentes e, na década de 1990, assistiu-se ao primeiro grande fluxo migratório de estrangeiros, nomeadamente do Brasil e de países do leste europeu (LORIO & PEIXOTO, 2011). Nas últimas décadas do século XX, assistiu-se ao crescimento das periferias, aos grandes empreendimentos comerciais e à saída de muitos residentes à procura de novos confortos que os fogos degradados da cidade não ofereciam, enquanto a cidade se ia esvaziando de pessoas. Se em 1960 os residentes de Lisboa representavam 53% do total da área metropolitana, em 1997 eram pouco mais de 22%, período durante o qual a população da AML passou de 18 para 27% no total nacional, com mais de dois milhões e meio de habitantes (ROSA, 2000). Estes números consubstanciaram o decréscimo de residentes na cidade e o crescimento em área e população das suas periferias. Na atualidade, Lisboa tornou-se centro de uma área metropolitana que concentra quase três milhões de habitantes (BAPTISTA et al., 2018), uma grande maioria desloca-se diariamente à cidade para trabalhar, estudar, usar os seus serviços ou simplesmente divertir-se, estes milhares de deslocações

pendulares são parte dos problemas que a cidade tem de gerir, mesmo que a sua população venha diminuindo consistentemente desde a década de 1980.

Os primeiros anos do século XXI, foram de estabilização no número de residentes, mas depois da crise financeira de 2008, com o incremento do turismo e das atividades a ele associados, a cidade revitalizou-se. Milhares de turistas passeiam nas ruas, mas também novos residentes, temporários e permanentes, muitos não nacionais, foram-se instalando, atraídos pelas oportunidades de investimento e para disfrutar do que esta tinha para oferecer.

A partir da década de 2010 assistiu-se a uma reorganização, económica, demográfica e social de muitas zonas da cidade, com particular incidência nas zonas mais centrais e nos bairros tradicionais (VAZ, 2022). A cidade mudou na sua composição demográfica, mas também no uso do espaço público e nas formas de a habitar, à medida que os residentes mais antigos foram saindo, substituídos por novos moradores sem identificação com esta, ou pelos visitantes que a passaram a ocupar efemeramente (BAPTISTA et al., 2018).

Depois da pandemia de 2020, este fenómeno tornou-se mais visível. Passou a ser tema de discussão, de análise e de trabalhos académicos, mas também de contestação, isto conduziu a diferentes abordagens dependendo das perspetivas e mesmo dos interesses dos intervenientes.

Para a contextualização da realidade destas mudanças e, para se poder perceber numa perspetiva mais alargada como foi a evolução da população de Lisboa, e de alguns dos seus indicadores sociais e humanos, foi efetuado o levantamento dos dados demográficos entre os anos de 1960 e 2021, na plataforma PORDATA⁹.

Com estes dados foram recolhidos os totais de residentes em números absolutos, dos residentes com menos de 15 anos, mais de 65, o número total de famílias, pessoas sem instrução e com ensino superior completo neste período de sessenta anos na cidade de Lisboa.

Em 1960, em Portugal já se vivia há mais de trinta anos em ditadura, o país começava a abrir-se ao exterior, mas o atraso da economia nacional, era, quando comparado com outros países europeus substancial (LOPES, 1996).

A década de 1950 e o início da de 1960, foram caracterizadas pelo fluxo migratório para as colónias africanas, países da Europa e para a América do Norte, na maioria foram os jovens a saírem do país, com muitas aldeias do interior a ficarem quase desertas. Apesar do desenvolvimento económico na década de 1960, o início das guerras nas colónias em África, veio reforçar a saída de portugueses para fugir à mobilização militar e às condições sociais e políticas do país (LOPES, 1996). Registou-se assim uma diminuição consistente na população

⁹ <https://www.pordata.pt/pt>

residente no país não sendo Lisboa exceção a esta realidade, situação que só viria a ser revertida a partir de meados da década de 1970. Se analisarmos o período entre 1960 e 1980, os residentes na capital aumentaram mais de 5%, fenómeno a que não terá sido alheia a chegada de muitos “retornados” vindos das ex-colónias portuguesas, pois uma maioria deles ficou a residir na cidade e na sua área metropolitana (DELAUNAY, 2022).

Conforme se pode verificar no Gráfico 1, observando a evolução entre 1981 e 2021 da população no concelho de Lisboa, podemos observar que esta decresceu mais de 30%, passando de mais de oitocentos e sete mil residentes em 1981, para os quase quinhentos e quarenta e seis mil registados nos últimos censos, a cidade perdeu mais de duzentos e sessenta mil habitantes, apesar da tendência de diminuição ter estabilizado entre 2011 e 2021.

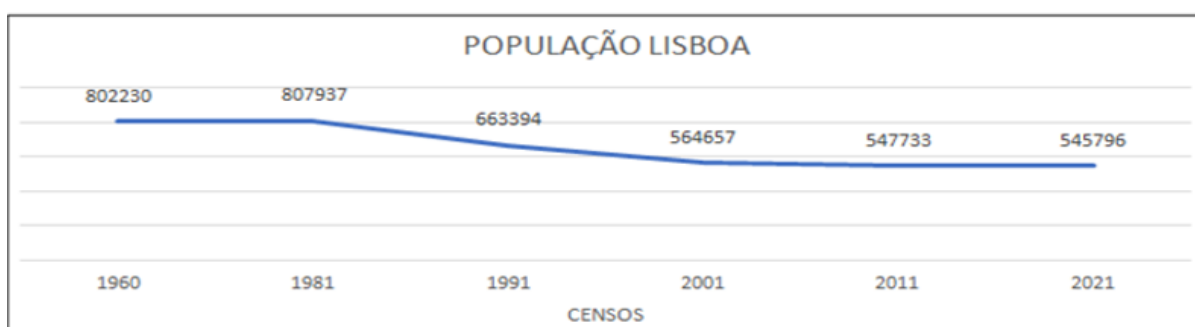


Gráfico 1 - Evolução população residente em Lisboa de 1960 a 2021, Dados quadro resumo do concelho de Lisboa. <https://www.pordata.pt/Site/PortugalHome.aspx?Quadro+Resumo>

Se analisarmos, não apenas os dados dos totais de residentes, mas dados qualitativos destes totais, podemos, começando nos censos de 1961 verificar que neste anos a população de Lisboa em idade ativa chegava quase aos 73% e os maiores de 65 anos eram menos de 10%, e mesmo não existindo números para a população sem instrução a residir na capital, esta percentagem, sendo inferior à média nacional deveria rondar os 15% sendo que apenas 2,7% tinham ensino superior completo¹⁰.

Paralelamente o apelo das periferias, com as suas construções novas, impulsionado pelo crédito bonificado, que se manteve até 2002, atraíam cada mais população (SEIXAS, 2021).

Com este fenómeno a cidade foi perdendo residentes, com maior incidência nas zonas históricas e centrais (SEIXAS, 2021).

Em pouco mais de vinte anos a cidade perdeu quase 25% do total de residentes, e do pico populacional da década de 1980, na última década do século, Lisboa vive um “inverno” demográfico com o envelhecimento da sua população¹¹.

¹⁰ https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_historia_pt

¹¹ <https://www.ics.ulisboa.pt/flipping/ie2020/2-3/>

Na Tabela 1, podemos constatar que em 1981, já depois da revolução de 25 de abril de 1974 e, a cinco anos de entrarmos na União Europeia, os rácios de qualidade nestes indicadores eram já diferentes dos de vinte anos antes, apesar do aumento da população com mais de 65 anos, que chegava aos 14%, os residentes com o ensino superior aproximava-se já dos 7%.

CENSOS	1960	1981	1991	2001	2011	2021
LISBOA TOTAL RESIDENTES (milhares)	802.230	807.937	663.394	564.657	547.733	545.796
MENORES 15 ANOS - % total	18%	18.90%	14.20	11.60	12.90	13.00
MAIORES DE 65 ANOS - % total	9.30	14.30	18.80	23.60	23.90	23.40
NÚMERO DE FAMÍLIAS (milhares)	245.537	285.960	245.070	234.451	245.894	242.571
Nº ANALFABETOS (milhares)	N/A	65.895	34.600	31.410	16.186	10.075
ENSINO SUPERIOR COMPLETO - % total	2,7	6,8	N/A	19,1	31.10	41.20

Tabela 1 - Tabela resumo do número total de residentes, percentagens de menores de 15 e maiores de 65 anos, número de famílias, pessoas sem instrução e com ensino superior completo no concelho de Lisboa entre os anos de 1960 e 2021. Fonte: https://censos.ine.pt/portal/xmain?xpid=censos_historia_pt

Depois de 1991, abrangendo as últimas três décadas, período definido no corpus principal deste trabalho, podemos perceber diversas mudanças ao nível da composição demográfica e social da cidade ao analisarmos os dados recolhidos. Nos censos desse ano, Lisboa tinha 663.394 habitantes, em apenas dez anos perdeu quase 20% dos seus residentes, os jovens com menos de 15 anos eram por esta altura pouco mais de 14% e os maiores de 65 quase 20%, e o número de famílias teve também uma diminuição acentuada. O desenvolvimento económico do início da década, ajudou a que muitos dos residentes mais jovens que viviam em casa dos pais a optar por se mudarem para as periferias que estavam em crescimento acelerado com a construção de novas residências mais modernas e adequadas para quem queria ter melhores condições de conforto e mesmo de salubridade do que aquelas, que muitas casas, nomeadamente nas zonas centrais e históricas, tinham para oferecer a quem queria constituir família ou simplesmente começar uma vida independente (SEIXAS, 2021).

Entre 1991 e 2011, Lisboa perdeu quase 100.000 habitantes, se recuarmos até 1981, são quase duzentos e cinquenta mil, um terço do total, mas esta nova recomposição demográfica de residentes anunciava já os novos tempos que se estavam a viver. A percentagem de jovens diminuiu para pouco mais de 11% e dos mais idosos subiu para perto de 24%, o índice de envelhecimento, número de idosos por cada 100 jovens, ultrapassava já os 200%, por outro lado a percentagem de população com o ensino superior chegava quase aos 20%. Com isto, o número de famílias baixou mais de 5%, sendo as monoparentais perto de um terço do total.

Os números de 2001 acabaram por marcar a divisão entre a tendência observada nos vinte anos anteriores e os vinte que se seguiriam; diminuição acentuada da população, aumento da percentagem dos maiores de 65 anos e da população com mais instrução (SEIXAS, 2021).

Analisando apenas censos de 2011 e 2021, algumas das tendências mantiveram-se, como a redução de residentes, mas a percentagem da faixa acima dos 65 recuou apenas meio ponto percentual e, a dos abaixo dos 15 aumentou 0,1%. Em termos homólogos a variação no total dos residentes foi de -0,1% com uma diminuição de menos de dois mil residentes. Noutras variáveis, a percentagem de residentes com o ensino superior completo aumentou mais de 10% e os dados da população com nacionalidade e naturalidade estrangeira tiveram aumentos significativos, sendo que os com naturalidade tiveram incremento de quase 4%, representando já quase um décimo dos residentes que responderam aos questionários¹². Estes dez anos que mediaram os dois últimos censos realizados foram já marcados pelo forte crescimento da atividade turística, e pelo aumento do custo da habitação, da passagem de muitos fogos para o alojamento local, mas também pela aplicação da nova lei das rendas que contribuí para que muitos residentes mais antigos e com rendas mais baixas fossem obrigados a deixar as suas residências de há décadas.

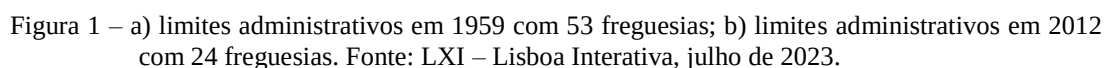
Para perceber as transformações que Lisboa teve nas últimas duas décadas a nível demográfico, social, económico e da sua atividade comercial, parte relevante neste trabalho, importa assim contextualizar dois períodos; o decorrido de meados da década de 1980 até ao início do século XXI e as duas últimas décadas. Nos primeiros anos do novo século mais jovens vieram morar para a cidade, apesar de os preços da habitação ainda serem um impedimento para muitos, nomeadamente em zonas mais afastadas do centro onde se construíram novos fogos como Telheiras, Lumiar e Benfica, mesmo que as zonas mais antigas e centrais continuassem a perder residentes devido às condições deficientes de muito do edificado (SEIXAS, 2021).

A crise imobiliária global de 2008 e a crise financeira em Portugal, vão marcar a mudança do paradigma de habitar em Lisboa. Paulatinamente o número de turistas na cidade, que já vinha em crescendo e o investimento imobiliário, maioritariamente estrangeiro, no parque habitacional ajudaram a transformar a cidade.

Os desafios dos novos tempos, com o aumento do turismo, a chegada de novos residentes e de exigências ambientais, ao nível da mobilidade, recolha de resíduos urbanos, mas também da consciencialização do que é habitar uma cidade em profunda transformação num mundo altamente globalizado e digitalizado, levaram à necessidade da reformulação dos territórios que a constituíam, as suas freguesias. Se o número total de residentes da cidade são a soma das suas freguesias, estas tiveram em 2012, com aplicação no ano seguinte, a maior reforma

¹² https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_main&xpid=CENSOS21&xlang=pt

Com as eleições dos novos órgãos autárquicos em 2013, materializou-se a nova divisão administrativa de Lisboa, consubstanciada em vinte e quatro freguesias, menos dezanove que anteriormente, conforme se pode observar na Figura 1:



20

mencionadas. Deste modo foram agregadas freguesias de pequena dimensão territorial e residencial, criando treze novas divisões administrativas, mantendo dez e, fruto da expansão da cidade para a zona oriental depois da Exposição Universal de 1998, foi fundada a freguesia do Parque das Nações. Será a criação desta nova freguesia que levará a um reajustamento dos limites do concelho de Lisboa com partes de Sacavém e Moscavide, anteriormente pertencentes ao concelho de Loures a integrarem a nova freguesia da capital (CAPELA, MATOS e CASTRO, 2016).

Mesmo com a manutenção da denominação de muitas das antigas freguesias, os limites territoriais foram alterados desaparecendo freguesias centenárias da capital, situação mais evidente nas zonas históricas do centro. A nova freguesia de Santa Maria Maior foi resultado da agregação das antigas freguesias dos Mártires, Sacramento, São Nicolau, Madalena, Santa Justa, Sé, Santiago, Castelo, Socorro, São Miguel, Santo Estêvão, São Cristóvão e São Lourenço; a Misericórdia fundiu Mercês, Santa Catarina, Encarnação e São Paulo, e Santo António agregou São José, Coração de Jesus e São Mamede. Três novas freguesias centrais eliminaram do mapa administrativo da cidade vinte territórios, alguns deles com muitas centenas de anos. Curiosamente recuperou-se Santa Maria Maior, nome de uma das paróquias fundadoras do tempo de Afonso Henriques.

Em quase nove séculos, a antiga urbe conquistada aos mouros no século XII, transformou-se numa enorme área metropolitana que engloba dezoito municípios com quase três milhões de habitantes¹³. Apesar do crescimento populacional dos concelhos que compõem a sua cintura urbana, Lisboa continuou a ser a cidade mais populosa desta área metropolitana, acima de meio milhão e, muitos dos residentes das zonas limítrofes trabalham ou estudam na cidade, levando a que mais de 70% dos utilizadores da cidade acabem por fazer diariamente o trajeto diário de ida e volta com recurso a transportes ou veículo privado¹⁴. Na Cidade o início do século XXI acentuou uma nova reconfiguração demográfica.

A reabilitação urbana impulsionada pelo turismo, a atração de novos residentes com incentivos fiscais, os chamados *Vistos Gold*, mas também a chegada de profissionais liberais e nómadas digitais, proporcionaram que zonas centrais da cidade fossem “repovoadas”.

A paisagem urbana modificou-se rapidamente, ao nível do edificado, mas também da sua composição demográfica e comercial, havendo uma substituição dos moradores mais idosos, com baixos rendimentos e qualificações, por uma população mais jovem, instruída e

¹³ <https://www.aml.pt/municipios/>

¹⁴ https://www.lisboa.pt/fileadmin/portal/temas/economia/documentos/Economia_de_Lisboa_em_Numeros_2021.pdf

essencialmente chegada de fora de Portugal, mas por outro lado também mais homogénea. (ACCORNERO & CARVALHO, 2025).

Nos primeiros anos do século XXI, a nobilitação de Lisboa foi feita essencialmente por estes novos residentes, mas o binómio entre reabilitação urbana e a atividade turística, fruto do aumento exponencial do número de visitantes, e da elevada rentabilidade imobiliária que esta proporcionava quando comparada com o alojamento permanente, veio a provocar em Lisboa uma verdadeira revolução no modo de habitar a cidade (SEQUERA & NOFRE, 2020).

Segundo um relatório do *Joint Reserch* da Comissão Europeia de 2020¹⁵, o investimento estrangeiro na área do imobiliário em Lisboa, mais que duplicou em apenas dez anos, quase todo ele direcionado para a atividade turística ou para o mercado de luxo¹⁶. A afetação de fogos ao alojamento local e à ocupação temporária em detrimento da permanente, passou a ser cada vez mais acentuada.

Muito do novo dinamismo da cidade foi assim impulsionado por residentes vindos de fora, ligados às novas tecnologias e atividades culturais e turísticas. A procura de fogos habitacionais por estes residentes, com mais qualificações, novos hábitos de consumo e de ocupação do espaço público, levaram a um aumento do preço das habitações e das rendas, mas também à abertura de novos comércios que tinham como âmagos satisfazer as suas necessidades e concomitantemente dos turistas, cada vez em maior número. Esta situação acabou por levar à saída de muitos dos residentes coevos destes territórios, mesmo de alguns cujas rendas se encontravam protegidas (VAZ, 2022). O aumento expressivo do turismo, acabou por potenciar alguns dos problemas, que Lisboa vinha a observar desde o início do século (SALGUEIRO, 2017), pois enquanto Lisboa se posicionou a nível global como cidade cosmopolita, multicultural, competitiva e atrativa pela sua herança cultural e histórica, e singularidade no espaço europeu, por outro, os seus residentes mais antigos sofriam com a disparidade de rendimentos, o aumento dos preços e a perda de valores identitários.

A proliferação de alojamentos locais e de hotéis, primeiro nas zonas históricas e centrais, rapidamente se expandiu para territórios mais periféricos, levando ao paradoxo que os stocks residenciais de ocupação permanente em Lisboa, em meados da década de 2010, eram inferiores aos que existiam antes da reabilitação dos milhares de fogos que se encontravam devolutos ou degradados no final da década de 1990 (SEIXAS, 2021). Nesse sentido, a

¹⁵ https://commission.europa.eu/about/departments-and-executive-agencies/joint-research-centre_en

¹⁶ https://www.lisboa.pt/fileadmin/portal/temas/economia/documentos/Economia_de_Lisboa_em_Numeros_2021.pdf

deliberação 123/AML/2022 de 14 de abril da CML¹⁷, veio suspender a atribuição de novas licenças de alojamento local pelo período de seis meses em zonas cujo rácio entre alojamentos permanentes e temporários fosse superior a 2,5%, numa tentativa de reforçar as medidas que já se encontravam em vigor nas chamadas zonas de contenção desde 2019 e que haviam sido aprovadas no Regime Jurídico da Exploração dos Estabelecimentos de Alojamento Local (RJEEAL) em 2014.

Ao contrário de outras cidades que tiveram movimentos de reconfiguração urbana, Lisboa acabou por ter uma gentrificação maioritariamente turística e financeira, e que nos últimos anos tem até afastado alguns dos coevos gentrificadores que tinham iniciado estes processos na capital portuguesa uma década antes (VAZ, 2022).

Paralelamente a atividade comercial acabou por acompanhar este movimento de reconfiguração. A antiga mercearia da esquina não consegue atrair novos clientes à medida que perde os clientes habituais, o barbeiro de idade avançada e a antiga loja de roupa despertam sorrisos e fotografias, mas o aumento das rendas e a diminuição das vendas constituem-se como fatores que quase inevitavelmente têm levado ao encerramento de muitos dos comércios tradicionais característicos em muitas zonas da cidade. Paulatinamente, estes são substituídos por estabelecimentos, que acentuam a especialização ou monofuncionalização dos produtos e serviços oferecidos (GUIMARÃES, 2023). O próprio setor da restauração, mais resiliente e adaptável, tem sofrido com as mudanças ocorridas na cidade com o aumento das rendas e da concorrência. Com o crescimento da emigração no período pós-pandemia, nomeadamente de países do sudoeste asiático e do Brasil, houve um incremento da procura de alojamentos na cidade e nas suas periferias, mas também da abertura de comércios de rua explorados por estes emigrantes, destacando-se em muitas zonas a venda de souvenirs e as lojas de conveniência para venda de produtos de ocasião a visitantes (VAZ, 2022).

Todas estas metamorfoses potenciaram novas dinâmicas sociais e relacionais, podendo-se questionar se estas têm levado à perda da identificação coletiva coeva daqueles territórios, sejam eles bairros, ruas ou apenas um quarteirão. Estarão assim estas novas realidades de usufruto temporário da cidade, a transformar irremediavelmente os modos de vida, práticas de convivência e de identidade de quem habita Lisboa? Está-se deste modo, como muitos defendem, a promover e difundir imaginários que são “construídos” para quem vem de fora (CORDEIRO, 2023) ou, apenas a forjar uma nova identidade do que é ser “lisboeta”.

¹⁷ <https://www.lisboa.pt/temas/urbanismo/estudos-planos-e-programas/alojamento-local>

2 Gentrificação, novos residentes, turismo de massas e *overtourism*

2.1 Gentrificação e novos residentes

A Civitas de uma cidade engloba diferentes dimensões políticas, socioculturais e identitárias. Estas dimensões resultam das normas e valores vigentes que forjam as relações de poder, por sua vez estas características determinam as dinâmicas sociais e por consequência os modos de habitar esse território (GOFF, LE e LEBRUN, 1998). Pode-se assim dizer que o grau de comprometimento e de conhecimento de uma população sobre os modos de habitar o seu território em cada momento acabam por consolidar ou fragmentar aquela que é a sua identidade coletiva sendo esta construída em cada momento da sua história (BROD e MAZZARINO, 2015).

As cidades sempre foram espaços de investimento, como tal sofreram desvalorizações e valorizações, ao sabor de ciclos, de interesses e mesmo de modas. Nova Iorque a partir do início da década de 1990 foi o exemplo de como uma cidade pode ser transformada num espaço multicultural, segregado economicamente e quase impessoal, com o investimento e a especulação imobiliária combinados, a cidade pôde ser “vendida” mais facilmente como uma marca. Foram estes fatores que acabaram por transformar a cidade no destino turístico mais desejado no mundo (VANOLO, 2018), mas também que levaram à homogeneização da sua identidade e à perda da autenticidade coeva, resultado da sua miscigenação cultural.

Nas últimas décadas estes fenómenos foram influenciados ou determinados por dois fatores essenciais, a globalização do mercado financeiro mundial com a sua elevada digitalização e, o aumento exponencial do turismo, em conjunto acabaram por dar visibilidade e acrescentar valor a territórios até aqui menos cobiçados, atraindo novos e diferentes intervenientes com poder económico que potenciaram mudanças de forma acelerada na composição social, económica, comercial e cultural em muitos deles (MENDES, 2015).

Portugal, foi nos últimos anos, território para investidores estrangeiros na área do imobiliário e da atividade turística, fruto da visibilidade que o turismo lhe trouxe, mas também pela adoção de políticas que o potenciaram, como a criação dos Vistos *Gold*¹⁸ e benefícios atribuídos aos chamados nómadas digitais, sendo Lisboa a face mais visível deste fenómeno. As transformações em pouco mais de duas décadas foram profundas e hoje são substantivas na realidade da cidade. Deste modo, a expansão, e mesmo a vulgarização dos investimentos imobiliários, acabaram por ser determinantes para a recomposição demográfica que grande parte da cidade e da sua área metropolitana têm sofrido, originando e exponenciando

¹⁸ https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=920&tabela=lei_velhas&nversao=1&so_miolo=

fenómenos como a gentrificação, a turistificação e a osmose entre diferentes realidades sociais e económicas, acabando por contribuir para o aumento das desigualdades sociais e económicas (SEQUERA e NOFRE, 2018).

A regeneração urbana, alavancada pela especulação imobiliária, foi o mote para uma aplicação a nível global, de uma agenda pautada pelo lucro obscuro e a acumulação de capital de poucos em detrimento de muitos (SALGUEIRO, 2017), exacerbando um modelo económico cada vez mais desigual e que tem potenciado problemas económicos e sociais a uma escala como já não se via, pelo menos na Europa, desde a década de 1920 quando a desigualdade entre os rendimentos do trabalho e do capital foram os maiores de sempre na história da humanidade (PIKETTY, 2014).

A gentrificação, nobilitação urbana, como se denomina em português (MENDES, 2012), acabou por mudar a face de muitas zonas em Lisboa, associada a esta, o crescimento do turismo veio acelerar o processo de recomposição demográfica da cidade (MENDES, 2013). Na atualidade, gentrificadores “primários” de Lisboa, são eles próprios vítimas do fenómeno, que se intensificou com as novas realidades laborais dos nómadas digitais e *city hipsters*, dando origem a uma hibridização da identidade, da cultura e das maneiras de viver a cidade, e que a tornaram menos acessível economicamente (SEQUERA e NOFRE, 2020).

A gentrificação, identificada em zonas urbanas de cidades inglesas no final dos anos sessenta do século passado, é hoje muito mais abrangente e transdisciplinar. Os seus limites já não são, como foram nas primeiras abordagens académicas e sociológicas, localizadas em espaços definidos ou determinados por “luta” de classes, entre os mais e os menos favorecidos económica ou socialmente, com mais instrução ou prestígio social (ROSE, 1984), as fronteiras são muito mais ténues e as definições para o seu estudo muito mais conceituais e abrangentes, na atualidade é residencial, mas também comercial e mesmo de nacionalidades (SEQUERA e NOFRE, 2018).

O “emburguesamento” de bairros ou zonas pobres de cidades, com a consequente substituição social e expulsão dos antigos residentes, já não preenche assim o que foi a gentrificação como fenómeno coevo de reorganização espacial do espaço urbano (GRAVARI-BARBAS e GUINAND, 2017). De espaços restritos, anteriormente ocupados por operários ou residentes de menores rendimentos passou-se para territórios mais vastos numa escala e numa dimensão que foi exponenciada pela ação de especuladores imobiliários que frequentemente nem conhecem os locais onde estão a investir (COCOLA-GANT, 2018).

Concomitantemente, na atualidade, o fenómeno foi incrementado pela massificação do turismo, mas também pelo trabalho à distância e pela elevada mobilidade de parte da

população, por norma mais jovem, e que procura experiências em diferentes países e realidades sociais.

Deste modo a gentrificação identificada por Ruth Glass na década de 1960 (GLASS, 1964), que radicava na diferenciação socioeconómica ou de estatuto dos protagonistas, chegou-se na atualidade a um processo que já não radica apenas e só nessa premissa. As diferenças entre gentrificação e turistificação são em muitos locais ténues, mas as consequências são quase as mesmas para os residentes (COCOLA-GANT, 2018). A desregulação do mercado imobiliário, a expropriação material e simbólica dos territórios e a mercadorização do espaço público, são consequências comuns a ambos os processos; por isso é tão difícil de distinguir onde começa um processo e acaba o outro (SEQUERA e NOFRE 2018).

2.2 Turismo de massas e overtourism

No início da segunda década do século XXI, Portugal assistiu a um crescimento exponencial da atividade turística, nestes últimos anos a única exceção foram 2020 e 2021 devido à pandemia de Covid 19 em resultado das restrições de viagens em todo o mundo¹⁹.

A última década foi assim de afirmação de Portugal como destino turístico internacional. A consolidação como destino turístico de excelência, a diversificação da oferta como destino cultural e, apesar de tudo acessível, quando comparado com outros destinos mais conhecidos e procurados, levaram a que sucessivamente se fossem batendo recordes no número de visitantes (Instituto Nacional de Estatística, 2024). Neste contexto de forte crescimento, Lisboa afirmou-se como cidade turística para estadias curtas, mas também como ponto de partida para visitas a outros destinos em território nacional. Mas, para que o turismo seja sustentável a nível ambiental, económico e social é importante o equilíbrio entre residentes, visitantes e os vários agentes envolvidos

A massificação do turismo em Lisboa teve, como seria de esperar, benefícios e custos, tendo consequências no tecido social, económico, residencial e comercial da cidade, a proliferação dos Alojamentos Locais (A.L.) é apenas uma das faces mais visíveis desta situação.

O crescimento exponencial que os AL tiveram em pouco mais de dez anos, foi potenciado pelas plataformas, em concomitância com o aumento dos turistas, muitos deles trazidos por companhias aéreas de baixo custo, que graças à digitalização quase total dos seus serviços puderam reduzir tarifas e liberalizar as viagens, que até aí não eram acessíveis a pessoas com menores recursos (VIDAL et al, 2023).

¹⁹ <https://dadosabertos.turismodeportugal.pt/>

A *Air Bed and Breakfast*, AIRBNB²⁰, plataforma digital de aluguer de alojamentos locais tinha, no final de 2024, mais de sete milhões de anúncios em mais de duzentos países, dominando o mercado mundial de alojamentos privados. Em Lisboa, foi em abril de 2009 que apareceu o primeiro anúncio nesta plataforma promovendo um apartamento, mais precisamente na zona de Belém (SEIXAS, 2021). Dez anos depois deste primeiro anúncio eram já milhares os alojamentos locais registados em Lisboa em diferentes plataformas, com um crescimento intenso e imparável até ao ano de 2020 (FERNANDES, 2019).

A crise pandémica retraiu a expansão, mas a partir de 2022, mesmo com as restrições impostas pela CML nas freguesias centrais onde o negócio atingiu proporções alarmantes, retomaram-se os licenciamentos e os alugueres à margem da lei, reconhecendo o município a dificuldade em monitorizar o número efetivo de AL em atividade²¹.

Os números são reveladores desta realidade, entre janeiro e março de 2022, com a ameaça da proibição de novos licenciamentos os pedidos tiveram um crescimento de mais de 382% face ao ano anterior, comparando com 2019, o último ano sem estas limitações, os pedidos cresceram mais de 25%, sinal que a procura e o otimismo com o turismo já tinha sido recuperado totalmente. Se os números são eloquentes, não são de todo fiáveis, pois calcula-se que as diferenças entre o Registo Nacional de Alojamento Local (RNAL) e a *Short-Term Rental Data Analytics*, AirDNA²², uma base de dados que agrega os registos ativos nas plataformas de alojamento de curta duração em todo o mundo, sobre Portugal são significativas.

No RCMALL (Relatório de Caracterização e Monitorização do Alojamento Local), publicado pela CML em 2023, com dados apurados até final de 2022, identificaram-se os rácios das freguesias centrais entre alojamento permanente e temporário. Neste relatório podemos verificar que em Santa Maria Maior era 52%, Misericórdia 39 %, Santo António 26 % e São Vicente 16 %, mas mesmo em freguesias mais periféricas os números eram já significativos e a tendência observada é que continuem a aumentar.

Pela plataforma do RNAL, em finais de 2024, Portugal tinha mais de cento e quatorze mil registos ativos, 25% deles em Lisboa, a grande maioria nas áreas centrais da capital, podendo mesmo assim não espelhar a totalidade dos alojamentos que estão colocados no mercado turístico (Turismo de Portugal, 2024).

²⁰ <https://www.airbnb.pt/>

²¹ https://www.lisboa.pt/fileadmin/portal/temas/economia/alojamento_local/RelatorioCaracterizacaoMonitorizacaoAlojamentoLocal.pdf

²² <https://www.airdna.com>

Na figura 2, podemos observar a concentração de alojamentos locais nas freguesias centrais de Lisboa, sendo também visível a dispersão para zonas mais afastadas do centro histórico:



Figura 2 – Alojamentos locais registados nas freguesias do centro de Lisboa – dados atualizados em outubro de 2024. Fonte: LXI – Lisboa Interativa.

Esta projeção internacional de Lisboa enquanto destino turístico, com o consequente aumento de visitantes, teve sérios impactos no mercado da habitação da cidade.

O novo regime de arrendamento (NRAU), que entrou em vigor em 2012, conhecida com a Lei Cristas ²³, Lei nº 31/2012 de 14 de agosto²⁴, veio alterar substancialmente o Decreto-Lei nº 47344 de 25 de novembro de 1966 que havia cristalizado muitas das rendas mais antigas, ao permitir que os senhorios fizessem atualizações aos valores cobrados. Apesar de proteger os arrendatários mais idosos ou de baixos rendimentos, as consequências a médio prazo foram que muitos residentes tiveram de abandonar as suas casas por não conseguirem pagar os novos valores pedidos ou porque acabaram por ser pressionados pelos novos proprietários.

A procura de ativos imobiliários, facilmente convertíveis em ativos financeiros, potenciados pelo incremento do turismo, acabaram por atrair investimento estrangeiro e novos moradores, essencialmente de elevados rendimentos. Os *golden visa*, programa de benefícios fiscais a residentes não habituais, instituído pela Lei nº 23/2007 de 4 de julho²⁵, o regime fiscal para Fundos de Investimento Imobiliário, extremamente atrativo nos primeiros anos da década, a par da revisão do Plano Diretor Municipal de Lisboa (PDM) em 2012, que liberalizou o uso

²³ Assunção Cristas, Ministra do Ambiente e Ordenamento do Território no governo de Pedro Passos Coelho entre 2011 e 2015

²⁴ <https://diariodarepublica.pt/dr/analise-juridica/lei/31-2012-175305>

²⁵ <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/23-2007-635814>

do solo urbano permitindo a concessão de créditos de construção aos investidores, acabaram por transformar Lisboa num terreno de forte especulação imobiliária com consequências para a população local, ao mesmo tempo que a atividade turística se intensificava.

Pelos dados do Turismo de Portugal, em Lisboa entre 2012 e 2018, o número de dormidas em hotéis e alojamentos locais cresceu 145%, a cidade que recebia até ao início do século apenas 10% do total de turistas do país, representava em 2020 já mais de 20%.

Nos anos seguintes, com a crise pandémica a nível mundial que levou à suspensão primeiro e, à limitação entre 2020 e 2021 das viagens, os números desceram significativamente e o setor passou por dificuldades, mas pelos dados do Turismo de Portugal, até 2022, ano de recuperação na atividade, o ano de 2019 continuou a ser o melhor ano de sempre em Portugal e na área metropolitana da capital. Analisando os dados de 2023, desta entidade, certificados pelo INE e pelo Banco de Portugal, entidades responsáveis pela elaboração das estatísticas da atividade em Portugal, podemos concluir que este tinha sido o melhor ano de sempre do turismo nacional. Em 2023 foram registados quase 30 milhões de hóspedes, dos quais quase 19 milhões estrangeiros, comparando com 2019 representa um crescimento de 13,3% e com 2022 quase 20%. Relativamente a dormidas, estas ascenderam a mais de 77 milhões, das quais 54 milhões de visitantes vindos de fora do país, fazendo com que o aumento fosse mais de 10% no total, tendo os não residentes um aumento de quase 15%²⁶.

Em Lisboa e na sua área metropolitana, analisando os mesmos dados, podemos concluir que a região acompanhou, superando mesmo o crescimento ocorrido a nível nacional. Entre janeiro e dezembro de 2023 o total de hóspedes chegou quase aos 9 milhões, representando um aumento de mais de 15% quando comparado com 2022 e, mais de 7% com 2019, o melhor ano de sempre pelos registos até 2023. Analisando só as dormidas os números também são expressivos, mais de 12% para 2022 e quase 9% para 2019. Destes totais, os não residentes representam mais de 70% do total, com destaque para os norte-americanos que tiveram aumentos tanto no número de chegadas como de dormidas de mais de 30%. O crescimento dos mercados turísticos de fora da Europa, essencialmente americanos, canadianos e brasileiros, acabam por explicar parte do aumento de turistas em Portugal e em Lisboa, compensando o menor crescimento ou mesmo a diminuição de visitantes vindos de mercados tradicionais (Instituto Nacional de Estatística, 2024). Espanhóis e franceses tiveram no ano de 2023 um aumento que não chegou aos dois dígitos e outros países como a Irlanda, Bélgica e Países Baixos, tiveram mesmo uma diminuição no número de dormidas, reflexo das

²⁶ <https://travelbi.turismodeportugal.pt/turismo-em-portugal/turismo-numeros-2023/>

visitas de *City Break* que normalmente não excedem as duas noites de estadia. Nestas entradas destacam-se os passageiros desembarcados de cruzeiros, que tiveram um aumento de 54% quando comparado com 2022 e mais de 30% relativamente a 2019, muitos deles em trânsito o que significa que a maioria não tem expressão quanto ao número de dormidas ²⁷.

Em 2024, quase no final do ano, as projeções apontam já para novos recordes no número de turistas que visitaram Portugal e a região de Lisboa. No total nacional, serão mais de 30 milhões de visitantes, ultrapassando os 80 milhões de dormidas e gerando receitas calculadas em 27 mil milhões de euros, comparando com o período homólogo em 2023, o crescimento cifra-se em 3,9%, sendo que em Lisboa o crescimento deverá ser superior à média nacional, consolidando a cidade como principal destino turístico nacional ²⁸.

A visibilidade de Portugal no panorama turístico internacional colocou o país como destino apetecível para um leque muito abrangente de atividades. A mudança de paradigma de destino de sol e praia, que perdurou até final do século XX, para destino cultural, histórico e de múltiplas facetas, potenciou a massificação do turismo em muitas regiões do país, com mais incidência nos dois grandes centros urbanos, Lisboa e Porto.

Analisando o aumento exponencial dos fluxos turísticos na capital, os últimos vinte anos e particularmente a última década, contribuíram para transformar a essência da cidade. O turismo tornou-se onnipresente, espalhou-se para zonas que tradicionalmente não eram associadas ao fenómeno e acabou por influenciar muito do que a cidade é hoje. Estas metamorfoses são explicadas em grande medida pelos números acima referidos, pois o turismo de massas em Lisboa acabou por potenciar, em pouco mais de dez anos, profundas alterações no tecido social e comercial da cidade mas, dependendo das perspetivas e dos interesses de quem analisa estas transformações as opiniões tanto podem ser positivas como negativas (SEQUERA e NOFRE 2020).

Quando em 2009 apareceu em Lisboa o primeiro anúncio de um alojamento na plataforma AIRBNB, já existiam em Berlim sinais de contestação à presença excessiva de turistas em muitas zonas da cidade. “*Tourists Berlim does not love you*”, era a mensagem que se via em muitos locais, sinal que os turistas já não eram assim tão bem acolhidos na cidade símbolo da divisão da Europa da Guerra Fria (COLOMB & NOVY, 2017).

Cidades como Paris, Londres, Roma ou Nova Iorque, onde a massificação do turismo e os seus efeitos, são há muito observados, ou casos mais recentes como Amesterdão, Praga e Barcelona, nas décadas finais do século XX, começaram a tomar medidas para pelo menos

²⁷ <https://dadosabertos.turismodeportugal.pt/>

²⁸ <https://travelbi.turismodeportugal.pt/turismo-em-portugal/estimativas-rapidas-novembro-2024/>

mitigar as consequências que esta massificação acabou por originar nos anos mais recentes (FERREIRA, 2009). Estas consequências têm levado à multiplicação dos movimentos de contestação por parte de residentes, utilizadores, muitos apenas tem ali os seus empregos, mas também de quem quer usufruir do espaço público, consubstanciado nos monumentos, restaurantes, transportes, jardins e comércios das cidades.

A atividade turística relaciona-se assim diretamente com o território, quer isto dizer que a sua ação acrescenta, funcionaliza e modifica elementos pré-existentes e tem sempre consequências para este, e quando não são paisagens naturais ou locais desabitados, para sua população (BENI, 2007). Estes fenómenos de desfuncionalização de territórios afetados pela atividade turística, foram observados primariamente em destinos de praia ou em cidades que pela sua história e importância desde cedo atraíram muitos visitantes (BARROS, 1998). O problema na atualidade é que estas consequências são exponenciadas pela elevada mobilidade global, levando a que locais com menos visibilidade e até há relativamente pouco tempo quase desconhecidos, começassem a ser afetados rapidamente.

Mário Carlos Beni, sustentava que um território em que a atividade turística provoca mudanças substantivas nos seus elementos e na sua população, alterando-o decisivamente se pode considerar turistificado (BENI, 2007).

Por isso quando falamos de uma cidade turistificada, observam-se mudanças ao nível das infraestruturas com a construção de novos hotéis ou outros tipos de alojamentos, mas também de novos comércios que visam essencialmente servir os visitantes. Concomitantemente, locais que eram procurados essencialmente pelos residentes começam a ser frequentados pelos turistas, levando a uma partilha que por vezes pode levar a conflitos, pois numa cidade o objeto a ser consumido é o seu espaço e este consumo faz-se com frequência tendo em vista os diferentes propósitos dos protagonistas (BARROS, 2016).

Quanto mais o turismo se torna global, banal e excessivo, mais os seus promotores enfatizam as características nacionais, regionais e locais de determinados destinos, como meio de os promover distintamente de outros (WILLIAMS, 2014). Recorrentemente estas características, sejam elas expressas em tradições, identidades, produtos, personagens ou mesmo monumentos, são “moldadas”, “adaptadas” e mesmo modificadas pelo marketing e pelos interesses de quem serve primeiramente a indústria turística, frequentemente isto acaba por levar a uma artificialização do que é oferecido, servindo na maioria das vezes apenas para distinguir este destino de outros e atrair mais visitantes (ZUELOW, 2009).

O turismo de massas, tem levado em muitas cidades ao aumento das desigualdades sociais, à descaraterização dos territórios e à perda da identidade, das tradições e mesmo da cultura

coeva (BARRETO, 2000). Deste modo, com a ludificação das cidades, estas acabam por transformar-se em locais que muitos residentes já não sentem como sendo a sua cidade, criando sentimentos de impotência, mas também de resiliência e apelo a mudanças, que visam pelo menos mitigar as consequências desta massificação (STEVENS, 2007).

Com isto os movimentos de contestação têm aumentado em muitos locais e são por isso cada vez mais frequentes as notícias sobre estes movimentos contra o que as populações entendem ser turismo excessivo ou massificado.

Nos últimos anos não faltam exemplos diários na imprensa, como se pode observar:

- “Na Grécia, moradores fingem pragas de percevejos para afastar turistas dos AL”.²⁹
- “Vão para casa”: habitantes de várias cidades europeias estão a lutar contra o turismo excessivo”³⁰.
- “Praga luta contra os problemas do turismo em excesso”³¹.

São muitas as referências a movimentos de contestação ao turismo excessivo em muitos territórios, mas no caso de Lisboa, mais do que dar destaque a estes movimentos, podemos observar que a atratividade do destino e o seu consequente sucesso, teve efeitos na promoção da cidade e deu origem ao que podemos chamar de publicidade negativa, como se pode aferir pelas notícias seguintes:

- “Já se ouve falar mais português no Luxemburgo do que em certa Lisboa”³².
- “*Arrivederci* Lisboa, foi bom enquanto duraram os 10 anos: preços da habitação e fim do RNH³³ põe os reformados italianos em fuga de Portugal”³⁴.
- “Lisboa está a morrer de sucesso: nova “meca” do turismo internacional está em destaque na imprensa estrangeira”³⁵.

Podemos concluir por estas notícias que os problemas associados ao excesso de turismo estão não só a afetar os residentes locais, mas também quem visita a cidade e mesmo quem a escolheu para viver ou ter uma segunda habitação. Relativamente à notícia sobre o facto de já se ouvir falar mais português no Luxemburgo do que em Lisboa, a mesma foi publicada num

²⁹ <https://www.publico.pt/2023/12/06/p3/noticia/grecia-moradores-fingem-pragas-percevejos-afastar-turistas-al-2072754>, 6 de dezembro de 2023

³⁰ <https://executivedigest.sapo.pt/noticias/vao-para-casa-habitantes-de-varias-cidades-europeias-estao-a-lutar-contra-o-turismo-excessivo/>, 15 de março de 2024;

³¹ <https://www.dw.com/pt-br/praga-luta-contra-os-problemas-do-turismo-em-excesso/a-70812958>), 24 de novembro de 2024

³² <https://www.contacto.lu/portugal/ja-se-ouve-falar-mais-portugues-no-luxemburgo-do-que-em-certa-lisboa/4716083.html>, 12 de novembro de 2023

³³ <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/249-2009-490420>

³⁴ <https://expresso.pt/economia/2024-01-03-Arrivederci-Lisboa-foi-bom-enquanto-duraram-os-10-anos-precos-da-habitacao-e-fim-do-RNH-poe-os-reformados-italianos-em-fuga-de-Portugal-7d813572>, 3 de janeiro de 2024

³⁵ <https://executivedigest.sapo.pt/noticias/lisboa-esta-a-morrer-de-sucesso-nova-meca-do-turismo-internacional-esta-em-destaque-na-imprensa-estrangeira/>, 30 de maio de 2024

site da comunidade portuguesa naquele país e é da autoria de um fotógrafo nacional, antigo residente da cidade, que constatou com tristeza que se ouve falar mais a língua de Camões no Grã-Ducado do que na capital do país onde nasceu.

O *CIA Landlords* ³⁶, site especializado em investimentos imobiliários, no seu estudo anual publicado no final de 2024 coloca Lisboa como a terceira cidade menos viável a nível mundial para se viver. Quando comparado o custo de vida em geral, a média salarial e o preço a pagar por uma habitação, a cidade fica apenas atrás de Roma e Londres, sinal que mesmo para muitos não nacionais que procuravam a cidade para se estabelecerem devido aos seus preços razoavelmente baixos a situação alterou-se significativamente nos últimos anos.

Numa outra vertente, o prestigiado site *Fodor's Travel Guides* ³⁷, empresa sediada em *Los Angeles* no Estados Unidos com mais de 80 anos de experiência em guias turísticos, coloca Lisboa na sua *No List 2025*. Lisboa tem sido um dos destinos mais destacados, recomendados e procurados pelos utilizadores do site, tendo reiteradamente feito parte da lista de destinos a visitar, mas para o ano de 2025, os editores enfatizam que: “mesmo que a cidade continue a ser cultural e historicamente significativa, as mudanças ocorridas têm priorizado os visitantes sobre o bem estar dos residentes, tendo-se tornada excessivamente cara, homogeneizada ou mesmo em risco de destruição, podendo não constituir uma boa experiência para quem a visita”, dá-se ainda destaque ao facto que, “neste destino os problemas são reais e urgentes e o primeiro passo para os resolver é reconhecer que estes existem e que se estão a tornar insuportáveis para a população local, caso não aconteça isto pode vir a afastar os visitantes”.

Nesta descrição podemos perceber que mesmo os intervenientes da atividade turística já têm a perceção que os problemas associados à atividade estão a afetar os próprios visitantes, podia presumir-se então que a adoção de medidas no sentido de atenuar ou mitigar as suas consequências já deveriam estar a materializar-se em resultados positivos.

Apesar da identificação clara das consequências do turismo excessivo, as notícias sobre estas na cidade de Lisboa são frequentes e sobre diferentes temáticas, como podemos constatar pelas notícias seguintes e que abrangem os anos de 2022 a 2024:

- “Em três anos, quase 76 mil pessoas saíram de Lisboa e do Porto”³⁸.
- “Cada hotel na Baixa destrói em média quatro a cinco lojas. Tem de haver regulação, o comércio é uma parte essencial da cidade”³⁹.

³⁶ <https://www.cia-landlords.co.uk>

³⁷ <https://www.fodors.com/news/news/fodors-no-list-2025>

³⁸ <https://www.publico.pt/2022/12/02/economia/noticia/tres-anos-quase-76-mil-pessoas-sairam-lisboa-porto>

³⁹ <https://cnnportugal.iol.pt/videos/cada-hotel-na-baixa-destrui-em-media-quatro-a-cinco-lojas-tem-de-haver-regulacao-o-comercio-e-uma-parte-essencial-da-cidade/6595d71c0cf25f9953927ba3>, 3 de janeiro de 2023

- “Apesar das restrições, peso do alojamento local sobre a habitação é cada vez maior”⁴⁰.

Com os exemplos acima referidos podemos aferir da diversidade dos problemas abordados. Mesmo com a recuperação de muitos fogos para habitação, a passagem de alojamento permanente para temporário tem levado a que a cidade continue a perder residentes; apesar de o turismo já ser considerado excessivo, até pelos agentes ligados à atividade, a abertura de novos hotéis parece não abrandar, ao mesmo tempo que o comércio tradicional continua a encerrar consecutivamente.

Em 2019 no site *traveltrips.com*⁴¹ podíamos ler coisas como: “Os bairros autênticos de Lisboa são verdadeiros tesouros a serem descobertos, repletos de tradições, arquitetura peculiar e uma atmosfera acolhedora que cativa quem os visita”. A referência é a Alfama e a Mouraria, mas dizer que estes bairros continuam com as suas tradições e atmosfera acolhedora quando grande parte das suas casas são alojamento local e os seus comércios são essencialmente para visitantes poderá no mínimo ser enganador.

Numa referência ao Fado, diz-se, “As Casas de Fado oferecem uma experiência íntima onde os visitantes e moradores locais podem sentir a verdadeira essência da cultura lisboeta”, e que, “a canção tem um papel crucial na transmissão das tradições e dos valores culturais da cidade”. Se pensarmos que as Casas de Fado que continuam abertas recebem essencialmente turistas e muitas delas, seja pelos preços que praticam, seja por quem ali canta e o quê, entramos de novo na esfera da construção de uma identidade, que na atualidade reflete a difusão massificada de um conceito com o intuito de promover algo cuja essência já tem pouco a haver com o que era.

Mesmo que a CML tenha limitado em 2019 o licenciamento de novos alojamentos locais, também é verdade que o número de alojamentos noutras zonas não parou de aumentar, o que levou ao reforço das medidas aprovadas por parte do município lisboeta em 2022 ⁴² tendo em vista a suspensão de atribuição de novas licenças de AL.

⁴⁰ <https://www.publico.pt/2024/11/24/economia/noticia/apesar-restricoes-peso-alojamento-local-habitacao-maior-2113098>, 24 de novembro de 2024

⁴¹ <https://traveltrips.com/bairros-autenticos-de-lisboa/>

⁴² <https://www.lisboa.pt/temas/urbanismo/estudos-planos-e-programas/alojamento-local>

3 Comércios de Lisboa

3.1 As décadas finais do século XX - Novos hábitos, novas funções

No início do século XX, a Lisboa coeva da zona ribeirinha expande-se para norte, para as Avenidas Novas, afastando-se do rio onde durante séculos teve o seu centro económico e comercial. Mais tarde, com o contínuo crescimento da cidade para noroeste e Oriente, Lumiar e os Olivais vão recebendo novas construções e residentes, criando novos “centros” residenciais, mas também de oferta comercial (SEIXAS, 2021). Este período marca a mudança de paradigma da oferta comercial na cidade à qual não foi alheia a expansão da cidade para zonas até aí com menos moradores, mas também para as periferias, com muitas famílias a mudaram-se para zonas em que novos fogos vão aparecendo em grande número.

Na década de 1960, excetuando os grandes armazéns e conhecidas casas de retalho de média dimensão na zona da Baixa/Chiado, os comércios de Lisboa eram essencialmente pequenos estabelecimentos nas ruas centrais com mais movimento e localizados nos pisos térreos dos edifícios em espaços de habitação que haviam sido adaptados para a atividade comercial (SALGUEIRO, 1989).

Foi por esta altura que abriu o primeiro supermercado em Lisboa que tinha como novidade a área de exposição e a oferta de produtos muito superiores às das inúmeras mercearias que a cidade tinha à época, mesmo as de maior dimensão e, já na década de 1970, aquele que podemos chamar de primeiro “centro comercial” da cidade inaugurado na zona das Avenidas Novas (SALGUEIRO, 1989).

Em 1971 o Apolo 70, nome que era uma homenagem à missão espacial que tinha levado o homem à lua dois anos antes, abriu junto ao Campo Pequeno com 41 lojas e 3.000 m². Era basicamente uma galeria comercial nos pisos térreos de um prédio de habitação e, foi durante muitos anos local de encontro e de passeio onde se ia porque era chique ou uma novidade vinda de fora (SALGUEIRO, 1989). Se o baixo poder de compra dos portugueses e de conhecimento das novidades vindos de outros países atrasou a penetração destas novas formas de comércio, que já eram comuns nos Estados Unidos e na Europa, este período acabou por marcar também a expansão e a adesão de muitos deles a este novo conceito de fazer compras, alicerçado pela expansão económica, mas também pela abertura ao exterior (SALGUEIRO, 1989).

A década de 1970 representou também o crescimento da área urbana da cidade e das suas periferias e de aumento de residentes, os censos de 1981 marcam o período em que Lisboa

teve o maior registo de população de sempre⁴³. Apesar deste aumento, no centro histórico a população diminuiu, havendo por esta altura muitos estabelecimentos devolutos ou arrendados para escritórios e armazéns de empresas na cidade, sinal que a cidade em crescimento se estava a afastar do rio e das zonas mais antigas onde tinha o seu centro comercial por excelência (SALGUEIRO, 1989).

Em 1985 abre o centro comercial das Amoreiras. Prédios modernos, que chamam a atenção pela arquitetura e que concentram em 26 mil m² 238 lojas, muitas delas pela primeira vez em Portugal, um verdadeiro sucesso em que o cliente podia comprar uma variedade imensa de produtos sem sair do mesmo espaço, algo inovador e que atraía portugueses das mais diferentes zonas à capital (SALGUEIRO, 1989).

A Baixa e a zona do Chiado concentravam algumas das lojas mais antigas da cidade ainda em funcionamento. A Casa Batalha, antiga Casa dos Vinte e Quatro, mantinha-se desde 1635 de portas abertas, a mercearia de luxo Martins da Costa, aberta pouco depois do terramoto de 1755 também, assim como a Valentim de Carvalho (FERNANDES e FIDALGO, 2020), e claro, os armazéns do Grandella de final do século XIX e os do Chiado, refundados em 1905 pela família Nunes dos Santos⁴⁴. Estes dois últimos eram aquilo que mais tarde se veio a designar como lojas “âncora” dos modernos centros comerciais, mas neste caso da zona da Baixa. Esta variedade e exclusividade de oferta atraía diariamente muitos residentes e visitantes de Lisboa às ruas simétricas da baixa pombalina, mas também às mais escondidas e apertadas do Chiado. Paralelamente morar na zona era sinal, se não de riqueza pelo menos de importância social, o ecletismo era a norma vigente para quem ali habitava e tinha o privilégio de ter todos estes comércio perto de casa. Até meados da década de 1960 a zona manteve o estatuto de centro comercial da cidade e social que tinha desde a reconstrução pós 1755.

Em 1988, o grande incêndio do Chiado veio agudizar as dificuldades, que já se vinham a verificar, não só nesta zona, mas também na cidade, que perdia residentes para as suas periferias (SEIXAS, 2021). Os números finais da tragédia acabaram por refletir esta evidência que os registos da população na zona da Baixa já comprovavam, o abandono populacional da zona. Dos dezoito edifícios totalmente destruídos e das várias dezenas que foram afetados, apenas terá havido cinco desalojados, por outro lado mais de duas mil pessoas terão ficado sem emprego devido às quarenta empresas que tiveram de encerrar temporária ou definitivamente (FERNANDES et al, 2020). No final da década, no Chiado eram já poucos os residentes habituais, a zona era local de passagem ou de compras esporádicas, à noite as ruas

⁴³ https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_historia_pt

⁴⁴ <https://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt/incendio-do-chiado-56613>

estavam desertas e muitos não se aventuravam a passear na Baixa.

Em 1997 abriu o Centro Comercial Colombo na zona de Benfica já relativamente afastado do centro da cidade, mas junto ao principal eixo viário da capital e onde o enorme parque de estacionamento permitia um fácil e cómodo acesso de automóvel. Por esta altura já os centros comerciais e os hipermercados faziam parte da paisagem urbana dos arredores de Lisboa. O Centro Comercial Colombo, ainda hoje um caso de sucesso com as suas 304 lojas, teve repercussões quase imediatas em muito comércios da cidade que começaram a sentir que os seus clientes se afastavam cada vez mais do centro e das lojas de rua que iam resistindo a este fenómeno das periferias e dos centros comerciais.

Em meados do século XX, 62% da população da área metropolitana vivia em Lisboa, em 2001 era apenas 21%, por outro lado o peso no total nacional, desta cada vez maior urbe, passou de 15 para 25%, sinal que não era cidade que atraia novos habitantes, eram as suas periferias (SEIXAS, 2021). Os dados expressam esta realidade, em 1960 a cidade de Lisboa concentrava quase metade dos alojamentos de toda a área metropolitana, cinquenta anos depois, em 2011, era pouco mais de 22%, mas quase 20% dos fogos na cidade encontravam-se degradados e 16% devolutos, qualquer coisa como cinquenta mil fogos (SEIXAS, 2021).

Em apenas uma década, entre 1981 e 1991, Lisboa perdeu mais de cento e cinquenta mil residentes⁴⁵, foi um período de forte desvitalização demográfica mas também comercial, situação que se manteve até à primeira década do século XXI, com isto, muitos dos clientes destes comércios foram perdendo o hábito de fazer compras na cidade. A abertura de novos estabelecimentos em substituição de outros que, não quiseram ou não conseguiram manter a sua atividade sempre aconteceu; o tecido comercial atual é diferente do existente há 50 anos, e muitos dos que encerraram apenas existem na nossa memória ou em registos, mormente se tinham alguma característica que os diferenciava dos outros, fosse pela localização, produtos vendidos, arquitetura ou importância histórica e anos de atividade.

Esta metamorfose de Lisboa acontecia diariamente, mas a um ritmo moderado, foram anos de mutação, mais rápida do que no passado, é verdade, mas em que os contemporâneos podiam ver e acompanhar. Sabia-se quando uma loja fechava, quando alguém morria ou mudava para a “terra” de onde os pais ou eles próprios tinham vindo. Eram coisas visíveis aos olhos de todos, mas em que se sabia quando e porque é que aconteciam, os vizinhos e os clientes podiam despedir-se e mesmo confraternizar antes de acontecerem e, havia períodos em que nada acontecia. Muitos destes estabelecimentos comerciais eram também locais de

⁴⁵ https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_historia_pt

convívio, de socialização, de discussão dos problemas da comunidade ou dos vizinhos, mas também onde se pedia ajuda quando existiam problemas (CACHINHO et al., 2020).

Depois da consolidação da democracia e com o crescimento económico nas últimas décadas do século XX, novos hábitos, exigências e conhecimento dos consumidores, levaram a transformações no tecido comercial da cidade muito mais aceleradas.

Abriam-se novos negócios pensados para um novo tipo de cliente, mais instruído e mais informado, importaram-se novos produtos, chegaram as multinacionais, apareceram os grandes supermercados nas periferias que se expandiram para territórios cada vez mais afastados do centro, especializou-se o comércio e globalizaram-se os gostos (CACHINHO et al., 2020). As lojas de bairro ou rua, que vendiam produtos ou serviços e os estabelecimentos de comer e beber, eram centros de difusão de hábitos, representações, histórias e da identidade cultural de Lisboa, eram e ainda são, pelo menos as que ainda se mantêm abertas.

3.2 Comércios e turismo - A monofuncionalização ou o fim da diversidade?

Numa perspetiva mais liberal ou mais protecionista, quando se olha para o conjunto das consequências do aumento do turismo em muitas cidades, com mais impacto nas zonas centrais, pode-se concluir que este aumento acabou por dar origem a mudanças profundas. Inevitavelmente a concentração de visitantes em determinadas zonas, acabou por influenciar de forma decisiva o preço das rendas fossem elas comerciais ou residenciais (COCOLAGANT, 2018) e, conseqüentemente, moldar o tipo de comércio aí existente. Tendencialmente o comércio acaba por ter um consumidor-alvo assente nas características destes visitantes, na medida em que estes lhe garantem maior rentabilidade, com isto, a diversidade da oferta de produtos e serviços diminuí, levando à especialização e ao aumento da monofuncionalização dos estabelecimentos que abrem (GRAVARI-BARBAS e GUINAND, 2017, p. 7).

Em Lisboa tem-se assistido, com mais visibilidade nos últimos anos, a uma concentração de comércios que têm o turista como cliente preferencial, mas também, fruto da gentrificação verificada, os novos residentes, muito deles não-nacionais, negligenciando a população local, que se vê confrontada com novos estabelecimentos que não servem as suas necessidades (GUIMARÃES, 2022). Consequência do *overtourism*, muitas cidades turísticas têm assistido aos impactos negativos da atividade na sua composição demográfica e comercial, sendo que nos últimos anos, estes fenómenos têm sido exponenciados (MILANO et al., 2021).

À exceção da Baixa, Lisboa sempre se caracterizou por pequenas lojas geridas familiarmente (CACHINHO et al., 2020), mercearias, estabelecimentos de serviços e produtos que satisfaziam quase sempre as necessidades da população residente na zona onde se

localizavam. Sendo o comércio um dos elementos definidores dos espaços urbanos, o seu estudo acaba por ser ele próprio baseado nas metamorfoses e na evolução dos próprios espaços em que se inserem, acabando por dar importantes contributos para a análise das mudanças que ocorrem com o passar dos anos (SALGUEIRO, 1989).

No caso específico de Lisboa, as duas últimas décadas foram proporcionadoras de profundas transformações sociais, demográficas e comerciais, resultado direto da massificação do turismo, aumento da comunidade emigrante e de um processo de nobilitação que se foi acentuando, mais visível numa primeira fase nos eixos centrais ligados à atividade turística e que progressivamente se foi estendendo a outros territórios (CACHINHO et al., 2020).

Os pequenos comércios a retalho fazem deste modo parte da identidade de uma cidade, exprimindo frequentemente tradições e a autenticidade local, constituindo-se como parte da construção histórica e social que ajudaram a definir o espaço onde se inserem (GUIMARÃES, 2021), porque ao providenciarem produtos e serviços, criarem emprego e dinâmicas em territórios específicos com escala reduzida, acabam por ser determinantes para a definição e caracterização desses territórios.

Lisboa, sempre refletiu esta realidade, muitos nomes de ruas com referências a profissões, produtos ou atividades diretamente ligadas à vida económica da cidade, compartimentaram em zonas específicas trabalhos, produtos ou profissões (CORDEIRO, 2001), marcando e caracterizando aglomerados urbanos dentro da cidade, sendo que alguns, até há pouco tempo, ainda eram conhecidos por esta ligação que com o passar dos anos se foi perdendo.

As três décadas finais do século foram anos de desafios para muitos comerciantes de Lisboa, mas apesar de tudo, a conjugação de alguns fatores tornou possível a sobrevivência de muitos negócios. A não atualização das rendas e a falta de interesse no edificado residencial e comercial destas zonas foi adiando aquilo que já acontecia em muitos centros históricos em cidades na Europa e um pouco por todo o mundo ocidental, uma recomposição do comércio urbano (CACHINHO e SALGUEIRO, 2016).

Em Portugal, nas décadas finais do século XX, acentuou-se a mobilidade dos clientes, passando o automóvel a fazer parte da equação das compras a efetuar e onde (SALGUEIRO, 1997). Passou a comprar-se mais e mais barato, há produtos que já não se reparam, substituem-se, na alimentação vai-se mais aos *fast food* da moda e menos ao restaurante do “senhor Zé”, o que vem de fora é melhor e mais chique, os “espaços de comércio” transformaram-se em “lugares de consumo” (CACHINHO e SALGUEIRO, 2016). Com isto em muitas zonas de Lisboa o comércio de rua tenta resistir. A nova geração, nascida quase toda já em democracia, passa a vir à cidade para trabalhar, de carro ou de transportes,

“perdem” horas na deslocação, enquanto Lisboa envelhece e perde habitantes (ROSA, 2000).

Lisboa foi-se “esvaziando” de residentes nas décadas finais do século XX, mas a massificação do turismo e a recomposição demográfica que ocorreu, no século XXI, acabou por “revitalizar” o tecido comercial em muitas zonas da cidade, mas também por ter consequências nos seus comércios tradicionais.

Todas estas transformações levaram ao debate entre os defensores da atividade turística como potenciadora de benefícios económicos para o país e para a população local em particular, dada a sua abrangência e impacto nesses territórios e, os que argumentam que a pressão sobre estes, com aumentos do preço da habitação, monofuncionalização do comércio e os problemas associados ao uso recreativo do espaço público, anteriormente reservado para os moradores, os beneficia muito pouco (FONTES E CORDEIRO, 2023).

Se estas mudanças começaram mais cedo e por consequência são mais visíveis no centro da cidade, mais recentemente zonas mais periféricas sofreram alterações de forma acentuada e com grande impacto nas populações locais, levando ao fecho e reconversão de inúmeros comércios e à gentrificação de bairros tradicionalmente menos conectados ao turismo (GUIMARÃES, 2022b).

Com a evidência destas consequências, foram criados programas no sentido de apoiar a preservação de alguns dos comércios mais emblemáticos e de maior importância histórica e cultural para a cidade. Lisboa, mas também a cidade do Porto, criaram os seus próprios programas de proteção do comércio tradicional. “Lojas com História e “Porto com Tradição” têm objetivos semelhantes ao providenciar mecanismos e apoios que visam impedir o encerramento de mais estabelecimentos.

Concomitantemente, a abertura de lojas que arquitetonicamente aludem a antigos estabelecimentos ou que vendem produtos tradicionais em novas “versões”, assiste-se a um processo de empoderamento do comércio tradicional. O barbeiro do Bairro, o Café Central ou da Esquina, apelam a sentimentos que outrora marcavam muitas zonas da cidade, procurando transmitir uma ideia de proximidade com os residentes ou de identificação com os locais onde se encontram. Ao mesmo tempo a homogeneização de muitos estabelecimentos que tem como ângulo vender a turistas ou visitantes, tem levado a que muitos destes evoquem uma dimensão de antiguidade e de autenticidade que nem sempre corresponde à realidade.

É cada vez mais frequente ver em fachadas de lojas palavras como autêntico ou típico e referências a datas que frequentemente aludem à fundação da loja coeva que ali existiu, não à que existe na atualidade, ou mesmo a produtos que não são na sua essência os que se vendiam tradicionalmente em estabelecimentos lisboetas, como é o caso do pastel de bacalhau com

queijo da Serra ou a ginja em copo de chocolate.

Há assim uma apropriação de elementos identitários, materiais e mesmo de denominação, como Leitaria, Casa de Pasto, Tasca, Taberna, Conserveira ou Manteigaria procurando-se atrair clientes pelas referências à cultura local e pelos produtos vendidos, tendo como desiderato proporcionar experiências associadas à tradição e à autenticidade de Lisboa (GUIMARÃES, 2023).

3.3 As Lojas com História e os comércios de Bairro

A Lei 42/2017 de 14 de junho, publicada em Diário da República, 1.^a série, N^o 114⁴⁶, aprovou o regime de reconhecimento e proteção de estabelecimentos de interesse histórico e cultural, tendo como objetivo a preservação dos que, pela sua atividade, património material e imaterial, significado para a história e referências locais, mas também para os hábitos e rituais do público, contribuem ou contribuíram para a identidade urbana, e mesmo de orientação e memória dos cidadãos. No caso, esta Lei visou também reforçar a proteção às consequências do NRAU, estabelecimentos com determinadas características, sendo que muitos já estavam identificados em programas de apoio ao comércio, como o "Lojas com História" da CML.

Na alínea b do artigo 2^o desta Lei, define-se também o conceito de comércio tradicional como sendo, “a atividade de comércio realizada em pequenos estabelecimentos situados fora de grandes superfícies comerciais, especializado na venda de um produto ou na prestação de um serviço, com exceção das atividades não sedentárias, designadamente em bancas ou feiras”. Com esta definição genérica abrange-se milhares de pequenos estabelecimentos comerciais por todo o país e, por inerência na cidade de Lisboa, e se quase todos se enquadram na supracitada definição, a quase totalidade não têm património material ou significado para a história, hábitos e rituais do território onde se localizam, talvez e apenas para quem os frequenta habitualmente ou para quem os explora.

Para quem cresceu e viveu a adolescência, juventude e idade adulta em Lisboa, ou apenas frequentou a cidade para trabalhar ou em lazer até há pelo menos duas décadas, recordar-se-á de muitos estabelecimentos comerciais que existiam em Lisboa, pelo menos os mais emblemáticos e nas zonas mais frequentadas. Estes encerramentos, que sempre aconteceram, tiveram nos últimos anos um ritmo e volume como nunca terá acontecido. Como exarado na Lei 42/2017, muitos destes estabelecimentos que encerraram não têm "interesse histórico e cultural" e por isso sem deixar memória ou legado material, silenciosamente parte da identidade da cidade que se consubstanciava nos seus negócios de bairro ou de proximidade

⁴⁶ <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/42-2017-107514239>

desaparece definitivamente.

Imortalizada em 1942 numa cena do filme “O Pátio das Cantigas”⁴⁷, Vasco Santana brinca com o dono de uma loja dizendo-lhe «Ó Evaristo tens cá disto». Evaristo, interpretado pelo ator António Silva era dono de uma drogaria em Alfama, um estabelecimento que vendia de tudo um pouco e que à época existiriam centenas por toda a cidade. Hoje em dia, sinal dos tempos, é praticamente impossível encontrar uma “drogaria” como a do Evaristo. É verdade que passaram quase oitenta anos, mas não é menos verdade que apesar disso algumas, poucas, resistiram à passagem do tempo, das modas e de novos hábitos de consumo.

As grandes lojas que foram abrindo na periferia das cidades com a especialização do comércio, mas também regras mais apertadas para a venda e manuseamento de alguns dos produtos que estas lojas vendiam, foram ditando o encerramento de muitas delas, nomeadamente a partir de meados da década de 1990. Deixaram-se de se vender as “drogas” ao litro, como a aguarrás ou o petróleo, passaram-se a vender detergentes à embalagem e novos produtos de higiene importados, os alguidares, os baldes e as vassouras apareceram em grande quantidade e a menor preço nas lojas ditas “chinesas” do início do século XXI e, tudo isto contribuiu para que muitas destas encerrassem definitivamente nas últimas décadas. As resistentes adaptaram-se aos novos tempos, reinventaram-se, mas atualmente drogarias como as de antigamente quase que se podem contar pelos dedos de uma mão.

Quem tem mais idade ainda se deve recordar como eram os cheiros de uma drogaria, com odores corrosivos e fortes das substâncias perigosas que vendiam misturados com os dos plásticos, do sabão azul e branco, das velas e de um sem número de produtos que pendurados no teto, nas paredes e na entrada ofereciam um festival de cor e cheiro. Para além das drogarias, muitos dos pequenos comércios que existiam um pouco por toda a cidade de Lisboa tinham características muito próprias. As lojas de café onde se vendia e moía o grão na hora a pedido do cliente, as retrosarias com a sua miscelânea de botões, fechos e lãs, das barbearias com “profissionais” com muitos anos de prática, das mercearias coloridas e com entregas personalizadas, dos sapateiros nas soleiras dos prédios e um sem número de outros estabelecimentos. Quase todos ofereciam produtos ou serviços a clientes habituais, conhecidos e que ali iam pois sabiam com quem se aconselhar ou reclamar, se fosse caso disso, a “atenção” ao cliente, tão em voga nos nossos dias, era nestes estabelecimentos prática corrente pois entre comerciantes e clientes, mais do que uma relação profissional, existia frequentemente uma relação pessoal.

⁴⁷ <https://cinemaportuguesmemoriale.pt/Filmes/id/1292/t/o-patio-das-cantigas>

Veja-se a restauração. Muitos destes estabelecimentos eram casas de convívio entre empregados e comensais, estes, ou moravam ou trabalhavam perto, muitos eram frequentadores habituais e quase todos se tratavam pelo nome, as casas das bifanas, com as suas enormes frigideiras na montra eram centros de discussão dos mais variados assuntos e as pastelarias e snacks bar, local de reunião de colegas de trabalho e de vizinhos. Alguns resistiram às mudanças dos últimos anos, nova decoração, novos conceitos e novos produtos, outras inevitavelmente, não, perdendo-se uma parte do que foi Lisboa durante muitas décadas.

No início do século XXI, muitas freguesias de Lisboa, principalmente as mais antigas e centrais, ainda se assemelhavam a algumas aldeias do interior de Portugal; poucos moradores e na maioria idosos. Muitos comércios de rua definhavam, viviam com muitas dificuldades, mas pagavam rendas baixas e os ordenados nem sempre eram pagos a horas, os mais pequenos, fossem mercearias, retrosarias ou pequenos estabelecimentos de serviços, eram na maioria das vezes local de trabalho de casais ou de poucos funcionários. Muitos donos ou “patrões” destes comércios viviam espartanamente, não iam de férias para o Algarve ou passavam fins de semana fora e não se trocava de automóvel durante muitos anos. A Baixa da cidade era o espelho deste cenário que refletia uma realidade que estava á vista de todos. Lojas fechadas e outras à espera de clientes, muitos deles que trabalhavam nos serviços e nos organismos públicos que ali existiam e, que foram sendo deslocalizados, alguns para as periferias. À noite e ao fim de semana as ruas estavam desertas sem clientes, clientes que enchiam os centros comerciais onde iam ao supermercado, comiam e compravam roupas e um sem número de produtos, o comércio de rua era por esta altura coisa de “velhos”.

Se a mudança é inerente ao comércio de rua e a “substituição” de estabelecimentos, aparentemente, não provoca alterações significativas na economia da cidade, reconhece-se que nem todo o comércio é igual e serve a população de igual forma. Apesar de ser gerido, na sua quase totalidade por privados, podemos sempre enquadrar a atividade comercial como sendo de interesse público, na medida que faz parte do tecido social de uma cidade e, acima de tudo tem como escopo servir os seus clientes, que em muitas zonas eram essencialmente residentes. Foi neste pressuposto que a Organização das Nações Unidas nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável⁴⁸, refere a necessidade da promoção de atividades económicas sustentáveis que criem empregos localmente e promovam a cultura e produtos endógenos, aplicando-se esta definição também às que se desenvolvem pela atividade turística.

Nesta perspetiva, a representação coletiva da tradição e da identidade cultural de Lisboa

⁴⁸ <https://unric.org/pt/objetivo-12-producao-e-consumo-sustentaveis/>

defendida por grupos que se identificavam com os seus territórios, bairros ou ruas, eram marcos físicos e simbólicos que estes elaboravam e difundiam e que simultaneamente construíam e atualizavam, uma espécie de autorretrato das diferentes cidades que existiam e coexistiam na capital (FIRMINO COSTA, 2008). Por isso, os comércios em muitas zonas de Lisboa eram referências para a difusão desta identidade coletiva.

As ruas da Baixa eram disso exemplo com as suas designações e concentração de ramos de atividade, mas também outras zonas onde se sabia que se podiam encontrar estabelecimentos que vendiam o mesmo tipo de produtos fossem estes antiquários, alfarrabistas ou lojas de ferragens, só para dar alguns exemplos.

Deste modo, à semelhança de cidades como Barcelona, Roma ou Paris em que nos últimos anos o encerramento de muitas lojas mais antigas tem sido recorrente, a CML, criou o já mencionado programa “Lojas com História”, com o intuito de reconhecer a importância do comércio tradicional como elemento distintivo e diferenciador da identidade de Lisboa e a necessidade imperiosa de “proteger” muitas das lojas que se encontram abertas e que enfrentam desafios diversos como a falta de clientes ou o aumento das rendas. Essencialmente a ideia foi identificar estabelecimentos cujos elementos arquitetónicos refletidos nas suas instalações, o património cultural herdado pelos anos de abertura ou as atividades desenvolvidas tivessem relevância para a história e identidade da cidade e que se considerassem importantes preservar.

O enfoque desta dissertação foi outro, porque dos estabelecimentos selecionados e respetivos comerciantes entrevistados apenas uma das lojas faz parte deste Programa, mas pelo menos duas lojas que estavam referenciadas e que se localizavam na freguesia encerraram nos últimos dois anos.

A constatação do encerramento de várias lojas distinguidas no Programa, na maioria dos casos devido a aumentos expressivos do valor das rendas e à aquisição dos edifícios para reabilitação, levou a CML a abrir uma segunda fase do “Lojas com História” no sentido de reforçar os pressupostos de reconhecimento de interesse histórico, cultural e social para mais estabelecimentos⁴⁹.

Neste trabalho, como já mencionado, priorizaram-se pequenas lojas de bairro e tradicionais na freguesia de Santo António em Lisboa, mas a Baixa pela sua importância na história do comércio da cidade e, porque muitas das lojas previamente identificadas no Programa da CML se localizavam nesta zona, foi feito um levantamento em final do ano de 2024, onde se

⁴⁹ <https://lisboaparticipa.pt/pt/news/consulta-publica-lojas-com-historia-3461>

resume algumas das mudanças ocorridas.

Em abril de 2023, alertava-se para o encerramento de mais de 20 lojas com a abertura de 5 hotéis⁵⁰. Meses mais tarde, dando-se como exemplo a Praça Da Figueira, outrora lugar de comércio diversos, muitos deles em primeiros e segundo andares, dava-se destaque ao facto que nos números 5, 6, 15, 16 e em breve no 10, 11 e 18, cada novo hotel levaria ao encerramento de pelo menos cinco lojas. Só no número 18 iriam encerrar a barbearia Barbex, a Boutique Zeva e a retrosaria Botilã, mas outras como a mercearia Primavera, a JAO ou as malas Teodoro, já o tinham feito, ou devido ao aumento das rendas ou porque os novos proprietários procuram acima de tudo rentabilizar o investimento apostando na atividade turística⁵¹. Nos últimos anos foram muitas as lojas históricas que encerraram na zona da Baixa, a Casa Chinesa na rua do Ouro foi apenas mais uma. Depois de 157 anos, a loja que começou por vender louças e produtos para o lar vindos da Índia e da China, e que foi notícia no extinto jornal “A Capital”⁵² quando abriu, também não resistiu à pressão dos novos proprietários do imóvel.

Num levantamento efetuado em abril de 2023, o sociólogo Pedro Guimarães, constatou que 23% das lojas na Baixa estavam encerradas e que a diversidade do comércio, que caracterizou esta zona da cidade até ao final do século XX, era cada vez menor, com grande parte dos edifícios a serem convertidos em hotéis e muitos dos novos estabelecimentos que abriram a serem essencialmente na área da restauração, de souvenirs ou de cadeias internacionais que têm como ângulo servir os inúmeros turistas que circulam na zona diariamente⁵³.

Deste levantamento, que abrangeu apenas um período de dois anos, pode-se presumir que a Baixa de Lisboa é na atualidade, à semelhança de outras zonas centrais em muitas cidades turistificadas, reflexo de um processo de metamorfose comercial cujo escopo primário é servir visitantes e turistas, transformando a zona em local de alojamentos temporários, a homogeneização do comércio acentua-se e a diversidade e a oferta diminuem.

⁵⁰ <https://amensagem.pt/2023/02/22/ruas-prata-ouro-perderam-20-lojas-5-hoteis-como-resolver-crise-comercio>

⁵¹ <https://amensagem.pt/2023/11/20/praca-da-figueira-comercio-hoteis-al/>

⁵² https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/ultimaedicao/ACapital/ACapital_N11911_30Jul2005.pdf

⁵³ <https://multimedia.expresso.pt/baixadelisboa/#group-section-Veja-O-Documentario-WCf5I4XtUM>

4 A Freguesia de Santo António

4.1 História e histórias de três territórios centenários no centro de Lisboa

Santo António resultou da agregação de três antigas freguesias, São José, São Mamede e Coração de Jesus. A nova freguesia foi fruto da reorganização administrativa da cidade de Lisboa, consubstanciada na aplicação da Lei nº 56/2012⁵⁴, aprovada no tempo do governo de Pedro Passos Coelho (2011-2015). Esta Lei procurou acima de tudo modernizar, adaptar e descentralizar competências autárquicas aumentando a eficácia e a gestão do espaço urbano da cidade, reduzindo número de freguesias de cinquenta e três para vinte e quatro.

Na figura 3 podemos observar os limites das três antigas freguesias que foram agregadas em Santo António em 2012:

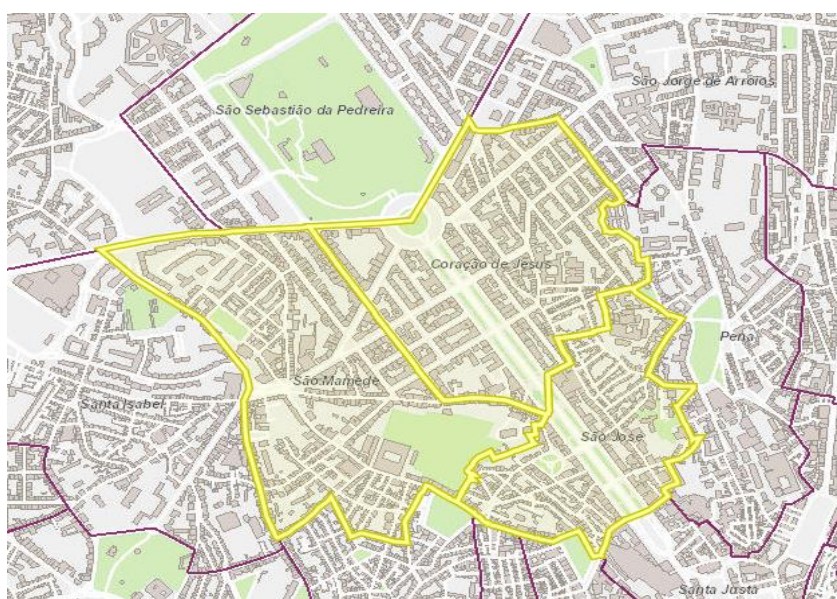


Figura 3 – Limites das três freguesias agregadas em Santo António em 2012.
Fonte: LXI – Lisboa Interativa, consultado em julho de 2023.

Em 2013 nas eleições autárquicas elegeu-se pela primeira vez um presidente para a nova freguesia de Santo António, que passou então a fazer parte da estrutura administrativa local da cidade de Lisboa ostentando o nome do santo mais conhecido da cidade ⁵⁵.

Apesar de ter pouco mais de uma década, o território onde se localiza, por ter agregado três antigas freguesias tem uma história e importância na cidade que vem de há muitos séculos. Das três, a mais antiga era São Mamede. Fundada como paróquia no século XIII junto ao castelo de São Jorge, a igreja dedicada ao Santo nascido na Capadócia viria a ser reerguida perto da zona onde se situa a atual igreja na rua de São Mamede depois da coeva construção ter ficado totalmente destruída em consequência do terramoto de 1755.

⁵⁴ <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/lei/2012-70004010-70012080>

⁵⁵ <https://www.avidaportuguesa.com/pt/marcas/santo-antonio-de-lisboa>

Instituída em 1770 como paróquia de São Mamede em Vale do Pereiro, por se situar junto à rua ainda existente na atualidade, a sede paroquial foi colocada na ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens e o seu território constituído por limites destacados das paróquias de Santa Isabel e São Sebastião da Pedreira (SILVA, 1943, p.200).

Apenas dez anos depois foram revistos os seus limites ficando estes muito aproximados aos que existiam à data da agregação em 2012. Apesar da fundação da paróquia de São Mamede anteceder a de São José, a freguesia que existia em 2012 no território que viria a ser incorporado em Santo António é, como se constata de data anterior à fundação de São José, podendo-se assim dizer que das três era a mais antiga.

Já São José nasceu da edificação de uma ermida junta à atual rua de São José e de Santa Marta requerida em 1545 e cujo templo foi ampliado em 1567 para que pudesse ser sede paroquial do bairro cujos edifícios foram aparecendo nas suas imediações (BARROS, 2019). Para isso foram desanexados territórios das antigas paróquias de Santa Justa e Rufina, paróquias de grande dimensão territorial, que com a expansão de Lisboa no século XVI, fruto do aumento da área urbana e do número habitantes, obrigava a que muitos deles tivessem de percorrer grandes distâncias para a administração dos sacramentos. Por esta altura, a zona confinava com os limites da cidade velha, sendo que na zona onde hoje se localiza a Avenida da Liberdade corria a ribeira de Valverde que ia desaguar ao Tejo, mas que já tinha sido encanada em muitos dos seus troços por questões de salubridade. Nos anos seguintes, as construções foram-se concentrando nos terrenos onde hoje se situam as ruas mais íngremes e estreitas da freguesia para o lado da colina de Santana e, para o lado contrário, aproveitando os novos terrenos sobre a ribeira que foram sendo ocupados por hortas e quintas, (BARROS, 2017, p. 173).Tendo como eixo central a rua Direita de Andaluz, porta de entrada por onde passavam muitos dos produtos que chegavam à cidade, via que já era utilizada pelos romanos no século I. a.C. (BARROS, 2019), São José foi ganhando importância na cidade.

Depois da rua da Fé, há referência às ruas do Telhal e do Carrião no final do século XVI e, um século depois toda a zona já aparece designada como Bairro de São José, com dois polos urbanos bem definidos, um junto à ermida de São José dos Carpinteiros e Pedreiros e, outro mais a norte junto ao Mosteiro de Santa Marta, fundado em 1577 (BARROS, 2017, p.175).

Em 1741 é fundada a paróquia de Santa Isabel. Esta nova paróquia, que viria a ser uma das mais populosas do país, foi criada a partir de territórios desanexados de Santa Catarina, São Sebastião da Pedreira, Santos-o-Velho e de São José de Entre as Hortas, como era conhecida à época (SILVA, 1943). Parte desta paróquia, como já referido anteriormente, seria em 1770 incorporada na nova paróquia de São Mamede, mais tarde território de Santo António. A

paróquia seiscentista perdeu assim parte do território que ficava mais afastado do seu núcleo central junto à igreja de São José, território este considerado ainda um subúrbio da cidade, mas onde a urbanização foi crescendo à volta da rua Direita para Andaluz. O dinamismo económico que a passagem diária de gentes e mercadorias que entravam e saíam de Lisboa por esta artéria que era uma das principais vias de entrada na cidade, ajudou a que nos seus arruamentos fossem abrindo diversos negócios. Despachos de fruta e de vinho, açougues, mas também boticários e sapateiros aparecem referidos em documentos datados de final do século XVIII, sinal da vitalidade económica do bairro.

O terramoto de 1755 provocou estragos igreja de São José dos Carpinteiros, mas pelas fontes da época quando comparadas com outras zonas da cidade a freguesia foi relativamente poupada. O facto de parte do bairro estar assente em formações argilosas poderá ter sido uma das razões para que poucos edifícios tenham ruído, pelo menos de forma total (SOUSA, 1909, p. 57). Em 1757, depois de reparada e melhorada a igreja, a sede da paróquia, que esteve interinamente numa barraca no Campo da Horta situado entre a rua de São José e a que viria a ser a Avenida da Liberdade, voltou ao templo coevo onde se manteve até 1883. Foi apenas neste ano que a nova igreja de São José no Largo da Anunciada ficou concluída. Erguida nos terrenos adquiridos em 1765 ao Convento da Anunciada que tinha ficado arruinado em 1755, e que obrigou à saída das freiras para o Convento de Santa Joana mais a norte na rua de Santa Marta, a nova igreja de São José demorou quase um século a ser construída, sendo que na atualidade ainda mantêm muitas das características coevas da data da sua inauguração (SILVA, 1943, p.269). Já a antiga igreja de São José dos Carpinteiros, na rua homónima, foi recuperada já no século XXI, mas deixou há muito de ser palco de celebrações, apesar que tenha sido em seu redor que a freguesia cresceu e cuja designação manteve até 2012.

Com o desmoronamento de muitas igrejas, casas paroquiais e civis, foi necessário proceder a uma nova delimitação das paróquias pré-existentes ao terramoto. Em 1756 o Papa Benedito XIV, a pedido do rei D. José, autoriza a transferência de paróquias para locais onde a celebração do culto fosse mais cómoda para os fiéis ou porque os antigos templos se encontravam destruídos ou porque não ofereciam condições dignas para as celebrações. Estas alterações só viriam a tomar forma quase treze anos depois por carta régia de 18 de dezembro de 1769, a nova reorganização paroquial de Lisboa entrou finalmente em vigor a 8 de abril de 1770. Neste novo mapa administrativo mantiveram-se várias paróquias em que as igrejas paroquiais foram reedificadas perto do local original antes da destruição de 1755, mesmo que quase todas tenham tido alterações nos seus limites (SILVA, 1943, p.199).

Santa Joana foi uma das novas paróquias criadas com a reorganização do Cardeal Patriarca

D. Francisco de Saldanha em 1770. A sede da paróquia viria a ser no mosteiro de Santa Joana, localizado na rua de Santa Marta junto ao Largo de Andaluz a partir de territórios destacados das paróquias de São Sebastião da Pedreira, da Pena e de São José (TOMÁS e VALÉRIO, 2021). Esta paróquia de Santa Joana teve curta duração, em 1780, depois da morte de D. José e do exílio do Marquês de Pombal, sob pretexto que a reorganização havida apenas uma década antes não servia os interesses da cidade pelos inconvenientes que tinha causado, o Cardeal Patriarca D. Fernando de Sousa e Silva procede a uma nova distribuição das paróquias (SILVA, 1943, p.201).

As principais alterações foram essencialmente nos limites das freguesias já existentes, uma vez que quase todas as sedes paroquiais se mantiveram inalteradas, sendo estes limites ampliados ou diminuídos, modificando a configuração territorial à custa ou a favor das paróquias confinantes (TOMÁS e VALÉRIO, 2021). No caso específico de Santa Joana, deram-se alterações significativas, mudando a invocação para Santíssimo Coração de Jesus e a sede para a igreja do Hospício dos Religiosos de Nossa Senhora do Carmo no número trinta e dois da rua de Santa Marta, mas apenas enquanto a uma nova igreja paroquial era erguida.

A mudança de orago em 1780, trouxe também mudanças nos limites da paróquia, sendo restituído parte do território destacado de São Sebastião da Pedreira e de Nossa Senhora da Pena dez anos antes para a fundação da paróquia de Santa Joana (SILVA, 1943, p.286).

Em 1790 com a conclusão da nova igreja defronte ao Convento de Santa Marta, a paróquia do Santíssimo Coração de Jesus, passa em definitivo para o novo templo e manter-se-á com os mesmos limites até à fusão de 2012.

De referir que em finais do século XIX, com a instituição do constitucionalismo, Lisboa tinha 42 paróquias então designadas de civis, mas que por norma mantiveram a denominação eclesiástica e divisão territorial da reorganização de 1780.

Só depois da implantação da República é que o termo freguesia se impôs no léxico comum, assim como mudanças nas designações destas, por força dos ideais laicos do poder político vigente na segunda década do século XX.

Será esta uma das explicações para a mudança da designação da freguesia para Camões entre os anos de 1912 e 1941, aludindo ao bairro que o Conde de Burnay havia sido um dos principais impulsionadores desde a década de 1890, mas que em 1916 ainda não se encontrava concluído (ELIAS e SILVA, 2022).

4.2 De meados do século XX à fundação de Santo António em 2012

Santo António é a freguesia mais pequena de Lisboa com apenas 1.49 km², o que representa cerca de 1.5% da cidade. Pelos Censos 2021⁵⁶, residiam neste território 11062 pessoas, ou seja, 7424 habitantes por km², o que fica acima da média da cidade que se situava nos 5461 habitantes por km². Entre 2011 e 2021 a variação de população residente foi negativa (menos 6.56%), tendo a freguesia perdido aproximadamente cinco centenas de pessoas nos últimos dez anos. Pelos mesmos dados os maiores de 60 anos representavam mais de 13% dos residentes, existindo nestes quase cento e cinquenta com idades entre os noventa e os noventa e nove anos.

Os números dos censos de 2021 correspondem à totalidade de moradores das três antigas freguesias que foram agregadas em 2012. Sendo a primeira vez que foi feita uma contagem comum aos três territórios, só é possível perceber qual foi a evolução demográfica no território que agora é Santo António, comparando com os censos realizados anteriormente que abrangiam os resultados individuais de cada um deles.

Neste trabalho, priorizaram-se os últimos trinta anos para a análise das mudanças ocorridas no comércio local e nos residentes da freguesia, mas para perceber a evolução demográfica do território e para a contextualizar, optou-se por compilar os dados referentes à evolução de 1801 a 1950 das três antigas freguesias com base em dados recolhidos na obra “Autarquias Locais e Divisões Administrativas em Portugal 1836-2013 (VALÉRIO & TOMÁS, 2014). Deste modo pôde-se estabelecer um quadro de um século e meio na história destas freguesias e perceber quais foram as transformações que ocorreram neste período.

Na Tabela 2 podemos observar a evolução da população residente nas três antigas freguesias e perceber qual foi a evolução nestes 150 anos:

FREGUESIA / ANO	1801	1849	1900	1950	VARIAÇÃO % ²
SAGRADO CORAÇÃO ¹	2993	2975	7115	19486	84.62%
SÃO MAMEDE	4878	4172	8973	17100	71.00%
SÃO JOSÉ	5962	7785	9540	10496	43.20%
TOTAL	13833	14932	25628	47082	70.62%

Tabela 2 - Totais por freguesia de 1801 a 1950; ¹) de 1912 a 1941 denominada freguesia de Camões; ²) variação calculada entre o registado em 1801 e 1950. Fonte: INE (https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_tema&xpid=INE&tema_cod=1115&xlang=pt)

Não sendo o período analisado neste trabalho considerou-se, no entanto, relevante demonstrar que no século XIX e até meados do XX assistiu-se a um aumento exponencial da população, mesmo que se perceba que a primeira metade do século XIX acabou por ter uma diminuição da população residente, consequência das vicissitudes de um período conturbado

⁵⁶ https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_populacao&xpid=CENSOS21

com as invasões francesas, fuga da família real para o Brasil, conflitos liberais e guerra civil (RAMOS et al., 2012).

Da análise ao número total de residentes nos três territórios entre 1801 e 1950 podemos concluir que todos eles tiveram crescimentos expressivos, sendo São José dos três o que teve o crescimento menor, abaixo de 50%, quando a média das três foi superior aos 70.

Estes números acabam por estar em linha com o que aconteceu na cidade num período que abrangeu a instalação de muitas indústrias, pequenas oficinas e fábricas em locais próximos, que à época eram considerados periféricos à cidade e que atraíam novos residentes de fora da cidade (SILVA, 1997).

Para o período seguinte, de 1960 até 2011, últimos censos realizados antes da agregação dos três territórios na freguesia de Santo António, os dados para além de mais fiáveis, devido à utilização de novos métodos na execução de inquéritos, são elucidativos de uma nova tendência no total de residentes, conforme se pode observar na Tabela 3:

FREGUESIA / ANO	1960	1981	1991	2001	2011	VARIAÇÃO % ¹
SAGRADO CORAÇÃO	14974	9824	6333	4319	3689	-75,36%
SÃO MAMEDE	13888	10269	7356	6004	5460	-60,69%
SÃO JOSÉ	10856	7053	5143	3278	2746	-74,71%
TOTAL	39718	27146	18832	13601	11895	-70,05%

Tabela 3 - Totais por freguesia de 1960 a 2011; ¹) variação calculada pelo registado entre 1960 e 2011. Fonte: INE (https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_tema&xpid=INE&tema_cod=1115&xlang=pt).

Entre 1950 e 1960 a tendência de crescimento começou a inverter-se, sendo que a década de 1950 foi o período que teve o maior registo no conjunto das três freguesias. Depois do pico alcançado em 1950, a diminuição de residentes nas três freguesias foi acentuada com valores acima dos 70% para todas elas, sendo que São Mamede foi aquela em a diminuição foi menor, situando-se nos 60%.

Quando se comparam os valores entre 1801 e 2011, podemos perceber que os mais de 70% de crescimento do início do século XIX até meados do século XX, foram perdidos de 1960 até ao início da segunda década do XXI. Outra conclusão que se pode retirar é que foi no período de vinte anos entre 1960 e 1981, em que Lisboa atingiu o pico demográfico, as três freguesias perderam mais de dez mil habitantes em contraciclo com o concelho, reflexo do esvaziamento das zonas centrais da cidade que se vinha a verificar com a saída para as periferias e para zonas mais afastadas do centro como o Lumiar e Moscavide, (VALÉRIO & TOMÁS, 2014). Em 2021, os censos acabaram por validar o esvaziamento das freguesias centrais em Lisboa. Se analisarmos a variação entre 1991 e 2021, que está na janela temporal dos trinta anos definidos para este trabalho, podemos verificar que a redução nos três

territórios agregados em 2012 foi de mais de 70%, em linha com o que aconteceu, mas em que a diminuição foi mais do dobro do total verificado no conjunto do concelho que se situou nos 30%. Analisando estes dados, pode-se aferir que sendo Santo António um território central da cidade, tal como sucedeu em freguesias mais antigas em que o edificado não foi recuperado e os residentes mais idosos foram ficando, a redução acabou por ser mais acentuada que a média da cidade.

Esta diminuição na população, acabou, nos últimos anos, por ter consequências no tecido comercial das freguesias de Lisboa, tendo levando ao encerramento de muitos estabelecimentos que tinham como clientes preferenciais os residentes mais antigos.

Santo António não foi exceção a esta realidade.

5 Comércios tradicionais em Santo António

5.1 Apresentação de um *corpus*

Com o presente trabalho pretendeu-se perceber quais são contemporaneamente as representações e os conceitos de tradição e de autenticidade de comerciantes com mais de duas décadas de atividade profissional numa freguesia da cidade de Lisboa.

O território escolhido foi a freguesia de Santo António, e por isso a escolha de comerciantes a entrevistar restringiu-se a este território central da cidade.

Procurou-se, através da realização de inquéritos a comerciantes previamente selecionados, que cumpriam os critérios de antiguidade definidos, fazer um estudo transdisciplinar que partindo da análise histórica e social deste território, permitisse colocar questões pertinentes sobre temas que na atualidade são preocupação de muitos habitantes da cidade de Lisboa, nomeadamente as consequências do turismo de massas e da gentrificação e as suas consequências na recomposição social, demográfica e comercial da cidade.

Em julho de 2023 foram contactados comerciantes da freguesia de Santo António para saber, com base nos critérios de longevidade e características dos estabelecimentos previamente definidos para a elaboração deste trabalho, se podiam ou queriam responder aos questionários, concordando com a divulgação posterior dos textos.

A recolha de imagens e das respostas ao questionário foi expressamente autorizado pelos entrevistados, tendo alguns deles pedido para não serem fotografados, mas autorizaram a captação dentro e fora dos estabelecimentos, e cujos registos se encontram nos testemunhos reproduzidos mais à frente neste trabalho.

Desta primeira abordagem foram selecionados vinte estabelecimentos de diferentes atividades que cumpriam na íntegra os critérios supramencionados e cujos proprietários concordaram com a divulgação dos questionários. Por esta altura, e depois das conversas tidas com estes comerciantes, foi possível desde logo perceber que vários deles tencionavam encerrar, trespassar ou vender os seus negócios num espaço temporal relativamente curto. Perante esta evidência foram realizados no verão de 2023 cinco questionários por se estar na eminência de se perder irremediavelmente os testemunhos destas pessoas.

Foram desde logo realizadas algumas entrevistas, ficando para mais tarde a decisão de estas virem ou não a ser incluídas no trabalho. Posteriormente, com o tempo decorrido entre este levantamento inicial e a elaboração do trabalho, e com as mudanças ocorridas como o encerramento, o trespasso ou mesmo o falecimento dos seus proprietários, optou-se por colocar nas observações as informações mais relevantes.

Deste levantamento inicial foi elaborada a tabela nº4. Nela resumem-se algumas das características destes comerciantes, sendo que nesta primeira fase quatro destes estabelecimentos encerraram não tendo sido possível fazer o questionário.

COMERCIANTES ENTREVISTADOS							
INQ. Nº	NOME(S)	IDADE	ESTABELECIMENTO	ATIVIDADE	ABERTURA	OBSERVAÇÕES	DATA INQ.
1	JOSÉ GUEDES	58	MERCEARIA CRUZ	MERCEARIA	1965	PROPRIETÁRIO DESDE 1998	DEZ. 2024
2	JOSÉ MANUEL	81	A MERCEARIA	MERCEARIA	1958	FUNCIONÁRIO ATÉ 1975	AGO. 2024
3	JOSÉ TAVARES	87	ANDALUZ	PAPELARIA	1997		JUL. 2024
4	FERNANDO PACHECO	71	CASA DAS FRUTA	MERCEARIA	1949	PROPRIETÁRIO DESDE 1981	NOV. 2024
5	MARIA DO ROSÁRIO	58	VIDRARIA SANTA MARTA	UTILIDADES	1970	PROPRIETÁRIO DESDE 1984	AGO. 2024
6	ANTÔNIO TAVARES	70	MÓVEIS DE SÃO MAMEDE	CESTARIA	1980		AGO. 2024
7	FERNANDO VIGÁRIO	81	MOBILIARCO	MÓVEIS E DECORAÇÕES	1960	PROPRIETÁRIO DESDE 2001	NOV. 2024
8	CARLOS MENDES	65	ALFAIATE CARLOS MENDES	ALFAIATARIA	1981		NOV. 2024
9	KANTILAL	73	MIRRA	DROGARIA	1984		NOV. 2024
10	VÍTOR CASTRO	84	PRÍNCIPE REAL	BORDADOS	1960	LOJA COM HISTÓRIA	JUL. 2024
11	FRANCISCO PALMA	72	KING	BARBEARIA	1982	ENCERROU EM 2024	JUL. 2023
12	CELESTINO NUNES	91	SÃO MAMEDE	MERCEARIA	1951	ENCERROU EM 2023	AGO. 2023
13	ALFREDO PIRES	83	ANISA	RETROSARIA	1980	ENCERROU EM 2024	JUL. 2023
14	JOÃO AFONSO	71	ALBUQUERQUE LDA.	ATOALHADOS	1998	ENCERROU EM 2023	JUL. 2023
15	ALBINO	84	ÁGUAS LIVRES	MERCEARIA	1970	ENCERROU EM 2024	JUL. 2023
16	JÚLIA ALVES	79	RIO & FERREIRA	DROGARIA	1969	ENCERROU EM 2023	JUL. 2023

Tabela 4 - Quadro resumo dos comerciantes entrevistados.

No total as descrições são dezasseis, dez de estabelecimentos ainda em atividade, mais seis que já encerraram, estando explicadas as circunstâncias que levaram a este encerramento nos textos correspondentes a cada um deles.

Pela análise dos dados na Tabela 4, podemos concluir que média de idades dos comerciantes superava os 70 anos e que os estabelecimentos abriram ou são explorados pelos mesmos proprietários há mais de 20.

Apesar dessas informações não constarem nesta Tabela, quase todos os estabelecimentos são geridos de forma familiar, na sua maioria por casais, havendo dois casos em que os filhos ali trabalham.

Pudemos ainda saber que vários destes proprietários continuaram a trabalhar mesmo depois de já se terem reformado e, se uns o fizeram ou ainda fazem por necessidade, outros afirmam que era para eles importante manterem-se ativos e sentirem-se úteis.

Isto foi confirmado durante as entrevistas ao dizerem que não sabiam fazer mais nada, mas também que mesmo que os ganhos económicos fossem na sua maioria pouco consideráveis, o facto de se manterem e puderem estar ocupados continuava a ser mais importante do que irem para casa sem saberem muito bem o que fazer com o tempo livre, que a maioria não teve durante grande parte da sua vida.

Na figura 4, identificam-se as localizações no território de Santo António⁵⁷ dos dezasseis estabelecimentos cujos comerciantes foram entrevistados para este estudo:

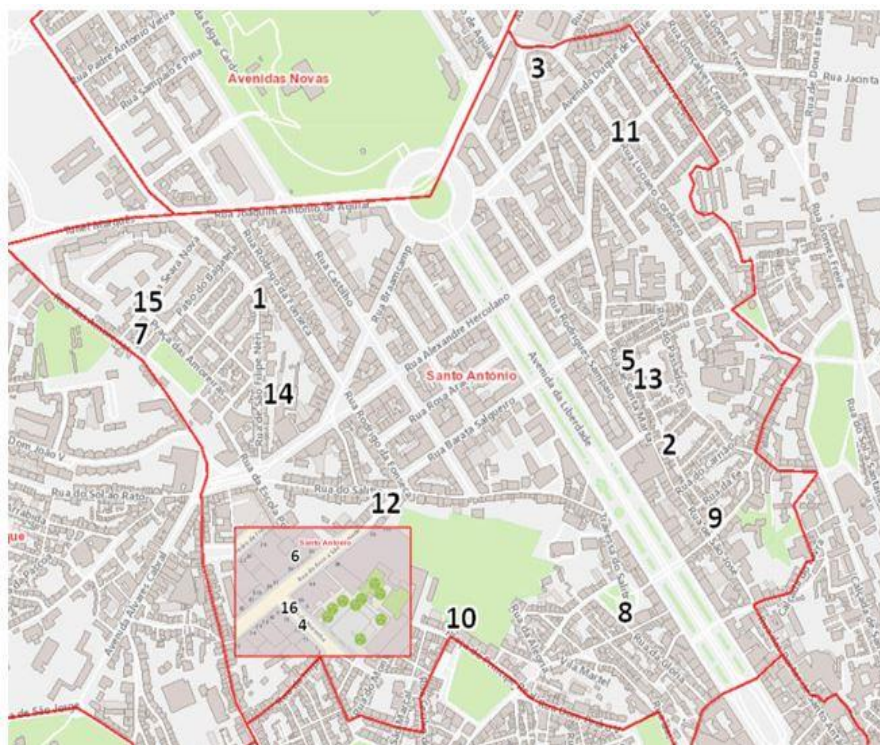


FIGURA 4 - Localização dos estabelecimentos cujos comerciantes foram entrevistados para este trabalho:

- | | |
|---|--|
| 1 - Merceria Cruz (rua da Artilharia Um); | 9 - Drogaria Mirra (rua de São José); |
| 2 - Merceria e Casa das Frutas (rua de São José); | 10 - Príncipe Real Enxovalhos (rua da Escola Politécnica); |
| 3 - Papelaria Andaluz (Largo do Andaluz); | 11 - Barbearia King (rua do Conde de Redondo); |
| 4 - Casa das Frutas (rua do Noronha); | 12 - Merceria São Mamede (rua de São Mamede); |
| 5 - Vidraria de Santa Marta (rua de Santa Marta); | 13 - Retrosaria Anisa (rua de Santa Marta); |
| 6 - Móveis de São Mamede (rua Arco S. Mamede); | 14 - Albuquerque Pronto a Vestir (rua de São Mamede); |
| 7 - <u>Mobiliarco</u> (rua das Amoreiras); | 15 - Merceria das Águas Livres (rua Águas Livres); |
| 8 - Alfaiataria Carlos Mendes (Praça da Alegria); | 16 - Drogaria Rio & Barganha (rua do Noronha). |

A maioria destes estabelecimentos cerca de dez, localiza-se na área da antiga freguesia de São Mamede, junto à rua da Escola Politécnica e Largo do Rato e, os restantes seis no lado oposto da Avenida da Liberdade no eixo das ruas de Santa Marta e São José. No total as descrições são dezasseis, dez de estabelecimentos ainda em atividade, mais os supramencionados seis que já encerraram.

Outra evidência retirada dos questionários é que a maioria destes comerciantes não nasceu em Lisboa e apenas chegou à cidade na adolescência. Ao contrário dos filhos e netos que acabaram por ser “alfacinhas” por ali terem nascido, estudado e nalguns casos casado, muitos destes comerciantes chegaram para trabalhar quando ainda eram menores de idade. Se hoje isto não é possível, nas décadas de 1950 e 1960 era habitual jovens adolescentes virem para a

⁵⁷ <https://websig.cm-lisboa.pt/MuniSIG/visualizador/index.html?viewer=LxInterativa.LXi>

capital para trabalharem em atividades braçais e pouco qualificadas acabando, como foi o caso de vários deles, por mais tarde se tornarem proprietários ou assumirem a exploração de negócios no ramo de atividade em que se tinham iniciado na vida laboral. Comparando com a situação atual, podemos dizer que eles próprios foram responsáveis por numa renovação da população de Lisboa, migrantes mais novos que muitos dos coevos residentes da cidade e que trouxeram novos hábitos e costumes das suas terras natais, diferentes dos que encontraram em Lisboa. Isto em parte deveu-se ao facto de a maioria ter vindo de pequenas aldeias ou vilas do país e não terem tido, até essa altura, contato com a realidade do que era morar numa cidade. Na atualidade, as principais diferenças da renovação deste tipo de negócios é que ao contrário do era habitual em meados do século XX, a substituição de proprietários implicava quase sempre a manutenção do ramo de atividade, práticas comerciais e clientes a que se destinavam. Muitos acabaram por afirmar nas entrevistas que ao ficarem com a exploração dos estabelecimentos, mantiveram o ramo de atividade, os produtos vendidos e a essência do negócio, mesmo que por vezes tivessem efetuado uma modernização a nível arquitetónico e na exposição e oferta de produtos.

Do levantamento efetuado pode-se perceber que alguns destes proprietários tiveram outras atividades profissionais até se dedicarem em exclusivo aos estabelecimentos aqui mencionados. Todos eles homens, que ao conseguirem ter capital suficiente fruto destes trabalhos, acabaram por adquirir as lojas e, numa primeira fase serem as próprias esposas a ficarem na condução dos negócios, à qual eles se juntaram mais tarde depois de se reformarem ou quando decidiram mudar de rumo na sua vida profissional.

As retrosarias Anisa e Albuquerque são exemplo desta situação em que João Afonso e Alfredo Sousa após trabalharem em empresas nesta área de negócio abriram as lojas, fazendo uso da experiência que tinham neste tipo de produtos. José Tavares da papelaria Andaluz teve um percurso semelhante e, na maioria das mercearias muitos dos atuais donos começaram a trabalhar com tenra idade em lojas do ramo como moços de recados e de entregas, acabando por ficar com a exploração anos mais tarde.

Durante este percurso casaram, tiveram filhos e netos, mas nunca se afastaram deste percurso profissional, marcado por dificuldades e por grandes jornadas de trabalho diário.

Esta situação pode ter também outra leitura ao nível das imensas mudanças que a cidade tem sofrido na última década, quando se conclui que muitos dos novos proprietários destas lojas ou reside fora da cidade ou não tem contato com outros comerciantes, apenas tendo uma noção da realidade local durante o horário de trabalho, não contribuindo deste modo para a manutenção de outros negócios próximos, como muitos dos entrevistados acabam por

mentonar nas respostas dadas. Estes comércios acabavam por ser importantes a nível local, muitos destes proprietários eram simultaneamente, vizinhos, patrões e por vezes familiares por casamento ou afinidade, mas também clientes. Os donos das mercearias, frequentavam os cabeleireiros, os barbeiros, as sapatarias e, os proprietários e empregados destas lojas era nas mercearias que se “abasteciam” e era quase sempre nas proximidades que se comprava aquilo de que se precisava. Esta dinâmica permitia a criação de uma rede próxima de “fregueses”, mas também de apoio no dia a dia.

5.2 Os comerciantes de Santo António -Vidas de trabalho numa cidade em transformação

As transcrições das entrevistas, abaixo reproduzidas, seguem a ordem numérica da figura 4 apresentada na página 56, sendo mencionado no início de cada uma delas o nome do entrevistado, a data da realização do inquérito ou, quando este não foi realizado, a da recolha das informações. Todas elas são acompanhadas do registo fotográfico, o qual foi previamente autorizado pelos inquiridos.

Os questionários foram realizados de acordo com os critérios anteriormente mencionados no *corpus* do trabalho e, na sua reprodução optou-se por nomear os entrevistados, pois todos eles autorizaram que isso fosse feito no âmbito deste estudo, e mesmo que se identifiquem os estabelecimentos e a sua localização, por opção não se colocaram os números de porta, com a exceção de um deles, mas por razões que são explicadas na descrição correspondente.

Nos textos de cada questionário é frequente o uso de citações do que foi respondido, pretendeu-se com isso que a transcrição aqui reproduzida se aproximasse o mais possível das palavras originais dos entrevistados.

De referir que os estabelecimentos que encerraram e onde o inquérito acabou por não se realizar, optou-se por incluir as biografias e o registo fotográfico dos comerciantes, assim como algumas das informações recolhidas na altura em que foram contactados, pois considerou-se terem relevância a nível mnemónico. Na ordem de apresentação estes seis registos estão colocados na parte final.

• Entrevista 1 - Mercearia Cruz, José Guedes 58 anos - dezembro de 2024 ⁵⁸

Na rua da Artilharia Um, junto ao cruzamento com a rua Venceslau de Moraes, está a Mercearia Cruz. José Guedes, 58 anos, de avental vestido vai separando as encomendas que em breve terá de entregar, ou não estivéssemos na segunda semana de dezembro, “altura em

⁵⁸ as citações neste texto foram transcritas da entrevista nº 1 realizada em dezembro de 2024.

que o trabalho aperta mais um bocadinho, mas até aqui há uns anos era bem melhor”. O percurso de José Guedes é diferente dos da maioria de outros entrevistados para este trabalho. Neste estabelecimento desde 2001, foi apenas em 1997 que ali chegou para trabalhar como empregado, mas já com a promessa que iria ficar com a exploração assim que o antigo proprietário se reformasse. Na altura, com 33 anos, José Guedes conhecia quase todas as mercearias que existiam à época em Lisboa pois trabalhava para uma empresa de laticínios que fornecia muitos destes estabelecimentos na cidade. Conhecedor do negócio, do que tinha de bom e de mau, decidiu arriscar em trabalhar por conta própria no ramo, mesmo sabendo que este atravessava momentos difíceis com a concorrência das grandes superfícies que na altura iam abrindo nas periferias e que atraíam muitos clientes, ao mesmo tempo que zonas centrais da cidade iam perdendo residentes.

Apesar de ter sido uma decisão tomada conscientemente, conta que quem estava no ramo lhe chamou “doido” por querer deixar o trabalho que tinha para ficar numa mercearia, quando quase diariamente encerravam estabelecimentos destes um pouco por toda a cidade devido ao apelo dos grandes supermercados periféricos e da mudança de hábitos de consumo que se vinha acentuando já nas décadas anteriores.

Mesmo assim tinha quase certeza que com os seus conhecimentos do ramo, o tipo de cliente da zona e produtos diferenciados, como queijos, pão, frutas e vinhos de qualidade, ao mesmo tempo que assegurava as entregas em ruas próximas, o negócio tinha tudo para se manter.

José Guedes, veio para Lisboa com 28 anos, já depois de casado e foi morar para a Amadora onde ainda se mantém. Na atualidade tem dois empregados que o ajudam, um nas entregas e outro na gestão da loja com as reposições e no atendimento e, continua a ter clientes de há muitos anos que lhe são “fiéis” em produtos que ele pede especificamente para os satisfazer, mas que apesar disso as coisas não estão fáceis pois desde a pandemia já abriram nas imediações dois supermercados de grandes cadeias de distribuição e que por isso alguns produtos se vendem pior porque ele não consegue competir com os preços que eles praticam, mais, “os cartões, os cupões e um monte de coisas que muitas das vezes só servem para enganar as pessoas e fazê-las pensar que estão a comprar mais barato”. Apesar disso continua a dizer que enquanto o serviço for bom e os produtos também, vai continuar a ter clientes e por isso não pensa encerrar ou trespassar a sua loja tão depressa.

A mercearia Cruz, mantém o nome do antigo proprietário, nas suas palavras “era uma mercearia fina, com produtos de qualidade numa zona em que muitos dos moradores tinham poder de compra e gostavam de coisas boas, e por isso eu sabia que mantendo ou melhorando a oferta que esta já tinha, podia perfeitamente ganhar dinheiro e fazer vida do negócio”.

Quando se lhe pergunta se considera o seu negócio tradicional, José Guedes responde sem qualquer dúvida que sim, pois “bem vistas as coisas isto não mudou assim tanto desde que para aqui vim, pois muitos clientes são os mesmos e conheço-os pelo nomes, mesmo que alguns já tenham morrido ou ido para o lar, há muitos filhos que ficaram nas casas dos pais e que aqui continuam a vir”. Por outro lado, há produtos que ele pede pensando em clientes específicos e, por isso tem dias que o pão vem de um determinado fornecedor, os queijos de outro e até alguns vinhos que escolhe, pois orgulha-se de ter uma garrafeira que “muito poucas casas como a sua têm”. Sempre vai dizendo que aquela zona, “tem muitos proprietários de casas e poucos alojamentos locais e ainda consigo ter clientes dos antigos” e mesmo que lhe passem turistas à porta, estes compram pouco, “essencialmente vinhos e algumas frutas”.



Figura 5 - José Guedes com duas das suas freguesas habituais. Fotos do autor: dezembro de 2024.

Apesar das transformações na cidade, vai dizendo que aquela zona da cidade não está assim tão diferente do que era “há mais estrangeiros a morar por aqui, desses com dinheiro que gostam de um bom vinho e de um bom queijo, mas acho que não fazem comida em casa pois pelo menos aqui não compram mercearias para isso”, mas que sabe que há zonas em que muitos dos antigos residentes quase desapareceram e com isso os negócios não conseguiram manter-se ou têm grandes dificuldades. Por outro lado, como faz entregas continua a ter clientes que preferem comprar a ele, “ou pela comodidade ou porque sabem que os meus produtos são de qualidade e que se tiverem algum problema têm com quem reclamar, ao contrário dos supermercados”.

Enquanto a conversa decorre por diversas vezes é interrompida para José Guedes atender clientes, de quase todos sabe o nome e onde residem. Duas “freguesas” já de proífica idade, acabam por entrar na conversa dizendo que vêm buscar o pão e, “comprar umas coisitas que

precisamos”, as quais, antes de saírem aceitam tirar uma foto com José Guedes para este trabalho. Diz ele que são velhas conhecidas e boas clientes, mas que “já foram melhores, pois desde que abriu um supermercado a algumas centenas de metros daqui vão lá muito tomar o pequeno almoço e aproveitam para comprar mercearias que antes compravam aqui, mas mesmo assim ainda aqui aparecem duas ou três vezes por semana”. Para terminar a conversa acaba por dizer que antigamente a tradição era ir às pastelarias beber café ou comer qualquer coisa e depois passar pela mercearia para comprar o pão, o leite e outros produtos, mas “agora vão ao supermercado tomar o pequeno almoço, aviam-se, se for preciso almoçam e até compram os medicamentos, são outros tempos e até as pessoas de idade mudaram os hábitos que tinham”.

- **Entrevista 2 - Mercearia e Frutas, José Manuel 81 anos - agosto de 2024**⁵⁹

José Manuel Ribeiro, 81 anos, nasceu em Armamar junto do Douro e chegou a Lisboa para trabalhar com apenas 13, “era uma criança e cheguei cá cheio de medo”.

Questionado sobre a razão porque veio de tão longe para Lisboa, responde que, “tinha um grande fascínio por conhecer a cidade grande”, e o facto de ter um primo a trabalhar na capital ajudou à mudança. Quando chegou em meados da década de 1950, o senhor José foi trabalhar para uma leitaria como aprendiz, mas pouco depois mudou-se para uma mercearia na zona do Conde de Redondo. Confessa que foram tempos duros e que a primeira vez que voltou à terra natal só não ficou lá por vergonha, pois a vida era dura na capital, longe da família e dos amigos.

Anos mais tarde casou-se e alugou uma casa na rua do Passadiço perto da mercearia na rua de São José onde estava a trabalhar na altura e da qual em 1976, “adquiri as quotas da sociedade e passei de empregado a patrão”, começando então a ter a ajuda da mulher na gestão da loja. José Manuel é assim residente e comerciante na freguesia há mais de sessenta anos e, diz “que está tudo muito mudado”. Foi sempre com a mulher que trabalhou até à morte desta há pouco mais de 4 anos, “a maior tristeza da minha vida”, confessa, e é pela memória dela e, para se manter ocupado que continua de portas abertas. Ainda vai ao mercado buscar frutas e verduras que vende na sua loja, contando para isso com a ajuda do seu fiel amigo Paulo, residente na zona e que ainda faz entregas ao domicílio a alguns, poucos, clientes mais antigos que ainda lhe são fiéis.

Quanto à questão se os turistas e os novos residentes são bons clientes, responde que não,

⁵⁹ as citações neste texto foram transcritas da entrevista nº 2 realizada em agosto de 2024.

“compram pouco, umas águas, duas ou três frutas e algumas bebidas, nada mais” e, mesmo isso é cada vez menos desde que há ano abriu mesmo em frente à sua porta um supermercado de uma cadeia internacional, “se estava mau, pior ficou”, remata.



Figura 6 - Mercearia e Frutas, aspetos da entrada e do interior e de José Manuel.

Fonte: Fotos do autor, julho de 2024.

José Manuel nos últimos anos assistiu a muitas mudanças naquela zona, e afirma sem qualquer dúvida que foram para pior. Perto de onde mora grande parte dos vizinhos, eram também fregueses da sua loja, mas foram-se embora “ou porque já não podiam morar sozinhos ou então porque as casas foram compradas por novos senhorios que foram aumentando as rendas até terem de sair”, por outro lado diz que muitas das casas são agora alojamentos locais e que todos os dias é só turistas a chegar com as malas de um lado para o outro. Com tudo isto já não conhece grande parte das pessoas que ali moram e que para ele se perdeu aquele sentimento de estar num sítio onde as pessoas se identificavam umas com as outras, “era quase uma aldeia parecida como aquela onde nasci, sabíamos tudo uns dos outros e se fosse preciso alguma coisa havia sempre alguém que nos ajudava”. Se considera a sua loja tradicional, responde que sim sem qualquer hesitação, “pois continuo a comprar as frutas e os legumes no mercado e a vender coisas que não há nos supermercados, que continuam a abrir em todo lado, e Lisboa vai acabar por ficar para os turistas pois a continuar assim daqui a uns anos não vai ficar ninguém dos mais antigos”. Para o senhor José ter a porta aberta é o que o motiva para se levantar de manhã, mesmo que o rendimento que dali tira seja muito pouco, mas assegura que enquanto puder e conseguir irá todos os dias, pois diz que naquela rua chegaram a existir mais de 8 mercearias como a sua, e confessa com alguma tristeza, que resta a dele, pelo menos com proprietário português e a vender produtos “como deve de ser”

• **Entrevista 3 - A Papelaria, José Tavares 87 anos - julho de 2024** ⁶⁰

Na rua do Andaluz, bem junto ao Marquês de Pombal, numa rua pouco movimentada e com vários hotéis perto, fica a Papelaria Andaluz. Atrás do balcão, José Tavares de 87 anos, aproveita para ver no computador algumas séries de televisão enquanto espera pelos clientes que são cada vez menos.

José Tavares nasceu em Oliveira de Frades e abandonou a escola aos quinze anos para começar a trabalhar, pois diz que precisava de ajudar os pais a pagarem as despesas. Em 1975, já casado e com perto de quarenta anos chegou a Lisboa para trabalhar no ramo dos seguros, área que já conhecia bem do tempo que viveu em Viseu.

Foi com o dinheiro amealhado nesta profissão que em 1997 adquiriu a Papelaria Andaluz e o café contíguo para a esposa e a filha explorarem enquanto continuava a trabalhar nos seguros.

José Tavares tem um percurso diferente de outros entrevistados neste trabalho, acabou o Liceu, fez alguns estudos e com a ajuda da filha conseguia prestar alguns serviços através da internet. Foi só depois de se reformar, que José Tavares ficou atrás do balcão da Papelaria, a sua experiência na área dos seguros permitiu-lhe continuar a ser agente de seguros tendo por base a própria papelaria.

Até há uma dezena de anos este era um dos meios de conseguir ter mais clientes para o seu negócio, o que em conjunto com as vendas para empresas e escritórios que existiam na zona permitia-lhe tirar um rendimento razoável. A digitalização dos serviços de seguros e o encerramento ou deslocalização de muitas empresas, bancos e escritórios ali perto levaram a uma queda das vendas, que nos últimos anos se tem agravado.

Quando se lhe pergunta se considera sua loja tradicional, diz que sim, mas que a remodelação que fez pouco depois de a ter comprado lhe deu um aspeto “moderno, não é aquele estabelecimento que tenha ficado parado no tempo”, diz que à época, “tinha muitos clientes com dinheiro e estudos que trabalhavam aqui nessas empresas importantes e que elogiaram a remodelação que tinha feito”. ora, depois destes anos todos já não é assim tão moderna, mas sempre diz que a atenção que ele tem ao cliente e o conhecimento dos produtos que vende são coisas que já vão rareando nos estabelecimentos em Lisboa.

Para o senhor José ter a porta aberta é por só uma maneira de estar ocupado, pois confessa que o rendimento que obtêm em muitos meses não pagam as despesas.

Não se lamenta, enquanto a saúde o permitir e a sua mulher continuar a abrir o café ao lado, vão ficar por ali, apenas recorda tempos em que conhecia tudo e todos e que vendia produtos

⁶⁰ as citações neste texto foram transcritas da entrevista nº 3 efetuada em agosto de 2024.

de “excelência”, uma “pequena” Papelaria Fernandes na qual os clientes eram chamados pelo nome. Para o futuro apenas diz que gostava de chegar aos 90 com a porta aberta, mas se alguém lhe oferecer bom dinheiro, que “passa” a loja e vai para casa ver televisão, pois os tempos de fazer negócio ali há muito que acabaram, “antigamente vendiam-se umas canetas da Parker, uns tinteiros ou uns presentes mais caros para oferecer nas festas das empresas, hoje já nem os jornais e as revistas se vendem e por isso deixei de ter”.

Quanto aos turistas, os muitos que por ali passam, porque, “hotéis é que não faltam aqui ao pé”, não lhe comprem nada e raramente entram.



Figura 7 - José Tavares ao balcão da Papelaria Andaluz. Fonte: Fotos do autor, julho de 2024.

Morando ali perto, José Tavares assistiu nos últimos anos à chegada de muitos não nacionais para morar em prédios que foram reabilitados na zona, mas que os preços pedidos pelas casas só podem ser pagos por quem tem muito dinheiro, “por isso portugueses são cada vez menos e com isso a cidade está muito diferente da que conheci quando aqui cheguei há cinco décadas”.

- **Entrevista 4 - Casa das Frutas, Fernando Pacheco 71 anos - novembro de 2024** ⁶¹

A mercearia e frutaria onde está Fernando Pacheco abriu em 1949, são os documentos que ele guarda religiosamente numa pasta que o comprovam, mas foi apenas em 1980 que ele comprou a sociedade quando decidiu abrir o seu próprio negócio.

Fernando, 71 anos de idade, veio para Lisboa em 1965 com 12 anos para trabalhar depois ter deixado a escola e abandonado a aldeia de São Luís no Cercal do Alentejo. Conta que foi um conhecido da família que perguntou ao seu pai, se “o miúdo não quer vir para Lisboa trabalhar, pois aqui é a lavoura e pouco mais”. A curiosidade por morar na cidade e o desejo de ter uma vida melhor, mudaram-lhe então o destino e, foi deste modo que chegou a Cacilhas

⁶¹ as citações neste texto foram transcritas da entrevista nº 4 realizada em novembro de 2024.

num final de tarde de inverno com uma carta no bolso e 20 escudos dados pelo pai. Conta que demorou um dia inteiro de camioneta para se encontrar com o Senhor Manuel que o deveria ir buscar junto ao terminal dos barcos. Para uma criança de 12 anos, que nunca tinha saído da sua aldeia, Cacilhas pareceu-lhe um mundo à parte, pessoas apressadas que saiam do barco a correr, automóveis, cafés e restaurantes por todo o lado. Quando recorda este episódio, Fernando confessa que sentiu medo de tudo aquilo e, pior ficou quando não encontrou o “Manel” e que não sabia o que fazer, nem para onde ir depois de mais de duas horas à sua espera. Decidido, perguntou como é que fazia para apanhar o cacilheiro para o outro lado e lá conseguiu atravessar o Tejo até à Praça do Comércio. Chegado aí não se “acanhou”, viu um polícia sinaleiro, “em cima de um caixote no meio da estrada” e pediu-lhe ajuda. Com a carta, onde tinha o endereço da mercearia para onde ia, “lá para os lados da Lapa”, perguntou-lhe como é que tinha de fazer para aí chegar, e este vendo aquela criança de tenra idade tão decidida, mandou parar um táxi e disse ao motorista para onde o deveria levar, não sem antes o avisar, “não tentes enganar o miúdo que eu sei quem tu és”. Depois de chegar à mercearia, o dono admirou-se como é que ele tinha conseguido vir de Cacilhas até ali sozinho e explicou-lhe que o Manuel o tinha ido buscar, mas que se tinha atrasado e que chegou lá tarde, “se fosse agora com os telefones isto não acontecia, mas naquela altura era assim”. Fernando, conta esta história com orgulho, diz que toda a vida foi assim, “sem medo, desenrascado e confiante”, mas que foram tempos difíceis aqueles primeiros anos em Lisboa.

A mercearia era grande e tinha muita clientela e por isso era ele e mais quatro rapazes que faziam as entregas porta a porta, em casas particulares, mas também em estabelecimentos comerciais, restaurantes, cafés, leitarias, manteigarias e até casa de móveis. “Acartávamos tudo às costas, fazia quilómetros e quilómetros por dia e algumas vezes lá conseguia voltar agarrado ao elétrico para descansar um pouco, dormi muitos anos num quarto perto da mercearia e ao domingo corria os cinemas todos de Lisboa para ver os filmes que estavam em exibição”. Foi assim que Fernando se fez homem até conseguir mudar para uma mercearia na Baixa onde ganhava mais e onde ali perto conheceu aquela que viria a ser a sua mulher. Em 1980, já casado, comprou então a sociedade da Loja das Frutas e pode então começar a trabalhar por conta própria, não sem muitos sacrifícios para conseguir o dinheiro necessário. Hoje diz-se um homem realizado, das duas filhas uma é advogada, a outra investigadora, “têm as vidas delas e não precisam disto para nada, já a mulher sempre trabalhou noutra coisa, está reformada e às vezes, quando preciso vem cá dar uma ajuda”.

Fernando mora perto, “esta zona é muito boa, tenho alguns vizinhos que ainda conheço, mas está tudo muito diferente”.

Desde a abertura, Fernando apenas fez obras há perto de 20 anos, “para mudar umas prateleiras e pôr isto com um aspeto mais moderno, de resto está tudo igual”. Quanto às mudanças que têm ocorrido na cidade diz que está tudo muito diferente, que ali perto chegaram a existir mais de 5 mercearias como a sua e “que dava para todos”. Com alguns dos proprietários desses estabelecimentos chegou a ter relações de amizade, com outros nem por isso, mas sim, sabiam quem eram e qual era a sua história, de onde tinham vindo e onde moravam. Enquanto vai desfiando memórias, juntam-se à conversa Júlio e Mário, clientes, amigos e moradores ali perto.



Figura 8 - Entrada e aspeto interior da Casa das Frutas. Fonte: fotos do autor, novembro de 2024.

A mercearia do Fernando, é para estes dois homens, um ponto de encontro ao final do dia, quando ali passam para beber uma cerveja e conversar sobre as notícias do dia. Júlio, 81 nos conta que agora já não conhece quase ninguém e que até estranhou quando o vizinho da casa ao lado da sua, “um estrangeiro desses com dinheiro”, cumprimentou a sua mulher quando esta estendia a roupa, “já lá vive vai para dois anos e nunca o tinha feito”. Foi a saída de antigos vizinhos nos últimos anos que para ele mudou a essência do que era viver ali.

Júlio, lembra-se bem do tempo em que se juntavam muitos moradores daquelas ruas para conversar à porta enquanto os miúdos brincavam por ali. Quando se fala nas lojas que já existiram naquelas ruas, Fernando acaba por dar uma ajuda e lá vão, pouco a pouco recordando os “negócios” que já desapareceram.

Logo para começar a última que fechou mesmo ali ao lado a drogaria do Adelino, mas foram alfaiates, cafés, lojas de móveis, mas também oficinas de automóveis, armazéns de materiais de construção e, claro, restaurantes.

Júlio lembra-se bem quando a sua mãe, já idosa costumava ir à pastelaria Alsaciana na rua da Escola Politécnica e o empregado lhe ligava para o trabalho a perguntar se queria que a fosse levar a casa pois tinha medo que ela caísse na rua. Para estes homens Lisboa está diferente, sentem-se “deslocados”, o filho de Júlio morou ali perto, mas teve de se mudar para Odivelas pois “as rendas aqui não são para quem ganha pouco”. Fernando também está resignado, diz que com o encerramento de estabelecimentos e a saída de moradores, a identidade de Lisboa está a perder-se, mas acha que não há muito a fazer e no caso dele, os turistas que alugam casas por ali perto não lhe compram quase nada, “umas frutas e umas garrafas de vinho ou de cerveja”.

Ele, que ainda continua a vender fiado, “apenas a alguns, os que sei que pagam religiosamente, recomendo as frutas, o pão e os queijos, pois sei o que muitos dos meus clientes gostam e quanto podem gastar”, mais tradicional ainda, continua a fazer a conta das mercearias num papel, à frente do cliente que depois lhe entrega, a fazer lembrar outros tempos, os de outra Lisboa.

• Entrevista 5 – Vidraria de Santa Marta, Maria do Rosário 56 anos - agosto de 2024⁶²

Na Rua de Santa Marta, encontramos a Vidraria de Santa Marta e Maria do Rosário e o marido Agostinho, trabalham ambos na loja de comércio de louças e quinquilharias, como gostam de lhe chamar. Maria do Rosário tem 56 anos e o marido 58, não têm idade tão avançada como outros comerciantes destes questionários, mas esta já pesa na hora de fechar depois de quase 12 horas de trabalho mais ainda, porque ao contrário de muitos dos outros comerciantes mais antigos, não moram em Lisboa, mas no Montijo, o que lhes leva diariamente quase três horas em deslocações.

Em 1982, com apenas 14 anos Maria do Rosário veio da Pampilhosa da Serra para morar com a sua tia em Lisboa, tendo começado pouco depois a trabalhar na loja desta. Com o passar dos anos acabou por ficar a gerir a loja e, anos mais tarde com a exploração do negócio.

Foi já depois de conhecer e casar com o marido que fez obras e deu um aspeto mais moderno ao estabelecimento, “tinha um armazém para trás, mas decidi acabar com ele e fazer mais área de exposição pois fui introduzindo produtos que as pessoas me pediam”.

O negócio corria bem e as vendas justificavam o trabalho que tinha, tendo chegado a ter dois empregados, uma vez que o marido teve outra profissão, e só quando a empresa onde

⁶² as citações neste texto foram transcritas da entrevista nº 5 realizada em agosto de 2024.

trabalhava fechou é que ele passou a trabalhar a tempo inteiro na loja.

Começou a vender pequenos eletrodomésticos, “máquinas de barbear, torradeiras, panelas de pressão, pois as pessoas perguntavam por coisas que não havia nas redondezas e eu ia buscar e depois de saberem que eu tinha aqui à venda vinham outros comprar”.

Diz que os muitos residentes nas ruas próximas se conheciam todos uns aos outros e que quando um dizia que tinha comprado ali na sua loja passado pouco tempo apareciam outros a querer também. Mesmo que hoje ainda tenha alguns, poucos clientes destes, diz com mágoa que “agora é só alojamentos locais por todo o lado e muitos estrangeiros, desses dos computadores que pedem comida para entregar em casa, como aquele que mora aqui por cima e que paga uma renda de muitos, muitos euros”.

Quanto aos turistas, confessa que nunca viu tantos como agora pois é o tempo todo a ouvir as malas com rodas a fazer barulho no passeio em frente à porta e que é o dia inteiro a passarem para cima e para baixo. Foram estas transformações nas últimas décadas que a levaram a ver uma oportunidade de negócio, tendo começado a vender produtos que estes procuravam. Foi deste modo que começou a vender louças típicas da Fábrica Bordallo, magnetes, panos com galos de Barcelos e vários produtos direcionados para este tipo de clientes de passagem.



Figura 9 - Interior da Vidraria de Santa Marta, sendo visível na imagem da esquerda os produtos introduzidos destinados a turistas. Fonte: Fotos do autor, agosto de 2024.

Apesar disso as vendas têm caído nos últimos anos à medida que a zona vai ficando “deserta” de residentes mais antigos e, “os turistas têm cada vez menos dinheiro”.

À pergunta se considera a sua loja tradicional responde que sim, mais que não seja porque é das poucas que está aberta há mais de vinte anos e, mesmo que considere que o turismo acabou por ser em parte benéfico para o seu negócio, confia que antigamente gostava

muito mais do que fazia pois grande parte dos clientes eram conhecidos e mantinha relações de amizade com alguns deles.

Questionada se gostaria que algum dos seus dois filhos ficasse à frente da loja, responde taxativamente que não, pois “eles têm a vida e o trabalho deles e que é mais tranquila do que se para ali fossem, pois são muitas horas e o rendimento é pouco”.

Quanto ao futuro não sabe quanto tempo mais vai ficar, mas se alguém lhe oferecer o suficiente para poder ir descansada para casa, quem sabe, o que quase aconteceu há pouco tempo quando, “um daqueles emigrantes de um dos países asiáticos fez-me uma oferta pela loja”, mas acabaram por não chegar a acordo, talvez porque ela própria ainda não está pronta para se reformar, pois confessa que, “adoro aquilo que faço e o meu marido também”.

- **Entrevista 6 - Móveis de São Mamede, António Tavares 70 anos - agosto de 2024** ⁶³

Na rua do Arco de São Mamede, rua íngreme e contígua à rua da Escola Politécnica encontramos uma loja pequena, mas que chama a atenção a quem passa perto pela quantidade de coisas colocadas no passeio e penduradas na porta. Lá dentro António Tavares de 70 anos, nascido na Guarda, veio para Lisboa para trabalhar com apenas 10 anos, depois de completar o ensino básico.

Antiga casa de venda de pequenos móveis, de que guarda o nome da sociedade, António Tavares começou a vender aquilo que gosta de chamar artesanato, cestas, canastras, bancos, cadeiras e um sem número de pequenos objetos, muitos deles tradicionais.

Para se abastecer compra a diferentes produtores um pouco por todo o país, mas ele próprio também fabrica alguns e faz reparações em cadeiras de palhinha ou em móveis que lhe pedem para arranjar.



Figura 10 - António Tavares à porta da sua loja. Fonte: foto do autor, agosto de 2024.

⁶³ as citações neste texto foram transcritas da entrevista nº 6 realizada em agosto de 2024

Foi em 1980 que a antiga carpintaria se transformou em loja de venda e é aqui, que desde essa altura, ele e a esposa trabalham, sem nunca ali terem feito obras ou adaptações aos produtos vendidos.

Acaba por dizer que o negócio já foi muito melhor, que tinha muito mais trabalho e muito mais vendas, não só de moradores, mas também, “de pessoas de fora de Lisboa que ali iam pois sabiam que ele vendia produtos que na cidade mais ninguém tinha”, dizendo com orgulho que tudo o que vende é feito em Portugal.

Confessa que nos últimos anos ali na zona “tem sido uma sangria de residentes mais antigos ou porque morreram ou porque foram postos fora pelos novos senhorios que lhes aumentaram as rendas”, e “muitos não eram velhos, tinham quarenta ou cinquenta anos e moravam aqui há dez ou vinte anos e por isso puderam-lhes aumentar as rendas para valores que não conseguiam pagar e acabaram por ir embora para fora de Lisboa com os filhos onde as rendas são mais baratas”. E continua dizendo, “no lugar deles vêm estrangeiros que têm dinheiro e pagam o que lhes pedem, mas esses raramente compram alguma coisa”.

António Tavares, afirma que esse é um dos problemas do “negócio” estar tão mau, pois sem os clientes habituais que lhe pediam reparações, compravam pequenos móveis e outros produtos, as vendas estão cada vez piores.

À pergunta se os inúmeros turistas que passam ali perto lhe compram alguma coisa, acaba por dizer chateado, que vão lá para lhe tirar fotografias a ele e à loja, mas “comprar nada ou muito pouco”, tendo decidido há algum tempo que não deixa mais ninguém tirar fotografias dentro da loja, quanto à porta “não posso fazer nada”.

Diz ainda que de vez em quando vão lá jornalistas, curiosos e “aqueles tipos da internet” que lhe fazem perguntas e que dizem que loja é muito engraçada e vende coisas únicas, mas também não compram nada e, que “não preciso de mais publicidade, preciso é de vendas”. Apesar de não morar na freguesia, o senhor António vive perto e confessa com alguma tristeza que também por lá quase todos os comércios antigos que existiam fecharam ou são agora para os turistas e, que tal como na sua loja, os que ainda se mantêm passam por muitas dificuldades.

Por isso mesmo diz com uma ponta de orgulho que os filhos têm bons empregos e que quando chegar a hora fecha a porta e vai descansar com a “patroa”, porque aquilo já não é vida para ninguém, muito menos para eles.

Já depois desta conversa e quando se estava a despedir, apareceu uma pessoa a perguntar-lhe se ele podia reparar umas cadeiras que tinha em casa e António Tavares disse-lhe para trazer para ele poder ver qual era o preço que podia fazer.

Depois do “provável” cliente se ir embora acaba por dizer que, “é um brasileiro desses com dinheiro, advogado e que se mudou para aqui há quase um ano, pois dizia que aquilo lá onde morava era muito perigoso e que Portugal é uma maravilha”, e que também já não é a primeira vez que lhe pede coisas, mas “quer sempre tudo muito barato”.

- **Entrevista 7 - Mobiliarco, Fernando Vigário 81 anos - novembro de 2024** ⁶⁴

Na rua das Amoreiras encontramos a Mobiliarco, loja de móveis e decorações junto ao arco com o mesmo nome. Sentado a uma secretária bem no fundo da loja, Fernando Vigário, 81 anos vai lendo o jornal enquanto aguarda a hora de fechar a porta. A loja era do seu pai, e Fernando depois de se reformar decidiu continuar o negócio, “porque gostava e, bem vistas as coisas, sempre o ajudei, mesmo quando estava no meu trabalho”. Foi em frente, do outro lado da rua, na antiga oficina que o pai transformou em loja e que ficava no rés do chão da casa onde ele nasceu, “sim porque naquele tempo nascia-se em casa, onde vinha a parteira”, que a família morou até se mudarem para a rua de Campolide, já depois do pai ter arrendado a loja onde hoje se encontra a Mobiliarco.

Fernando acabou o antigo Liceu e fez depois um curso comercial, e foi graças a isso que foi trabalhar para o ramo dos seguros onde fez carreira, e “ganhei bom dinheiro e aprendi muito sobre gestão de negócios, mas sempre que podia ia ajudar na loja e mesmo reparar móveis quando era preciso”. Aberta em 1960, no lugar onde era um antigo talho, Fernando conta com um sorriso que quando tinha 3 anos ia morrendo naquela rua quando decidiu ir ter com a mãe que tinha ido ao talho e atravessou a rua tendo ficado na grelha da frente de um elétrico que ia a passar, “não morri eu ia morrendo a minha mãe, coitadinha”.

Já sabia que quando se reformasse dos seguros que era para ali que queria ir e por isso continua a fazê-lo com gosto todos os dias e, diz com orgulho, que tem duas filhas formadas, uma delas em decoração e que esta quando ele decidir ficar em casa vai continuar a abrir a porta.

A Mobiliarco esteve quase a ser considerada “Loja com História” pela Câmara Municipal de Lisboa, “vieram cá perguntaram umas coisas tiraram umas fotos, mas depois vieram-me dizer que afinal não cumpria lá umas coisas que eram precisas”.

Tem pena, pois para ele a sua loja é tradicional, “está igual há mais de trinta anos quando fiz umas obras no chão e numas paredes, mas de resto não mexi em mais nada, mas como tenho móveis e decorações por todo lado não se percebe muito bem”.

⁶⁴ as citações neste texto foram transcritas da entrevista nº 7 realizada em novembro de 2024.

Olhando para os móveis que tem para venda, estes parecem em segunda mão, mas ele responde que não, que são todos novos e que só tem ali no meio daquilo tudo dois ou três usados que aceitou por troca de alguns que vendeu e que, “são todos daqueles bons, de madeira de qualidade e bem acabados e posso assegurar que duram não uma, mas duas ou três vidas pois não são como aqueles dos suecos, que podem ser baratos, mas que não prestam para nada”.



Figura 11 - Área de exposição e escritório da Mobiliarco. Fonte: fotos do autor, novembro de 2024.

É por isso que diz que a sua loja é tradicional pois o tipo de produtos que vende já não se encontra em lado nenhum, “só que hoje as pessoas olham mais ao preço do que a qualidade e por isso dizem que é caro, mas posso garantir que os móveis que vendo daqui a 30 anos ainda estão como novos e bonitos”. Recorda que a rua de São Bento chegou a ter várias lojas como a sua que vendiam móveis de qualidade e de estilo, mas que hoje restam apenas duas que vendem móveis em segunda mão como aqueles que ele tem novos

Quanto à vizinhança, diz que nunca existiram muitas lojas ali perto, mas das poucas já só resta a sua. Lembra-se do *Pub* do Espanhol, da carvoaria e de quando os moradores se juntavam no jardim das Amoreiras nas noites quentes de verão e onde se falava de tudo um pouco, “até dos podres de cada um”. Quanto aos turistas que lhe passam à porta, alguns acham graça, entram, mas não lhe compram nada, quanto aos moradores estrangeiros, “há cada vez mais, aí nesses prédios novos e caros que fizeram nos últimos anos, mas é muito raro

comprarem alguma coisa”, diz que o seu negócio não mudou muito nos últimos anos pois já há algum tempo que também vende coisas pela internet com a ajuda da filha e que o tempo de ter empregados a tempo inteiro para restaurar peças já passou há muito, mas que mesmo assim não se pode queixar e, que enquanto puder é para ali que vai de segunda a sexta e sempre vai tendo tempo para uma conversa ou outra com alguns dos “fregueses” das redondezas que ainda restam.

Em final de conversa diz que a loja “é o meu centro de dia, venho para aqui em vez de ficar em casa a ver aqueles programas na televisão”.

Depois desta conversa, Fernando fecha a porta e despede-se encolhendo os ombros, “é a evolução dos tempos, só não sei é se é para melhor”.

- **Entrevista 8 - O Alfaiate, Carlos Mendes 75 anos -novembro de 2024** ⁶⁵

Na Praça da Alegria, Carlos Mendes continua a receber os seus clientes no espaço que arrendou há 43 anos, mais precisamente em 1981. Antes tinha estado num primeiro andar na rua da Glória, a poucos metros dali, mas, “era num primeiro andar e os clientes só lá iam se me conhecessem, os de passagem não”. Foi por este motivo que se mudou para a Praça, pois tinha porta para a rua e os toldos que colocou na fachada davam-lhe mais “visibilidade”.

Carlos Mendes, nasceu numa aldeia da Pampilhosa da Serra, concelho do distrito de Coimbra e “emigrou”, como ele diz, para Lisboa com apenas 15 anos para trabalhar como aprendiz numa alfaiataria na rua Augusta, atividade que já tinha desde os 12 anos quando deixou de estudar

Foi nesta alfaiataria que se manteve até “arriscar” abrir o seu próprio negócio já perto dos 30 anos de idade, casado e com casa própria. A sociedade “Mendes & Fonseca” é dele e da sua esposa, mas esta nunca ali trabalhou.

Carlos que trabalhava sozinho no início, chegou a ter três costureiras naquele espaço para poder atender aos pedidos, hoje resta uma, mais que empregada é sua amiga, tantos já são os anos que trabalham juntos, mas também dá alguns trabalhos a fazer fora como as ombreiras para alguns dos casacos.

Com 75 anos já está reformado há dez, mas continua a vir de Odivelas, onde mora, de segunda a sexta feira para o centro da cidade e sai de casa cedo, “para apanhar menos confusão no metropolitano, pois nos últimos anos está sempre cheio de gente, antigamente não era assim”. Confessa que continua a trabalhar apenas pela paixão que tem pelo que faz,

⁶⁵ as citações neste texto foram transcritas da entrevista n° 8 realizada em novembro de 2024

pois “se fosse pelo dinheiro já tinha fechado há algum tempo, mas também porque tenho clientes que já são meus amigos e continuam a confiar no que faço”. Acaba por dizer que se especializou em fatos, casacos e camisas de homem e que de senhora só faz mesmo se forem pedidos especiais ou para alguém conhecido porque nunca gostou muito. Lá acaba por explicar porquê, “sabe, os peitos, as ancas e as cinturas das mulheres acabam por dar muito trabalho a acertar os feitios e os tamanhos, mas também porque elas ao contrário dos homens são muito mais exigentes”.



Figura 12 - Alfaiataria Carlos Mendes, entrada e aspetos do interior e da área de confeção. Fonte: fotos do autor, novembro de 2024

Quando se lhe pergunta por quanto tempo mais vai continuar a trabalhar, responde sem hesitação “até poder”, pois não se vê a morar em permanência na casa que tem numa aldeia perto de Torres Vedras onde costuma passar os fins de semana a descansar, “mas o dia vai chegar e nessa altura logo se vê”. Queixa-se que não tem ninguém a quem ensinar a sua arte, “hoje compra-se tudo já feito e barato, antigamente a roupa era para durar anos, ou porque o dinheiro não abundava, ou porque era bem feita”, quanto aos filhos, “estão casados e têm os empregos deles, mas também nunca gostaram disto”. Carlos almoça quase todos os dias num restaurante próximo da sua loja, “um dos poucos que tem os mesmos donos há muitos anos e que ainda serve “comida que eu conheço”. Diz que eram mais de vinte restaurantes nas ruas próximas, hoje restam dois, pois todos os outros são para turistas “seja pelo preço que cobram

seja pelo que vendem”. Constata que toda aquela zona tinha dezenas de lojas de todos os tipos de negócios: mercearias, retrosarias, tabacarias, cabeleireiros, barbeiros, drogarias, mas também muitas pensões, ou não tivesse tido a Praça da Alegria durante muitos anos má fama devido aos seus estabelecimentos noturnos e à prostituição. Dos estabelecimentos que encerraram conhecia quase todos os proprietários, muitos eram vizinhos, mas também amigos e clientes, “sabíamos quando alguém estava mal, ou lhe acontecia alguma coisa, onde moravam e quando se mudavam, era quase uma pequena aldeia”. Questionado se todas estas mudanças dos últimos anos, alteraram o seu sentimento de pertença a este local, responde sem hesitação, “claro que sim, hoje são só hotéis para turistas ou estrangeiros que moram por aí e que andam a passear os cães todo o dia e não falam com ninguém, dos residentes mais antigos, restam poucos, mas ainda consigo de vez em quando ter uma conversa à porta como era antes, mas é a evolução dos tempos”, afirma, mas o sentimento de pertença à Praça que dizia existir de quem ali morava e trabalhava perdeu-se.

Para ele os turistas nunca foram clientes, “já tive um ou dois, não mais”, mas ao contrário dele, muitos dos proprietários de outras lojas tiveram de fechar quando os “fregueses” começaram a sair por causa das rendas, mas também porque os visitantes e os novos residentes não lhes compravam nada, e que agora já não há muito a fazer porque se vive uma nova realidade em que os preços das rendas e o custo das coisas não permitem que voltem.

Em conclusão, para Carlos Mendes a Praça da Alegria já não é aquele território onde quase dos residentes se conheciam e onde, mesmo para ele que nunca ali morou, existia uma identificação coletiva porque muitos tinham vindo para Lisboa de locais próximos uns dos outros e, onde havia, por exemplo a tradição de se juntarem nas festas da cidade para comerem e beberem nos estabelecimentos da freguesia, agora “nem cá ponho os pés, já não conheço ninguém e os preços são de fugir”, acaba por concluir com alguma mágoa.

- **Entrevista 9 - Drogaria Mirra, Kantilal 73 anos - novembro de 2024**⁶⁶

Descendo a rua de São José em direção ao rio, relembremos que em Lisboa os números de porta iniciam-se a partir dele, pois foi das suas margens que a cidade cresceu, chegamos ao número 70, junto à esquina do cruzamento com a rua das Pretas e do Telhal, à Drogaria Mirra.

Das muitas centenas que existiam em Lisboa, a loja do senhor Kantilal será das poucas que ainda mantêm esta designação. Lá dentro podemos ver uma variedade de produtos de limpeza, higiene pessoal, ferragens e de “utilidades”, como pilhas, cadeados ou lâmpadas.

Kantilal, 73 anos, nasceu em Moçambique numa família de origem indiana que se havia

⁶⁶ as citações neste texto foram transcritas da entrevista nº 9 realizada em novembro de 2024.

mudado para a colónia portuguesa muitos anos antes, “talvez no século XIX, mas não tenho a certeza absoluta”, afirma ele. Na verdade, a cor da pele e o seu aspeto indiciam qual a origem das suas raízes, mas como muitos nascidos nas ex-colónias, excetuando professar a religião hindu, Kantilal cresceu sob influência da cultura portuguesa. Estudou até completar o Liceu e, com 23 anos foi trabalhar para um escritório de materiais de construção, indo mais tarde para uma loja de ferragens em Maputo, propriedade de um primo seu.

Com a independência e a guerra civil em Moçambique o negócio passou por dificuldades e foi este o principal motivo que levou a vir para Lisboa em 1983, com 36 anos, já casado com uma “indiana” também de origem portuguesa. Instalado em Santo António dos Cavaleiros, nos arredores da capital, no ano seguinte encontrou, por acaso, uma loja devoluta e, com as parcas poupanças que tinha amealhado e confiante na experiência que já tinha do negócio das utilidades e de produtos de limpeza, decidiu arriscar e abrir um estabelecimento do ramo, a Drogaria Mirra, cujo o nome foi inspirado numa das ervas oferecidas pelos reis magos no imaginário cristão do nascimento de Jesus.

Foi por acaso que ao passar em frente ao número 70 da rua de São José reparou que este estava para arrendar e rapidamente chegou a acordo pelo valor da renda a pagar por aquele espaço com apenas 40 m², mas que para ele era o ideal para o negócio que pretendia abrir.

Aquele primeiro ano, confessa “foi o mais difícil de todos da minha vida, pois tinha chegado a Lisboa há pouco tempo, acabado de abrir a loja com as minhas poupanças e a crise económica era muito grande, com o FMI e tudo”.

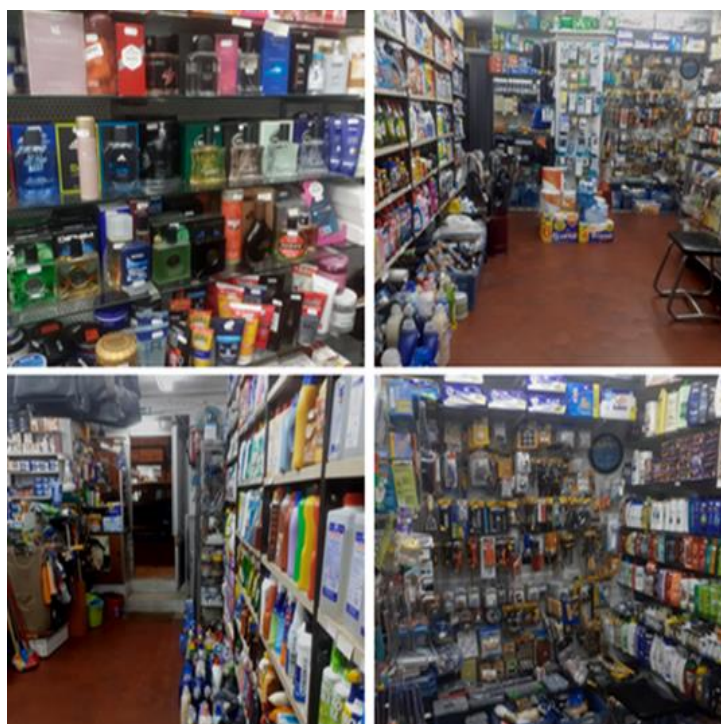


Figura 13 - Aspetos do interior com os inúmeros produtos que tem para venda. Fonte: fotos do autor, novembro de 2024.

Recorda-se bem desses tempos e dos problemas que as pessoas tinham, “aqui ao lado no Val do Rio eram filas enormes para comprar leite, bacalhau e outros produtos e, muitos vinham aqui pedir fiado pois não tinham dinheiro para pagar, a alguns vendia, a outros não, pois sabia que não apareciam mais”.

Passada esta fase mais difícil o negócio corria bem, mas a partir da década de 1990 com a abertura das grandes lojas nas periferias, as restrições às vendas de alguns produtos a granel e com a saída de muitos residentes da freguesia, Kantilal confessa que teve fases que pensou em desistir, nomeadamente nos primeiros anos do século XXI, e também mais recentemente, mas “se aguentei estes anos todos e, todos estes problemas, agora só encerro quando eu ou a minha a mulher não conseguirmos vir abrir a porta às 9 da manhã como é habitual”.

A loja onde se contra a Drogaria Mirra teve uma história anterior ligada a uma importante figura da música popular portuguesa, António Variações. Foi nestes 40 m² que em 1979, abriu a “É pró Menino e Prá Menina”, salão unissexo de barbearia, já depois de ter assinado o seu primeiro contrato musical no ano anterior. A foto da capa do álbum que viria a torná-lo conhecido, “Anjo da Guarda”, foi ali tirada em 1983, pouco tempo antes de encerrar e foi por isso que Kantilal a encontrou para ser arrendada em meados desse ano.

Quarenta anos depois a loja continua aberta, Kantilal confessa que gosta do que faz e por isso ali se mantêm, mas lá vai dizendo que antigamente as coisas “eram bem melhores”.

Questionado porquê, afirma que toda a zona era muito mais movimentada, tinha muitos mais moradores e clientes e o negócio corria bem, mesmo que quase em frente tivesse a drogaria do senhor Garcia e, duas centenas de metros mais acima a drogaria do senhor Manuel. Garcia era figura conhecida na rua pelos produtos que vendia a granel, petróleo, aguarrás e soda cáustica, mas também pela sempre impecável bata branca que vestia para trabalhar atrás do balcão, já o senhor Manuel vendia os mesmos produtos que ele, mas negócios à parte, acaba por dizer, tinha uma relação de amizade e de confiança com eles, de tal modo que ele e o senhor Garcia fizeram muitas vezes os depósitos em numerário no banco um do outro para não perderem tempo nas deslocações. Era habitual almoçarem juntos nos pequenos restaurantes da rua, e falavam das notícias do dia, mas também da vida familiar e de negócios. Hoje as coisas são bem diferentes, “comerciantes conhecidos há poucos e, clientes, os que restam, são idosos, têm dificuldade em vir à rua, ou porque muitos foram empurrados para outros locais pelos novos senhorios e pelos alojamentos locais”.

Quando se lhe pergunta se os inúmeros turistas que lhe passam à porta compensam a baixa das vendas provocada pela saída de residentes habituais, diz sem hesitação que, “nem pensar, lá compram uma coisa ou outra, mas coisas baratas e normalmente produtos de higiene

pessoal”. Aliás, foi esta constatação que o levou a começar a vender um tipo de produto que não tinha habitualmente. Desodorizantes, pasta de dentes, perfumes, shampoos, mas de tamanho mais reduzido, de viagem como se lhes convencionava chamar, “muitos dizem que só têm uma mala para levar no avião e por isso tem de ser dos pequenos”. Kantilal, mostra ainda com orgulho alguns produtos, que garante dificilmente se encontram à venda noutras lojas, “pois as empresas que os faziam já encerraram e eu ainda tenho stock, o que infelizmente também quer dizer que quem os comprava habitualmente deixou de cá vir”.

Já no final, questionado se considera que as lojas antigas e mais tradicionais que ainda restam são importantes para o bairro, diz que sim, mas que pelo que vê quando estas fecham, reabrem com novos proprietários quase sempre estrangeiros. Estes, ao contrário dos antigos, quase não falam com os outros comerciantes e não consegue perceber como é que muitos mantêm a porta aberta pois, tal como ele, as vendas são fracas.

Para fim de conversa, diz sem qualquer dúvida que se algum dos seus filhos quisesse ficar com o seu negócio dar-lhes-ia todo o apoio, mas só se fosse decisão deles, pois tem a certeza que teriam muitas dificuldades em tirar dali um rendimento digno, como ele felizmente conseguiu ter durante muitos anos, “mesmo que eles gostem disto e até venham para aqui trabalhar ao sábado de manhã, quando eu e a minha mulher ficamos em casa, pois já precisamos de ter dois dias de descanso”.

- **Entrevista 10 - Príncipe Real, Vítor Castro 84 anos - julho de 2024** ⁶⁷

Na rua da Escola Politécnica, encontramos a Príncipe Real, não a praça homónima, mas a loja de Vítor Castro. Aberta em 1960, a loja, é para ele única, pois vende produtos que afiança, “mais ninguém tem”. Ponto de venda de enxovalhos, como orgulhosamente afirma, esta loja é desde 2018, “Loja com História”, distinção atribuída pela Câmara Municipal de Lisboa. Vítor Castro com 84 anos continua ali a trabalhar todos os dias por “carolice e por gosto”, pois ao contrário de muitos outros proprietários de lojas tradicionais a filha trabalha ali a tempo inteiro e esporadicamente uma das suas netas.

Aberta há mais de 60 anos, a loja foi inicialmente ponto de venda dos produtos manufaturados pela sua mãe e por costureiras contratadas por ela para a ajudar a atender os pedidos que tinha de enxovais, toalhas, vestidos, fatos de batizados e outros produtos encomendados à medida por clientes específicos.

Foi no prédio em frente onde viviam que durante alguns anos estes produtos eram

⁶⁷ as citações neste texto foram transcritas da entrevista nº10 realizada em julho de 2024.

produzidos, mas em 1960 com o negócio a crescer o espaço no segundo piso já era exíguo, e foi nessa altura que Vítor Castro convenceu a mãe a abrir uma loja de rua, que para além de ser ponto de venda a clientes habituais podia também ser armazém e servir de local de manufatura.

Vítor Castro não trabalhava na loja, mas sempre que podia ajudava a mãe, pois teve várias profissões desde que abandonou a escola aos 16 anos. Esteve na companhia aérea portuguesa nos serviços de terra, trabalhou no Instituto Nacional de Estatística e em agências bancárias e, só quando se reformou no início do século XXI, já depois da morte da progenitora, é que passou a trabalhar na loja a tempo inteiro. Mesmo que esta não tivesse sido a sua ocupação principal, acompanhou a evolução da loja e conheceu muitos dos clientes mais famosos.

Diz com orgulho que muitas das famílias reais, não apenas da Europa, mas de muitos outros locais como do Médio Oriente era ali que encomendavam os enxovais para as futuras rainhas ou princesas que iam casar, e conta o episódio de quando a mulher mais rica do mundo na década de 1970, *Liliane Bettencourt*, entrou na loja e comprou todo o recheio pela módica quantia de 400 contos e mandou entregar no Hotel Ritz.



Figura 14 - Príncipe Real Enxovalhos, Vítor Castro ao balcão. Fonte: fotos do autor, julho de 2024.

Para ilustrar a importância da loja afirma que, “ainda há muitas famílias ricas e conhecidas do país que aqui vêm encomendar peças únicas e personalizadas, daquelas que deram fama e visibilidade ao estabelecimento mas, “também vendo muito para o estrangeiro graças aos turistas, pois alguns compram coisas, metem na internet e a seguir vêm outros que viram as

fotos e os produtos que a casa tem”. São muitas as histórias que sabe de cor de pessoas famosas e menos famosas, mas a sua boa disposição e jeito natural para as contar são por si só motivo para entrar na loja e ali ficar durante horas à conversa com ele. Quando se lhe pergunta se considera o seu estabelecimento tradicional, responde com firmeza que sim, e que sente pena de algumas lojas antigas como a sua terem fechado como a Casa Achilles no outro lado da rua mas se depender dele, “só saio daqui para o sítio que todos temos de ir um dia”.

Mesmo que Vítor Castro diga que só sai da loja quando a isso for obrigado, a Príncipe Real, tem o futuro assegurado, porque a sua filha com quarenta anos trabalha ali a tempo inteiro e tal como o pai, assegura que é por ali que conta ficar muitos anos com os mesmos móveis e com a registadora que já só serve de decoração, mas que continua a atrair muitos curiosos.

Para fim de conversa, Vítor Castro, vem à porta para se despedir e faz uma observação, “esta rua é um corrupio de turistas o dia todo para cima e para baixo, a pé, de *tuk tuk*, de autocarro, novos, velhos, são milhares deles e, pelo que me apercebo vêm de todo o mundo, olhe ainda bem, alguns sempre compram qualquer coisita”.

O encerramento de estabelecimentos tradicionais ou de bairro tem sido recorrente nos últimos anos em Lisboa, e por isso um dos objetivos para a realização deste trabalho foi recolher as histórias e opiniões destes homens e mulheres. Quando no verão de 2023, depois de uma primeira abordagem a comerciantes da freguesia, se verificou que alguns deles iriam encerrar em breve foram realizados alguns questionários, e ficaram outros prometidos num curto espaço de tempo. Os próximos testemunhos ou apenas biografias, porque já não foi possível a realização do questionário, são destes comerciantes, infelizmente alguns encerraram por falecimento dos proprietários, mas o levantamento efetuado permitiu que ficassem registadas as suas histórias e algumas das suas memórias.

- **Entrevista 11 - Barbearia King, Francisco Palma 75 anos - julho de 2023** ⁶⁸

Na rua do Conde de Redondo, a Barbearia King resistiu até meados de agosto de 2023, pouco mais de um mês depois desta entrevista encerrou para férias para não mais reabrir, na atualidade onde se encontrava podemos agora encontrar uma mercearia, ou *Late Night Shop*, como já existem centenas na capital.

Na altura, Francisco Palma com 75 anos, confessava que estava cansado daquela vida e que desde que o sócio, oito anos velho que ele se tinha finalmente reformado, o ânimo e o gosto

⁶⁸ as citações neste texto foram transcritas da entrevista nº11 realizada em julho de 2023.

por aquela profissão eram cada vez menos, e por isso andava cada vez mais desiludido.

Nascido em Castro Verde, Francisco Palma veio para Lisboa em 1966 com 16 anos para trabalhar numa barbearia, profissão que já tinha na sua terra natal desde os 13.

Nos anos seguintes passou por outros estabelecimentos, até que em 1982 ele, e aquele que viria a ser o seu sócio de uma vida, decidiram comprar a Barbearia King para se estabelecerem por conta própria. Aberta em 1970, a barbearia foi por eles remodelada, nas suas palavras “com os móveis e cadeiras de barbeiro do mais moderno que existiam à época e, que ainda hoje aqui se encontram, sinal que eram de qualidade”.



Figura 15 - Francisco Palma na Barbearia King um mês antes de encerrar. Fonte: fotos do autor, julho de 2023.

À pergunta se gosta do que faz, responde que sim, “pois só assim era possível ter passado uma vida inteira a fazer o mesmo”, e porque, diz com orgulho que “tinha muitos clientes que eram meus amigos verdadeiros, sabia a vida toda deles, as coisas boas as más”, e até, afirma um pouco envergonhado, “sabia quem enganava as mulheres e com quem” e alguns destes “enganados” também eram seus clientes, mas assegura que nunca abriu a boca, “isso era lá com eles”.

Nas redondezas conhecia toda a gente dos prédios próximos, mas também das lojas, eram como uma grande família, ele ia lá comprar coisas ou comer nos restaurantes e, os donos e empregados desses estabelecimentos era ali que vinham cortar o cabelo e fazer a barba.

Agora, diz com mágoa, que já quase não conhece ninguém, “restam alguns, poucos, uns morreram outros foram para a terra e outros para o lar, e os filhos deles, que também foram

clientes meus mudaram-se ou vão aquelas lojas novas, de estrangeiros que cortam o cabelo quase de graça e sem saberem muito bem o que estão a fazer”.

Quando no início do ano o seu sócio, José Ferreira de 83 anos, decidiu finalmente reformar-se, Francisco Palma continuou com o negócio aberto, mas o problema, “não é o trabalho, pois infelizmente clientes já há poucos, são as costas e, mais do que isso, é achar que já não vale a pena andar aqui para fazer uns tostões que também já não me fazem assim tanta falta”.

Para rematar a conversa diz que antigamente tinha mais trabalho e que ganhava muito mais dinheiro em 1974 a cortar o cabelo por 180 escudos, época em que chegava a ganhar 5 contos por semana do que agora a 10 euros.

Não é de admirar que dissesse que quando fosse de férias em meados de agosto, talvez já não voltasse, logo via, se aceitaria uma proposta que lhe tinham feito meses antes. Assim foi, e por isso a Barbearia King e os seus móveis com mais de 40 anos passaram a ser mais uma memória de Lisboa.

- **Entrevista 12 - Merceria de São Mamede, Celestino 91 anos - agosto de 2023** ⁶⁹

Na rua de São Mamede, a chegar à igreja homónima, ficava uma pequena mercearia distinguida como “Loja com História”. Encerrou em setembro de 2023, primeiro por doença do seu proprietário e, meses mais tarde pelo seu falecimento.

Este estabelecimento representava muito do que eram os pequenos comércios em Lisboa que ainda se mantinham abertos. Infelizmente o senhor Celestino não chegou a ser entrevistado para este trabalho pelas circunstâncias acima descritas, mas foi possível, aquando do levantamento de comerciantes feito para a elaboração deste trabalho, saber que tinha 91 anos na altura e que trabalhava naquela mercearia desde 1951, mas que só em 1982 se tinha tornado proprietário. Fazendo contas podemos perceber que estava ali desde os 19 anos o que perfazia mais de 70 anos de trabalho no mesmo local. Parada à porta estava sempre a sua carrinha *Bedford Rascal*, a qual confessou já não conseguia conduzir e que apenas servia para guardar frutas e hortaliças, “um pequeno armazém agora, mas já fez muitos quilómetros a acartar coisas e foi comprada nova e a pronto, pois paguei com o dinheiro que punha de parte depois de muitos anos a poupar, mas a intenção era comprar a outra maior que já não me recorda qual era o nome, mas quando consegui o dinheiro suficiente o preço tinha aumentado e por isso lá teve de ser esta mais pequena” isto foi em meados da década de 1980.

⁶⁹ as citações mencionadas neste texto foram transcritas da entrevista nº12 realizada em agosto de 2023.



Figura 16 - Celestino, 91 anos na Mercearia de São Mamede pouco tempo antes de encerrar. Fonte: fotos do autor, agosto de 2023.

A intenção era entrevistar o senhor Celestino no final de 2023, mas tal já não possível devido ao seu desaparecimento, felizmente foram os feitos registos fotográficos que se podem ver acima, uma singela homenagem a um homem que disse que continuaria ali a trabalhar até poder, e assim foi.

- **Entrevista 13 - Retrosaria Anisa, Alfredo Pires 83 anos - julho de 2023**⁷⁰

Caso similar ao da mercearia de São Mamede foi o da retrosaria Anisa na rua de Santa Marta. Alfredo Pires de 82 anos era figura conhecida na rua pelas longas horas que passava à porta do seu estabelecimento comercial de braços atrás das costas cumprimentando quem passava, fosse seu conhecido ou não.

No verão de 2023 foi contactado para saber se tinha disponibilidade para ser entrevistado para este trabalho, algo a que acedeu com entusiasmo. Na altura a conversa foi breve pois a ideia seria entrevistá-lo mais tarde, mas em março de 2024 o senhor Alfredo foi vítima de doença súbita tendo falecido dias mais tarde. Da breve conversa da altura, pode-se saber que tinha

⁷⁰ as citações neste texto foram transcritas da entrevista nº13 realizada em julho de 2023.

aberto a loja em 1980, depois de ter trabalhado com “caixeiro-viajante” vendendo panos, fechos, roupa interior e um sem número de produtos por todo o país em retrosarias e lojas especializadas do ramo.

Cansado da estrada e de andar sempre fora, no início da década de 1980 aproveitando a experiência acumulada convenceu a esposa a deixar o emprego que tinha, para vir trabalhar com ele para a Anisa.

As duas décadas seguintes foram muito boas, “vendia-se muito e produtos de qualidade, pois nas ruas aqui perto as costureiras eram às dezenas, e por isso havia alturas que as clientes faziam fila à porta”.

Para além das costureiras, Alfredo Pires lembra-se do tempo em que aquela rua estava sempre cheia de gente para cima e para baixo, “eram os moradores, que havia muitos, mas também pessoas que vinham às consultas, nos Hospitais de Santa Marta, dos Capuchos ou São José, e que aproveitavam para comprar coisas que precisavam, porque muitos deles vinham de fora de Lisboa e lá nas terras deles não havia produto de qualidade como aquele que eu vendia”.

Mais tarde, com a queda nas vendas nos produtos de retrosaria, “aumentei a oferta na área da roupa interior e uma ou outra peça para ocasiões especiais como camisas e casacos tanto para senhor como para senhora”.

O problema da queda nas vendas agravou-se quando,” abriram centros comerciais por todo o lado com aquelas lojas de roupa baratas e que passaram a estar na moda e, como as costureiras já tinham muito menos trabalho juntou-se tudo, as vendas de roupa e da retrosaria, mas mesmo assim conseguimos nos aguentar de porta aberta até hoje”.



Figura 17 - Pormenor da entrada e do interior da retrosaria Anisa. Fonte: fotos do autor, julho de 2023.

Em 2023, Maria Pires tinha 78 anos e Alfredo 82, trabalhavam ali há mais de 40 e, queixavam-se do negócio, “os tempos em que os clientes aqui se deslocavam de propósito acabaram há muito, mas mesmo assim ainda temos alguns que vêm cá religiosamente”.

Alfredo acabou por desabafar que, “hoje em dia é só turistas com malas a passar o dia todo e a olhar para os telefones”, mas que no caso dele, “não comprem nada, mesmo que alguns parem a olhar para a montra e até achem engraçado ser uma loja antiga com produtos que já ninguém vende, pelo menos ali perto”, estas mudanças todas, afirma que, “só foram boas para alguns restaurantes e casas de comeres estranhos que abriram nestas ruas e que acabam por se safar, pois quem aqui vive já não pode comer fora como comia porque os preços agora são para estrangeiros”.

Sorridente, lá confessou que se fosse pela mulher já tinham fechado a porta e ficado em casa e que havia dias que ela já não vinha, mas que ele gostava de estar ali e sempre ia conversando com quem passava na rua, “os poucos que ainda conheço ou então com os outros comerciantes, como o da Vidraria ou da Florista”.

Mesmo que a conversa já fosse longa, a ideia era que esta fosse aprofundada quando fosse efetuado o questionário na sua totalidade, pois as características do estabelecimento e do senhor Alfredo estavam de acordo com o pretendido neste estudo.

Ficou então prometida uma nova visita para a realização do questionário, mas infelizmente já não foi possível entrevistar o senhor Alfredo como estava previsto, porque ele acabou por falecer em março de 2024.

- **Entrevista 14 - Albuquerque Pronto a Vestir, João Afonso 71 anos - julho de 2023** ⁷¹

Na rua de São Filipe Néri, junto ao Largo do Rato, esteve até ao início de 2024 aberto o "Pronto a Vestir Albuquerque" que vendia roupa de casa, atalhados, pijamas, meias, lingerie e acessórios de retrosaria. Atrás do balcão pai e filho, diziam em julho de 2023 que mais uns meses e iriam encerrar por falta de clientes, mas também pelo cansaço.

João Afonso, 71 anos, abriu esta loja em 1994 quando ainda trabalhava como representante na região de Lisboa de uma fábrica no Norte deste tipo de produtos, a qual viria a encerrar no início do século XXI.

Foi o conhecimento e a experiência acumulada que o levou a abrir esta loja para a esposa ter uma ocupação e um dia “ter um pé de meia” para a reforma e para o sustento do filho. Diz que abriu uma retrosaria porque conhecia o negócio “de fio a pavio” e, como sabia o que se

⁷¹ as citações neste texto foram transcritas da entrevista nº14 realizada em julho de 2023.

vendia à época na zona, pois eram muitas as costureiras e as modistas que trabalhavam a partir de casa ali junto às Amoreiras, podia fazer-lhes “os aviamentos” daquilo que muitas normalmente iam comprar à Baixa nas inúmeras lojas que existiam na rua dos Fanqueiros, da Prata e zona do Martim Moniz. Com o fecho da fábrica em que trabalhava passou em definitivo a ficar na loja pois gostava de atender os clientes de uma forma personalizada e profissional e para dar mais descanso à mulher que tinha de cuidar da casa e do filho. João Afonso nasceu em Lisboa, o seu pai veio de Vila Real para a capital com 10 anos para trabalhar numa tipografia de um conhecido da família, não tivesse sido isso e, como muitos dos entrevistados deste trabalho poderia ele próprio ter vindo para a capital com tenra idade para trabalhar, “pois foi o que aconteceu a muitos miúdos das aldeias daquela região”. Morador em Campolide, diz com mágoa que há uns anos conhecia toda a gente que morava nas redondezas, fossem seus clientes ou não, e que para além disso muitos dos que ali se deslocavam para comprar coisas vinham de freguesias próximas pois sabiam da qualidade dos seus produtos e que ali encontravam sempre o que procuravam.



Figura 18 - Retrosaria Albuquerque, pormenores do interior com João Afonso a esposa e o filho Paulo Afonso. Fonte: fotos de Afonso Duarte, julho de 2023.

Com o passar dos anos e, “com a diminuição das vendas deste tipo de produtos fui introduzindo roupas de cama, atalhados e roupas para homens e senhoras para compensar as perdas e tudo o que vendia era sempre do bom do melhor, mas mesmo assim os últimos anos tem sido difíceis pois as clientes mais idosas foram morrendo ou indo embora e, os mais novos compram nos sítios da moda”. Para João Afonso a sua loja é do mais tradicional que pode haver, “tem produtos de qualidade, atendimento personalizado e quando o cliente

precisa de ajuda, tanto eu como o meu filho sabemos praticamente tudo sobre o negócio, sejam os tamanhos de senhora e de cavalheiro ou os fechos ou botões apropriados para cada peça”.

Ao seu lado, o filho, Paulo Afonso, sorridente ouve o que pai diz e vi dando uma "achegas", pois diz com humor “que o pai já se esquece de muitas coisas”. Com 46 anos, Paulo Afonso é uma exceção ao perfil dos comerciantes deste tipo de estabelecimentos.

Trabalha a tempo inteiro com o pai e com a mãe, que agora só ali vai amiúde para substituir algum deles quando precisam. Confessa que quando acabou o ensino secundário com 20 anos, não quis estudar mais e como o negócio estava a correr bem decidiu ficar a ajudar os progenitores, e passados 25 anos por ali se mantém.

Diz que em breve vão ter de encerrar porque o rendimento que dali retiram já não é suficiente para viverem com qualidade, mesmo com a reforma dos pais e mesmo que não paguem renda pois são proprietários da loja. Paulo Afonso nunca conheceu outra atividade profissional em toda a sua vida e confia que tem algum receio de entrar no mercado de trabalho com esta idade, mas está confiante que vai correr bem, apesar de dizer com mágoa que, “sempre pensei que quando os pais fossem para casa que seria desta loja que iria tirar o meu rendimento até eu próprio me reformar, mas infelizmente isso não vai acontecer”.

Meses mais tarde, a loja encerrou, e Paulo Afonso terá ido procurar uma nova atividade profissional, no mesmo ramo, quem sabe.

• **Entrevista 15 - Mercearia das Águas Livres, Albino Mateus 84 anos - julho de 2023** ⁷²

Não muito longe da Albuquerque, na Travessa das Águas Livres fica a mercearia do senhor Albino. Junto a três condomínios modernos de apartamentos habitados essencialmente por estrangeiros com rendimentos elevados, a pequena mercearia tradicional continuava, no verão de 2023 a expor frutas e legumes no passeio em frente à porta. Albino Mateus, 84 anos chegou a Lisboa ainda na adolescência vindo de Trancoso onde nasceu, para trabalhar numa mercearia de um conhecido do seu pai que ficava em Sacavém.

Mais tarde mudou-se para a capital, onde trabalhou noutras lojas do ramo e foi nos anos seguintes que conseguiu juntar dinheiro suficiente para o trespasse da mercearia das Águas Livres que já estava aberta na altura. Casou-se pouco depois com Alzira, hoje com 78 anos, e é ali, que desde 1970 têm partilhado os bons e os maus momentos, mas também o gosto pelo que fazem. Dois anos depois de terem ido para ali trabalhar, conseguiram comprar “uma

⁷² as citações neste texto foram transcritas da entrevista nº15 realizada em julho de 2023.

casinha aqui perto”, e por isso é naquela zona que têm passado grande parte da sua vida.

Albino remodelou a loja na década de 1980, e são esses móveis e balcões que ali se mantêm até hoje. Recorda que na zona chegaram a existir mais de cinco mercearias como a sua e que dava para todos e que todos se davam bem, mesmo que, “havia um ou outro que não interessavam como pessoas”.

Na atualidade, resta a sua pois, “os clientes mais antigos são cada vez menos, ou porque morreram ou porque foram despejados das casas e os vindos de fora, miúdos novos ou estrangeiros pouco ou nada lhe comprem e procuram sempre o mais barato, pois só olham ao preço não à qualidade”. É por causa disso, mas também dos supermercados, “que abrem todos os dias na cidade e por isso o negócio está cada vez pior, porque até há uns anos aqui perto só existiam praticamente mercearias, os supermercados só existiam fora da cidade, agora”.

Quanto a turistas vê poucos, pois o seu estabelecimento fica numa rua de pouca passagem e não há muitos hotéis perto, mas “basta descer um pouco até ao Largo do Rato para os encontrar em todo o lado”.

Para Albino lojas como a sua estão condenadas a encerrar porque, “muitas pessoas já não fazem comida em casa e mandam entregar tudo já feito, é só desses tipos das bicicletas e das motas com as mochilas às costas a passar por aqui o tempo todo e por isso essas pessoas já não precisam de se abastecer de mercearias para cozinhar, alguns deles é desde o pequeno almoço até ao jantar”.



Figura 19 - Mercearia das Águas Livres, Albino e Alzira poucos meses antes de trespassarem a loja. Fonte: fotos de Afonso Duarte, julho de 2023.

Sobre os vizinhos sempre vai dizendo que ainda tem alguns daqueles conhecidos, “de há muitos anos, mas depois da pandemia vieram muitos novos, estrangeiros que trabalham em casa ou então famílias que se vê têm dinheiro e que normalmente não dão muita confiança para se poder conversar”, acaba por dizer que, “antigamente conhecia quase toda a gente que morava no meu prédio ou na vizinhança e que até frequentavam as casas uns dos outros, agora passam dias que não vimos ou conversamos com ninguém”.

Para terminar afirma, “estou cansado desta vida de trabalhar mais de 12 horas por dia”, e que a mulher está sempre a dizer-lhe para trespassar a loja e irem para casa descansar e por isso se lhe oferecessem “bom dinheiro” não pensava duas vezes, “pois a idade já pesa na hora de me levantar de madrugada para ir buscar frutas e legumes ao mercado”.

Feito o registo fotográfico, Albino despediu-se sorridente, estávamos em julho de 2023.

Meses mais tarde, Albino e Alzira foram descansar, em outubro trespassaram a loja a um emigrante do Paquistão. Agora a Mercearia das Águas Livres por fora ainda parece a loja do senhor Albino, mas ao entrarmos percebemos de imediato que as coisas estão agora muito diferentes no interior, seja pelos produtos que vende, seja porque quem está atrás do balcão não fala português.

- **Entrevista 16 - Drogaria Rio & Ferreira, Júlia Alves 79 anos - julho de 2023**⁷³

Na rua do Noronha, existiu até de julho de 2023 uma drogaria “à antiga”, como muitos com mais idade ainda se recordam. Vendia de tudo um pouco, produtos de limpeza, utensílios para o lar, assadores de castanhas, de chouriços, carvão, vassouras e um sem número de coisas que já não se encontravam com facilidade nas lojas mais modernas.

Atrás do balcão, Júlia Alves de 79 anos, a trabalhar no estabelecimento desde 1969, depois de ela e marido terem ficado com trespasse, “graças ao dinheirinho que poupámos quando nos casámos, mas também ao que não andámos a gastar como os mais novos fazem agora”.

Júlia Alves, conta com tristeza que vai fechar em breve, “estou a fazer umas promoções para despachar coisas, algumas estou a vender mais barato do que aquilo que comprei, mas só quero é ir para casa para poder cuidar do meu marido”.

Essa é mesmo a sua maior mágoa, o marido Adelino de 75 anos teve um problema cardíaco, esteve internado algum tempo e mesmo tendo recuperado não está em condições de voltar para a loja onde trabalhou mais de cinco décadas.

Veio de Vidago para Lisboa ainda muito jovem, “para servir na casa de uma senhora que

⁷³ as citações neste texto foram transcritas da entrevista nº16 realizada em julho de 2023.

morava ali na rua de São Marçal, pois era assim naquele tempo” e foi onde se manteve até conhecer o futuro marido e terem casado, na altura com quase vinte anos.

Foi uma vida de trabalho para os dois, “férias, eram duas semanas em agosto quando Lisboa ficava vazia e os fregueses que moravam aqui nas redondezas iam à terra para ir às festas e visitar os familiares e por isso nós também íamos”.



Figura 20 - Drogaria Rio & Ferreira, Júlia Alves ao balcão. Fonte: fotos do autor, julho de 2023.

Depois desta conversa e porque era hora de almoço, Júlia Alves, que agora só abria da parte da manhã, pediu para continuar a conversa noutro dia, e ficou combinado para daí a uma semana. Infelizmente, acabou por não acontecer, a “Rio & Ferreira”, a sociedade coeva aberta em 1950 e da qual o casal Alves adquiriu as cotas em 1969, só abriu mais uns dias depois desta conversa, o estado de saúde do Senhor Adelino piorou e foi internado de novo, e Maria Alves optou por encerrar definitivamente.

Destes seis últimos comerciantes, cujas lojas já encerraram, os estabelecimentos já foram comprados ou arrendados de novo. A mercearia de São Mamede, a Rio & Ferreira e a Albuquerque encontram-se fechados ou em obras indo reabrir com diferentes áreas de negócios, a retrosaria Anisa é agora um restaurante de um proprietário não nacional, a Barbearia King uma mercearia, das que existem muitas centenas em Lisboa, assim como a Águas Livres que pertencia ao senhor Albino.

5.3 Ruas de São José e Santa Marta - Realidades contemporâneas

Outrora “partilhada” pelas antigas freguesias, a Avenida da Liberdade passou a ser o eixo central da “nova” freguesia de Santo António. Antes Passeio, a Avenida foi desde da sua abertura local de passagem, mas também de ostentação. Quando a cidade cresceu para norte, para as Avenidas Novas, a Avenida passou então a ser o eixo de ligação preferencial entre a

Baixa Pombalina e os novos territórios urbanizados, mas também da expansão linear do comércio, acentuada a partir da década de 1970 (CACHINHO, 1994). Delimitada a sul pela Praça dos Restauradores e a Norte pela rotunda do Marquês de Pombal, a Avenida sempre foi local de desfiles, manifestações, comemorações, mas também de comércios distintos.

Com a fundação de Santo António em 2012, esta passou a concentrar no seu território duas realidades bem distintas em termos de comércios, tendo como divisão a Avenida da Liberdade. Nos últimos anos estas diferenças acentuaram-se com o aumento do turismo e da procura de produtos de luxo pelos visitantes, mas também com a abertura de novos hotéis

Hotéis, pastelarias finas e lojas de roupa conhecidas sempre ali estiveram, mas também sedes de bancos, seguradoras, de companhias aéreas, cinemas e até galerias comerciais como o *Palladium*, o *Libersil* ou o “Drugstore Sol a Sol”, inaugurado no final da década de 1960 (SALGUEIRO, 1989).

Se a Avenida sempre foi distinta nos seus comércios, tipo de clientela e de circulação de pessoas, o “contínuo” formado pelas ruas de Santa Marta e de São José sempre teve características muito diversas. Este eixo paralelo à Avenida, entre o Largo de Andaluz e a rua das Portas de Santo Antão, com pouco mais de um quilómetro de extensão, sempre se caracterizou pelos seus inúmeros comércios e pequenos negócios geridos familiarmente que tinham como clientes preferenciais os residentes da zona.

Na figura 21, podemos observar o contínuo destas duas ruas entre o cruzamento da rua Alexandre Herculano e a rua do Telhal, estando mencionados os centros hospitalares que durante muitos anos foram um dos motivos para a circulação de muitas pessoas por estas ruas.



Figura 21 - Mapa da extensão das ruas de Santa Marta e São José onde se assinalam os centros hospitalares próximos. Fonte: LXI - Lisboa Interativa.

A proximidade destes importantes centros hospitalares, São José e Capuchos junto ao Campo de Santana, Santa Marta na rua homónima e o Instituto oftalmológico Dr. Gama Pinto, identificados na Figura 21, sempre foram importantes para muitos dos comércios, nomeadamente os de restauração, mas também de outros tipos de produtos procurados pelas pessoas que por ali passavam mesmo que esporadicamente.

No levantamento efetuado em 2023, identificou-se a urgência de recolher os testemunhos dos comerciantes que aceitaram participar e que cumpriam os requisitos pré-definidos para este estudo, dada a evidência que vários poderiam encerrar num espaço de tempo relativamente curto, algo comprovado nos meses seguintes a este contacto.

Quando muitos dos testemunhos já estavam recolhidos, constatou-se que alguns estabelecimentos tinham mudado de atividade ou de proprietário, que os novos comerciantes eram quase todos não nacionais e não residentes, e que o público-alvo a que se destinavam eram essencialmente turistas e visitantes.

Concomitantemente, muitas lojas encontravam-se devolutas à espera da aprovação de projetos imobiliários para os edifícios onde se encontram ou ainda porque foram adquiridas por fundos de investimento que apenas aguardam que valorizem para as colocar no mercado comercial.

No final do ano de 2024 a constatação de que o encerramento ou reconversão em novos negócios das lojas mais antigas tinha ocorrido a um ritmo ainda mais elevado, foi feita a identificação dos estabelecimentos abertos à época e feita a comparação com o que ocorria dois anos antes. Desta comparação, resultou a evidência das transformações ocorridas e por isso foi pensado fazer a análise numa microescala centrada em setecentos metros das duas ruas.

Foram então elaborados dois mapas, dividindo-se a extensão em duas partes, e foram recolhidas informações dos estabelecimentos que estavam abertos comparando com os que tinham encerrado.

Analisando a extensão da rua de Santa Marta entre o cruzamento das ruas Alexandre Herculano e Barata Salgueiro, podemos observar que em frente à Universidade Autónoma de Lisboa, a Casa de Santa Marta antiga pastelaria encerrou no final de 2023 e deu lugar a uma nova Pizzaria, um pouco mais abaixo no nº 45, onde se localizava a loja “Cerimónia” de comércio de malas e acessórios, abriu um restaurante moderno de cozinha francesa dirigido a um tipo de clientes com mais poder económico.

A antiga Pastelaria Fórum em frente ao Hospital de Santa Marta, encerrou no verão de 2024, enquanto no prédio contíguo mantêm-se a Pizzaria Luzzo, que está aberta há pouco mais de cinco anos e ao lado desta a Cervejaria Canil aberta há dois no local de uma antiga mercearia. Mais abaixo, no nº 33 abriu, também no espaço de uma antiga mercearia, que tinha mais de dez anos com os mesmos proprietários, um restaurante-bar com um conceito que apela aos visitantes de passagem e turistas, mesmo ao lado ainda se mantém um restaurante já com vários anos de existência, o “Chú-Chú”.

No mapa da Figura 22 da extensão da rua aqui descrita, assinalam-se a amarelo os novos estabelecimentos e a azul os que se mantiveram.



Figura 22 - Mapa da extensão da rua de Santa Marta entre a rua Alexandre Herculano e a Barata Salgueiro. Fonte: LXI - Lisboa Interativa.

Chegados à esquina da Barata Salgueiro encontramos uma imobiliária para o segmento de luxo, no local onde existiu durante muitos anos uma afamada loja de roupa para homem e senhora e que encerrou quando o prédio foi reabilitado para fogos de elevado valor. Em frente a esta imobiliária, onde esteve a mercearia Bijou aberta em 1979 e que encerrou em 2023, está agora uma loja de souvenirs e de produtos procurados essencialmente por turistas, com destaque para as bebidas alcoólicas.

Carlos Santos, 70 anos de idade era o antigo proprietário da Bijou e esteve para ser entrevistado para este estudo, mas acabou por encerrar. Em julho de 2023, confessou que não resistiu à oferta de um comerciante do sudoeste asiático e trespassou a sua loja, confirmando

que o novo proprietário já possuía mais dois estabelecimentos do mesmo tipo muito próximos, um deles no nº 36 onde se encontrava o *Dega Atelier*, oficina de confeção.

No mapa da Figura 23, podemos observar a rua de Santa Marta entre as ruas Barata Salgueiro e Manuel Jesus Coelho, com a identificação a amarelo dos novos estabelecimentos, a azul os que se mantiveram e a negro os que encerraram nos últimos dois anos:



Figura 23 - Mapa da extensão da rua de Santa Marta entre as ruas Barata Salgueiro e Manuel Jesus Coelho. Fonte: LXI - Lisboa Interativa.

Temos assim entre os números 40 e 36 da rua de Santa Marta três estabelecimentos similares, tanto nos produtos vendidos, como nos clientes a que se destinam. Mais abaixo, no espaço onde era a Pastelaria Meca, temos a hamburgueria *Kendrick*, aberta há pouco mais de um ano, e que abriu no local que era o ponto de encontro de muitos residentes mais idosos das ruas contíguas que ali iam quase todas as manhãs para conversarem um pouco.

Continuando a descer, do lado direito, temos a antiga Taberna de Santa Marta, encerrada desde a pandemia, o Cabeleireiro Martins, a Vidraria de Santa Marta e a Florista que se mantêm abertos, mas a loja de produtos em segunda mão no Nº19 B encerrou por não conseguir pagar o aumento da renda, estando já anunciado para o local um espaço de restauração de um *Chef* estrangeiro.

No número 26, a retrosaria Anisa do senhor Alfredo encerrou em 2023, mas o espaço já foi ocupado por mais um estabelecimento de restauração propriedade de um não nacional, no prédio ao lado, no número 22, abriu uma loja de roupa propriedade uma cidadã búlgara.

Entre os números 17 e 15 estiveram abertas até 2023, cinco lojas. Uma mercearia, duas lojas de roupa, uma papelaria e uma sapataria que encerraram quando o edifício, cuja fachada confronta com a rua Rodrigues Sampaio, paralela a Santa Marta, começou a ser reabilitado para a construção de um hotel e de fogos residenciais de luxo. Todas elas existiam naquele espaço há pelo menos vinte anos, mas as obras de reabilitação do edifício levaram ao seu encerramento e já não voltam a reabrir naqueles locais.

Em frente, dois restaurantes, o Cartaxinho e o Sr. Lisboa, continuam abertos e são a par do Coradinho, no número 4, honrosas exceções à onda de encerramentos de estabelecimentos mais antigos.

O mesmo já não se pode dizer de outros que encerraram mais abaixo e que hoje em dia são ocupados por uma hamburgueria e um restaurante de comida indiana e, do restaurante Mariazinha, que em 2024 encerrou as portas.

Entrando na rua de São José, o cenário não é muito diferente. Lojas encerradas, novos estabelecimentos e a monofuncionalização do comércio com destaque para os restaurantes étnicos.

Conhecida pela rua dos antiquários, o troço entre os números 234 e 102, conserva hoje três destas lojas, das mais de uma dezena que tinha até há uma década, também as mercearias, restaurantes e os pequenos comércios que ali estavam instalados há mais tempo têm encerrado sendo substituídos por novos negócios.

Mercearias tradicionais neste troço da rua já só resta a de José Manuel, entrevistado para este trabalho, mas no último ano abriram mais duas mercearias propriedade de não nacionais e que também vendem *souvenirs* para turistas, existindo agora pelo menos cinco estabelecimentos com as mesmas características até ao cruzamento com a rua das Pretas.

Nesta extensão aqui descrita das ruas de Santa Marta e São José, outrora com inúmeros comércios tradicionais com as mesmas características dos que constituíram o *corpus* deste trabalho, podemos aferir que o contínuo encerramento deste tipo estabelecimentos se mantêm, intensificando o fenómeno que muitos apelidam de gentrificação comercial.

Não sendo o objetivo fazer um levantamento exaustivo dos estabelecimentos que encerraram, nem uma descrição pormenorizada dos que abriram com características diferentes dos que existiam anteriormente nestas ruas, esta amostra, relativamente pequena, apenas veio confirmar aquilo que se tem assistido em muitas zonas de Lisboa, a substituição acelerada de comércios com muitos anos de atividade, por outros com novos proprietários, na maioria não nacionais e cujo público alvo não são os residentes, mas sim turistas ou visitantes.

Deste levantamento foi feito o registo fotográfico de vários dos estabelecimentos acima mencionados, o qual se reproduz na Figura 24. Optou-se por dividir este registo em 4 diferentes grupos. No grupo 1 identificam-se alguns dos estabelecimentos que vendem essencialmente *souvenirs*, no 2º, restaurantes que abriram recentemente e que servem comida internacional, no 3º mercearias de proprietários não nacionais, “*lates night shop*”, como são designadas na atualidade e, no 4º estabelecimentos que se encontram encerrados de momento prevendo-se a reabertura para breve.

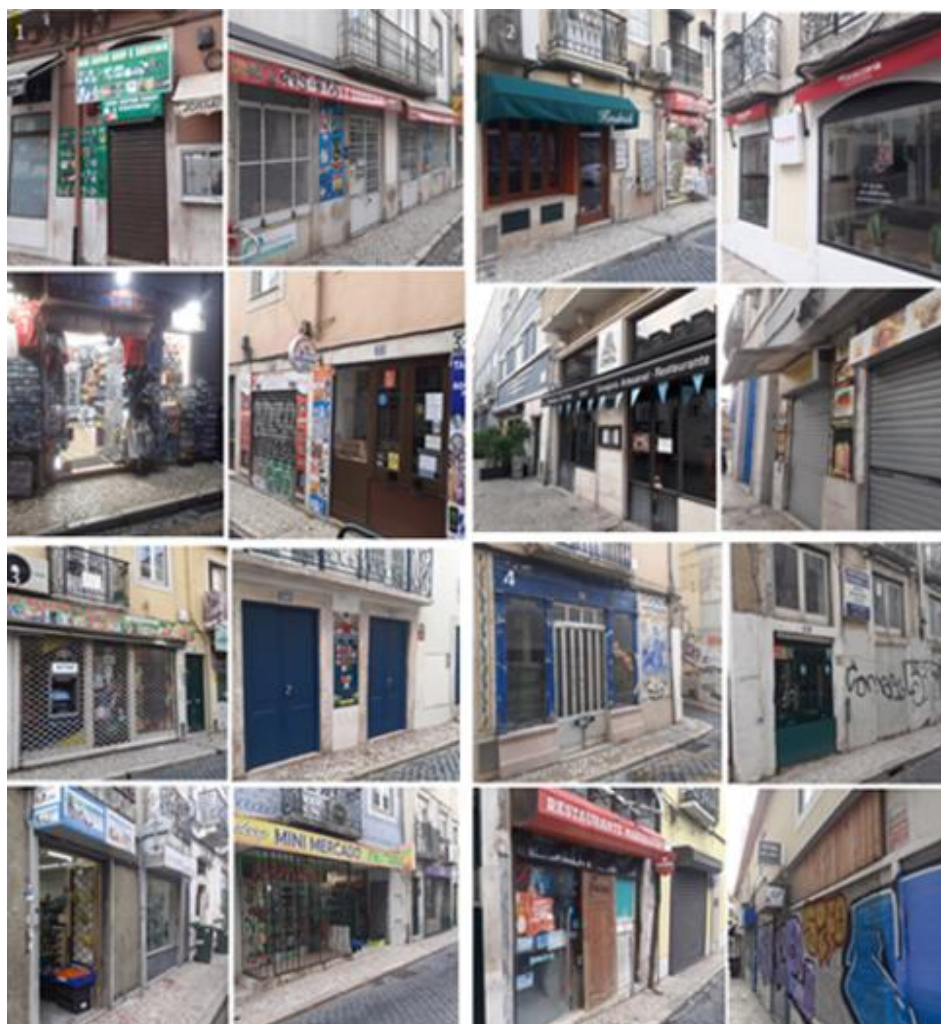


Figura 24 – Registo fotográfico das ruas de Santa Marta e São José efetuado em dezembro de 2024: Grupo 1 – Lojas de souvenirs; Grupo 2 – Novos restaurantes; Grupo 3 – Mercarias; Grupo 4 – Estabelecimentos encerrados. Fonte: fotos do autor, dezembro de 2024.

6 Conclusão

Feita a recolha e a análise dos testemunhos dos comerciantes da freguesia de Santo António, são várias as conclusões que podemos retirar no final deste trabalho.

Lisboa é hoje cidade da moda, do turismo, dos nómadas digitais e de novos residentes, e todas estas transformações têm influenciado aquela que era a sua essência. Uma pesquisa rápida por sites, blogs, vídeos, notícias, dá-nos uma miríade de diferentes visões, interpretações, de locais a visitar, estabelecimentos comerciais tradicionais, gastronomia e, tudo o que um potencial visitante da cidade deva conhecer e experienciar na cidade, quase sempre tendo por base a identidade e autenticidade locais.

As metamorfoses contemporâneas de Lisboa foram e continuam a ser profundas, mudando a cidade que durante muitos anos foi uma “pequena” metrópole periférica, que mesmo sendo capital de um país, concentrava no seu território diferentes realidades locais, consubstanciadas em bairros, ruas ou apenas locais que se identificavam coletivamente.

A pressão imobiliária, a passagem de muitos alojamentos permanentes para temporários, associados à atividade turística e, o aumento das rendas, são na atualidade, fatores que ajudam a explicar as proporções destas mudanças, contribuindo para uma acelerada gentrificação tanto residencial como comercial e para a osmose do conceito de autenticidade que muitos associavam ao que era ser lisboeta; com isto os movimentos de contestação associados ao turismo excessivo têm sido cada vez mais frequentes.

Se Santo António é recente, as antigas freguesias que agregou em 2012 fizeram parte da história da cidade durante muitos séculos. Lisboa, como qualquer outra cidade, sempre foi dinâmica, no sentido da mudança, mas em pouco mais de dez de existência, talvez a nova freguesia tenha assistido a mais transformações na sua composição social, demográfica, cultural e económica do que aquelas que ocorreram nas últimas três décadas. Reflexo disso é o seu comércio de proximidade, de bairro ou tradicional, como ainda se designa chamar, e por isso um dos escopos deste trabalho foi perceber como é que os comerciantes entrevistados interpretavam estas metamorfoses tão rápidas e profundas.

Pôde-se perceber que muitos destes comerciantes ainda trabalham e abrem a porta todos os dias, porque assim o desejam. A maioria já está reformada e, mesmo que se queixem das reformas serem pequenas, conseguiram ao longo dos anos acumular património e rendimentos que já lhes permitia terem deixado de trabalhar, alguns há mais de uma década. Outra ilação, é o sentimento de dever cumprido quando se fala nos filhos, vários referem com orgulho, “que estes não precisam de ir para ali trabalhar, pois têm bons empregos porque estudaram, coisa

que eu não pude fazer”, com mais ou menos ênfase na forma como se expressam, a ideia transmitida é exatamente a mesma. Também o âmagos de continuarem ocupados, sentirem-se úteis e manterem as mesmas rotinas de há muitos anos, são alguns dos motivos para a manutenção dos negócios. Mesmo que alguns digam que o rendimento que retiram do seu negócio é pouco e não compense o esforço, afirmam que é importante manterem-se ativos e ocupados, os casos de Fernando Vigário da Mobiliarco e Vítor Castro da Príncipe Real Enxovalhos, são exemplos desta realidade, mas outros houve que disseram exatamente o mesmo.

Por outro lado, a quase totalidade destes comerciantes, exprime um sentimento de nostalgia, de perda, mas também de resignação sobre o que foi e o que é Lisboa na atualidade e, mais especificamente da freguesia onde trabalham, e onde alguns vivem, pois foi ali que partilharam memórias, bons e maus momentos, mas também onde defendiam aquele território como sendo seu e onde se sentiam em “casa”. Na contemporaneidade a realidade já não é essa, está-se a perder o sentimento de pertença ao território por força das transformações ocorridas.

Por fim, a sensação de perda da identidade, da autenticidade e mesmo das tradições que expressavam como sendo suas, constituem-se como motivos recorrentes do saudosismo de tempos que já passaram e que muito provavelmente não vão voltar. Com isto, podemos questionar como é que devemos interpretar os conceitos de memória, identidade e autenticidade que estes comerciantes expressaram nas suas respostas.

A Memória enquanto veículo de construção do passado está em permanente evolução é por isso vulnerável a manipulações, coetânea, presente, está implícita nos gestos, imagens, no espaço e mesmo nos objetos, e por isso existem tantas memórias quanto pessoas (LE GOFF, 1988). A passagem de uma história-memória para uma história-crítica acabou por levar a memória a converter-se num fenómeno cada vez mais privado, mas também mais espontâneo, volátil e perene aproximando-a dos indivíduos anónimos e contribuindo para que estes fossem também “fazedores” de História. Com isto a memória aproximou-se da História (NORA, 1993). Estes comerciantes com as suas memórias fazem parte da história de Lisboa, por inerência foram e são “construtores” da gesta da cidade.

Quanto à identidade, Lévi-Strauss, definiu a questão em níveis distintos. A identidade é por isso ambígua, pode ser coletiva, mas também individual, pode expressar divisões territoriais, de trabalho, de género, de pertença a um clube por exemplo e, por isso a definição de uma “identidade” é tão difícil de fazer (MARANDA, 2021).

A complexidade das realidades locais em constante mutação, pautadas por uma grande

heterogeneidade de intervenientes, muitos deles com pouco em comum a nível cultural, hábitos sociais ou de ligação com os territórios onde vivem, determinam na atualidade muito daquilo que se convencionou designar como a identidade de um território (MALHEIROS, CARVALHO e MENDES, 2013).

Em 2006, Stuart Hall defendia que a fragmentação das identidades estava a levar a uma hegemonização destas o que tinha como consequência o decréscimo ou esbatimento das diferenças culturais, fomentando uma hibridização identitária, fruto do aumento da emigração e da democratização de novos países (HALL, 2006). Um dos meios que poderia ajudar a que este movimento fosse, pelo menos atenuado, seria o que ele chamou de “glocalização”, que poderia ser interpretado com um fortalecimento das práticas locais das comunidades como meio de afirmarem as suas diferenças para quem chega. Quase como uma delimitação identitária de um território que reforça as referências sociais e culturais com meios simbólicos e unitários dos seus habitantes. Já depois da sua morte, as teorias do sociólogo seriam uma das bases para o entendimento contemporâneo das sociedades num contexto de crescimento do turismo e da gentrificação transnacional. Estes fenómenos, potenciados pela digitalização e por um mundo altamente globalizado, têm contribuído para a criação de identidades alternativas onde as fronteiras são ténues, subjetivas e onde os sentimentos de alteridade acabam por ser aspetos importantes nas relações sociais (ANTHIAS, 2002).

Na voz destes comerciantes a sua identidade e do seu território têm traços comuns e unitários, nos hábitos, nos costumes e nas conceções de trabalhar e habitar a cidade. Estes traços, partilhados com os seus clientes, colegas de profissão e vizinhos, foram a prática durante muitos anos, e por isso a identificação coletiva que tinham era mais nítida e vincada. Contemporaneamente, o sentimento de perda é recorrente, porque a dispersão de elementos agregadores e as influências exógenas acabam por prevalecer sobre as características integradoras do espaço físico e social que partilham, as quais ajudavam a definir a identidade reconhecida como sendo sua e do seu território.

Nos testemunhos recolhidos, o uso recorrente da expressão “antigamente” acentua o sentimento de perda, mas também de constatação que se vive numa realidade diversa daquela a que eles se habituaram durante muitos anos em que as mudanças não eram tão repentinas nem em tão grande escala como o são agora.

As histórias de vida destes comerciantes, são assim importantes testemunhos da composição social e cultural que Lisboa teve nas últimas décadas do século XX, na atualidade muitos dos novos residentes e comerciantes vêm de fora, de diferentes continentes e com diferentes hábitos, há décadas atrás vinha-se de aldeias e vilas do Portugal profundo.

Foram os hábitos, modos de estar e de viver que estes comerciantes trouxeram que ajudaram a forjar a identidade e as tradições da Lisboa contemporânea, mas também a autenticidade que se lhe reconhece como sendo sua. Na atualidade, em profunda mutação, estes conceitos reinventam-se, talvez quotidianamente.



Figura 25 – Lisboa, especulação e contestação. Fonte: fotos do autor, setembro de 2024

Em conclusão, nos últimos anos muitos comércios tradicionais de Lisboa, na maioria deles com os mesmos proprietários há várias décadas, têm encerrado, sendo substituídos por novos estabelecimentos quase sempre com proprietários não nacionais, a pensar nos inúmeros turistas que visitam a cidade ou nos novos residentes com diferentes hábitos de consumo.

Não foram apenas e só as contingências da nova urbanidade de Lisboa que conduziram a estes encerramentos, fatores como a idade, o cansaço, o tipo de negócio, a resistência à mudança, a não adoção das novas tecnologias, e claro a saída de muitos dos antigos residentes, clientes destes negócios, contribuíram também para isso, mas a escala e a rapidez destas transformações na atualidade é que é bem diferente do que ocorria no passado. .

O turismo apresenta-se assim como um fator de normalização do espaço ao potenciar produtos e serviços que procuram essencialmente servir os visitantes, originando deste modo uma hibridização nos territórios que, paradoxalmente, os turistas procuram como meio de fuga aos "cenários" em que normalmente se movimentam (WEISHAR, 2021).

O discurso laudatório sobre o turismo em Lisboa, provavelmente irá continuar nos próximos anos, enquanto isso a cidade transforma-se num espaço ludificado, de ocupação temporária e, impessoal, o seu comércio tradicional é apenas uma das faces visíveis desta nova realidade. Ao mesmo tempo o fenómeno da gentrificação transnacional contribuí para o acentuar dos sentimentos de perda de identidade, autenticidade e de identificação com o território, que os comerciantes entrevistados neste trabalho referiram recorrentemente, deste modo podem as ucronias contemporâneas e as contingências presentes estar a transformar estes comerciantes, mas também muitos residentes em espetadores do pulsar da capital, minimizando o seu papel na construção da identidade da cidade?

Por fim, podemos questionar como será daqui a trinta anos fazer este trabalho no mesmo território e no mesmo tipo de estabelecimentos. Quem serão os comerciantes, de onde vieram, como entendem os conceitos que aqui se perguntaram? e, como é que podemos definir a identidade e a autenticidade da Lisboa de meados do século XXI?

Podemos não saber, mas serão diferentes, pois os protagonistas são outros, com diferentes características e idiossincrasias e, mais importante com diferentes histórias de vida.

Bibilografia

ACCORNERO, Guya; CARVALHO, Tiago - Marginal gentrifiers, networks of mobilization and new contentious collective identities. The struggle for housing in post-austerity Lisbon. **Housing Studies**. . ISSN 0267-3037. 40:1 (2025) 229–252. doi: 10.1080/02673037.2023.2266409.

ALARCÃO, Jorge De (Coord.). - **Portugal - Das Origens à Romanização**. Lisboa : Presença,Editorial, 2011. ISBN 9789722313131.

ANTHIAS FLOYA - Where do I belong? **Ethnicities**. . ISSN 1468-7968. 2:4 (2002) 491–514. doi: 10.1177/14687968020020040301.

BAPTISTA, Luís Vicente; NOFRE, Jordi; JORGE, Maria Do Rosário - Mobilidade, Cidade e Turismo: pistas para analisar as transformações em curso no centro histórico de Lisboa. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**. . ISSN 08723419. Temático:2018) 14–32. doi: 10.21747/08723419/soctem2018a1.

BARRETO, Margarida - **Turismo e Legado Cultural** . [S.l.] : Papyrus, 2000. ISBN 9788530805777.

BARROS, Miguel Monteiro De - São José em Lisboa: um bairro tridentino. **Cadernos do Arquivo Municipal 2a Série No12** (julho-dezembro 2019). Lisboa. 2019) 27–41. ISSN 2183-3176.

BARROS, Nelson Cortez Crocia De - **Manual de Geografia do Turismo: meio ambiente, cultura e paisagens** [Em linha]. Pernambuco : Universidade Federal de Pernambuco, 1998 [Consult. 25 abr. 2023].DisponívelemWWW:<URL:https://minerva.ufrj.br/F/?func=direct&doc_number=000271153&local_base=UFR01>. ISBN 8573151048.

BARROS, Vera Gouveia - **Turismo em Portugal**. Lisboa : Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2016. ISBN 9789898819352.

BENI, Carlos Mário - **Análise estrutural do turismo. 2006 ;[citado 2024 dez. 19]**. [S.l.] : SENAC, 2007. ISBN 9788539625499.

BROD, Rodrigo De Azambuja; MAZZARINO, Jane Márcia - O que fica, o que flui e o que fala: Lugares identitários no ambiente urbano. **Ambiente & Sociedade**. São Paulo. [Em linha] XVIII no4:2015) 55–74. [Consult. 16 out. 2023]. Disponível em WWW:<URL:https://www.scielo.br/j/asoc/aQq6T5ZZbZtL6qcLvcnPXtvx/?format=pdf>. ISSN 1809-4422.

CACHINHO, Herculano - O comércio a retalho na cidade de Lisboa. Reestruturação económica e dinâmicas territoriais. **Finisterra**. [Em linha] XXIX, 57:1994) 119–144. [Consult. 13 jun. 2024]. Disponível em WWW:<URL:https://www.researchgate.net/publication/40677975_O_comercio_a_retalho_na_cidade_de_Lisboa_Reestruturacao_economica_e_dinamicas_territoriais>. ISSN 0430-5027.

CACHINHO, Herculano; SALGUEIRO, Teresa Barata - Os sistemas comerciais Urbanos em Tempos de Turbulência: Vulnerabilidades e níveis de resiliência. **Finisterra**. 51:101 (2016) 89–109. ISSN 04305027.

CACHINHO, Herculano; SALGUEIRO, Teresa Barata; GUIMARÃES, Pedro - **Comércio, Consumo & Governança Urbana** [Em linha]. [S.l.] : Centro de Estudos Geográficos, 2020 [Consult. 22 nov. 2023]. Disponível em WWW:<URL:http://hdl.handle.net/10451/46110>. ISBN 978-972-636-290-6.

CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique; CASTRO, Sandra - As Freguesias dos Distritos de Lisboa e Setúbal nas Memórias Paroquiais de 1758 - Memórias, História e Património. **Universidade do Minho**. [Em linha]2016). [Consult. 9 dez. 2023]. Disponível em WWW:<URL:https://hdl.handle.net/1822/47799>.

COCOLA-GANT, Agustín - Tourism gentrification. Em **Handbook of Gentrification Studies**. [S.l.] : Edward Elgar Publishing Ltd., 2018. ISBN 9781785361746. p. 281–293.

COLOMB, Claire.; NOVY, Johannes. - **Protest and resistance in the tourist city**. [S.l.] : Routledge is an imprint of the Taylor & Francis Group, an informa business, 2017. ISBN 9781138856714.

CORDEIRO, Graça Índia; FONTES, Catarina - Portraying Urban Change in Alfama (Lisbon): How Local Socio-Spatial Practices Shape Heritage. **Urban Planning**. . ISSN 21837635. 8:1 (2023) 110–120. doi: 10.17645/up.v8i1.6073.

CORDEIRO, Graça Índias - Trabalho e profissões no imaginário de uma cidade: sobre os “tipos populares” de Lisboa1. **Etnografica**. . ISSN 0873-6561. vol. 5 (1) (2001) 7–24. doi: 10.4000/etnografica.2790.

COSTA, António Firmino - **Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural** (2a ed.) [Em linha]. 2a ed. [S.l.] : Celta Editora, 2008 Disponível em WWW:<URL:https://www.researchgate.net/publication/275641753>. ISBN 9789727742493.

DELAUNAY, Morgane - Cidades Comunidades e Territórios Portugal e o regresso dos colonos de Angola e Moçambique Resposta governativa e memória. (2022). ISSN 2182-3030.

ELIAS, Margarida; SILVA, Raquel Henriques Da - O Bairro Camões. Em **Palácio dos Condes de Redondo** [Em linha]. 1ª edição ed. Lisboa : Universidade Autónoma de Lisboa, 2022 [Consult. 26 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:<http://hdl.handle.net/10362/153953>>. p. 18–46.

FABIÃO, Carlos - Felicitas Iulia Olisipo - Cidade de um Império Global. **Fundação Millennium** . Lisboa . 2011).

FERNANDES, Ana Sá; FIDALGO; António - Relembrar o grande incêndio de Lisboa 30 anos depois. **Territorium**. 27(II) (2020) 143–158. ISSN 1647-7723.

FERNANDES, Filipa - Turistificação e as dinâmicas da hospitalidade: o caso de Lisboa. **Revista de Turismo e Património Cultural**. . ISSN 1179-1189. 17:6 (2019).

FERREIRA, Luís - Impactos do turismo nos destinos turísticos. **Revista Crítica do I.S.C.T.E.- Percursos e Ideias - Nº1 -2ª Série 114**. Lisboa. 2009) 106-114.

GLASS, Ruth - London - Aspects of Change. Em MACGIBBON & KEE (Ed.) - **Aspects of Change**. 1ª ed. London : Centre for Urban Studies, 1964. p. xxii–xlii.

GOFF, Jacques LE - **História e Memória** [Em linha]. [S.l.] : Edições 70, 1988 Disponível em WWW:<URL:http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros>.

GOFF, Jacques. LE; LEBRUN, Jean. - **Por amor às cidades : conversações com Jean Lebrun**. [S.l.] : Fundação Ed. da UNESP, 1998. ISBN 8571391947.

GRAVARI-BARBAS, Maria; GUINAND, Sandra - **Tourism and Gentrification in Contemporary Metropolises** [Em linha]. London : Routledge, 2017 Disponível em WWW:<URL:www.routledge.com/series/SE0522>. ISBN 978-1-138-64278-2.

GUIMARÃES, Pedro - Retail change in a context of an overtourism city. The case of Lisbon. **International Journal of Tourism Cities**. . ISSN 2056-5607. 7:2 (2021) 547–564. doi: 10.1108/IJTC-11-2020-0258.

GUIMARÃES, Pedro - Tourism and Authenticity: Analyzing Retail Change in Lisbon City Center. **Sustainability (Switzerland)**. . ISSN 20711050. 14:13 (2022). doi: 10.3390/su14138111.

GUIMARÃES, Pedro Porfírio Coutinho - Rehabilitation or retail gentrification? Discourse and practices associated with the transformation of traditional retail markets in Portugal. **Revista de Urbanismo**. . ISSN 07175051. 48 (2023) 135–155. doi: 10.5354/0717-5051.2023.68020.

GUIMARÃES, Pedro Porfírio Coutinho - Reabilitação ou gentrificação comercial? Discurso e práticas associadas à transformação dos mercados municipais de comércio em Portugal. **Revista de Urbanismo**. 48 (2023) 1–21. ISSN 0717-5051.

HALL, Stuart - **A identidade cultural na pós-modernidade -11" edição**. [S.l.] : DP&A, 2006. ISBN 9798574903360

LOPES, José Da Silva - **A economia Portuguesa desde 1960**. Lisboa : Gradiva Publicações, 1996. ISBN 9789726624721.

LORIO, Juliana; PEIXOTO, João - **Crise, Imigração e Mercado de Trabalho em Portugal**. [S.l.] : Príncípia Editora, 2011. ISBN 9789898131799.

MALHEIROS, Jorge; CARVALHO, Rui; MENDES, Luís - Gentrification, residential ethnicization and the social production of fragmented space in two multi-ethnic neighbourhoods of Lisbon and Bilbao. **Finisterra**. XLVIII, 48:96 (2013) 109–135. ISSN 04305027.

MARANDA, Pierre - **Claude LÉVI-STRAUSS: Le Regard éloigné** [Em linha] [Consult. 9 nov. 2023]. Disponível em WWW:<URL:https://www.erudit.org/fr/revues/culture/1984-v4-n1-culture06124/1078324ar/>.

MENDES, Luís - Nobilitação urbana marginal enquanto prática emancipatória: Alternativa ao discurso hegemónico da cidade criativa? **Revista Crítica de Ciências Sociais**. . ISSN 0254-1106. 99 (2012) 51–72. doi: 10.4000/rccs.5112.

MENDES, Luís - Marginal Gentrification as Emancipatory Practice: An Alternative to the Hegemonic Discourse of the Creative City?*. **RCCS Annual Review**. 5 (2013). doi: 10.4000/rccsar.513.

MENDES; Luís Filipe Gonçalves - As Novas Fronteiras da Gentrificação na Teoria Urbana Crítica. **Revista Cidades** - Volume 12 - Número 20. Lisboa. [Em linha]2015) 207–252. [Consult. 1 jul. 2024]. Disponível em WWW:<URL:http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3853>. ISSN 2448-1092.

MILANO, Claudio; NOVELLI, Marina; CHEER, Joseph M. - Overtourism and Tourismphobia: A Journey Through Five Decades of Tourism Development, Planning and Local Concerns. Em **Travel and Tourism in the Age of Overtourism**. [S.l.] : Routledge, 2021. p. 1–5.

NORA, Pierre - Entre Memória e História - A problemática dos lugares. **Projeto História, São Paulo (10)**. São Paulo. (1993). 7–28.

PIKETTY, Thomas - **O Capital no século XXI**. 10 edição ed. [S.l.] : Temas e Debates, 2014. ISBN 9789896443047.

RAMOS, Rui; MONTEIRO, Nuno Gonçalo; SOUSA, Bernardo Vasconcelos e - **História de Portugal**. Lisboa : EsferadosLivros, 2012. ISBN 9789896263669.

ROSA, Maria João Valente - Notas sobre a população - Lisboa: Área metropolitana e cidade. **Análise Social vol. XXXIV**. Lisboa. [Em linha] 153:2000) 1045–1055. [Consult. 22 jan. 2024]. Disponível em WWW:<URL:<https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/33874811/1218801670B0mER1ku7Ji94SZ3.pdf>>.

ROSE, Damaris. - Rethinking gentrification: beyond the uneven development of Marxist urban theory. **Environment & Planning D: Society & Space**. . ISSN 0263-7758. 2:1 (1984) 47–74. doi: 10.1068/d020047.

SALGUEIRO, Teresa Barata - Novas formas de comercio. **Finisterra**. Lisboa. XXIV, 48:48 (1989) 151–217. ISSN 04305027.

SALGUEIRO, Teresa Barata - Lisboa, Metrópole Policêntrica e Fragmentada. **Finisterra**. Lisboa. XXXII 63(1997) 179–190. ISSN 2182-2905

SALGUEIRO, Teresa Barata - Alojamentos Turísticos em Lisboa. **Scripta Nova**. [Em linha] XXI nº578:2017).DisponívelemWWW:<URL:<http://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/18587>>. ISSN 1138-9788.

SEIXAS, João - **Lisboa em Metamorfose**. Lisboa : Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2021. ISBN 978-989-9064-05-8.

SEQUERA, Jorge; NOFRE, Jordi - Shaken, not stirred: New debates on touristification and the limits of gentrification. **City**. . ISSN 1360-4813. 22:5-6 (2018) 843-855. doi: 10.1080/13604813.2018.1548819.

SEQUERA, Jorge; NOFRE, Jordi - Touristification, transnational gentrification and urban change in Lisbon: The neighbourhood of Alfama. **Urban Studies**. . ISSN 1360063X. 57:15 (2020) 3169-3189. doi: 10.1177/0042098019883734.

SILVA, Álvaro Ferreira - A evolução da rede Urbana portuguesa (1801-1940). **Análise Social**. Lisboa. XXXII, (143-144):1997) 779-814. ISSN 0003-2573

SILVA, Augusto Vieira Da - **Breve história das Freguesias de Lisboa**. [Em linha]. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1943 [Consult. 26 fev. 2024]. Disponível em WWW:<URL:http://geo.cm-lisboa.pt/fileadmin/GEO/Imagens/GEO/Livro_do_mes/Vieira_da_Silva/Dispersos/MON_69-P_PART_03.pdf>.

SOUSA, Francisco Luiz Pereira De - **Efeitos do terremoto de 1755 nas construções de Lisbon** [Em linha], atual. 1909. [Consult. 19 set. 2023]. Disponível em WWW:<URL:https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/07/Efeitos_do_terremoto_de_1755_nas_construc%C3%A7%C3%B5es_de_Lisbon_%28IA_efeitosdoterrem00luiz%29.pdf>.

STEVENS, Quentin - **The Ludic City**. [S.l.] : Routledge, 2007. ISBN 9781134143962.

TOMÁS, Ana; VALÉRIO, Nuno - Onde era Lisboa (séculos XIX a XXI). **Revista Portuguesa de História - Nº 52**. Coimbra. 2021) 209-237. ISSN 0870.4147.

VALÉRIO, Nuno; TOMÁS, Ana - **Autarquias locais e divisões administrativas em Portugal 1836-2013** [Em linha]. Lisboa : [s.n.] [Consult. 22 out. 2023]. Disponível em WWW:<URL:http://hdl.handle.net/10400.5/19157>.

VANOLO, Alberto - **City Branding - The Ghostly Politics of Representation in Globalising Cities**. Nova Iorque : Routledge, 2018. ISBN 9781138595156.

VAZ, Alexandre Martins - **Postais de Lisboa - Práticas turísticas e as suas implicações na reconstrução de identidades territoriais** [Em linha]. Lisboa : Universidade Nova de Lisboa, 2022 [Consult. 23 jan. 2023]. Disponível em WWW:<URL:http://hdl.handle.net/10362/143748>.

VIDAL, Frédéric Et Al *et al.* - **COESO - Collaborative Engagement on Societal Issues- Lisbon Tourism Observatory** [Em linha]. Lisbon : [s.n.] [Consult. 13 jul. 2024]. Disponível em WWW:<URL:<http://hdl.handle.net/11144/5978>>.

WEISHAR, Claire - Du tourisme de masse au tourisme durable ? **Confins**. 2021). ISSN 1958-9212.

WILLIAMS, TOM - **Going Places: Recent Histories of European Tourism** [Em linha] [Consult. 25 nov. 2024]. Disponível em WWW:<URL:<https://doi.org/10.1017/S0960777314000071>>.

ZUELOW, Eric G. E. - **Making_Ireland_Irish_Introduction**. [S.l.] : Syracuse University Press,, 2009. ISBN 978-0815632252.

Legislação

DECRETO–LEI nº 47.344/1966. **Diário da República, Série I**. [Em linha]. N.º 274 (25-11-1966), p. 1883-2086. [Consult. 17 out. 2023]. Disponível em <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/477358/details/normal?l=1>

LEI nº 06/2006 de 27 de fevereiro. **Diário da República, Série I-A**. [Em linha]. N.º 41 (27-02-2017), p.1558-1587. [Consult. 23 out. 2023]. Disponível em <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/lei/2006-34578375>

LEI nº 23/2007 de 4 de julho. **Diário da República, Série I**. [Em linha]. N.º 127 (04-07-2007), p.4290-4330 . [Consult. 25 out. 2023]. Disponível em <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/diario-republica/127-2007-126221>

DECRETO–LEI nº 249/2012 de 23 de setembro. **Diário da República, Série I**. [Em linha]. N.º 185 (23-09-2009), p. 6774-6783. [Consult. 25 out. 2023]. Disponível em <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/diario-republica/185-2009-129494>

LEI nº 31/2012 de 14 de agosto. **Diário da República, Série I**. [Em linha]. N.º 157 (14-08-2012), p.4411-4452. [Consult. 23 out. 2024]. Disponível em <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/31-2012-175305>

LEI nº 56/2012 de 08 de novembro. **Diário da República, Série I**. [Em linha]. Nº 216 (08-11-2012), p.6454-6460. [Consult. 23 set. 2023]. Disponível em <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/56-2012-191865>

DECRETO-LEI nº 128/2014 de 29 de agosto. **Diário da República, Série I**. [Em linha]. Nº 166 (29-08-2014), p.4570-4577. [Consult. 23 abr. 2023]. Disponível em <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/128-2014-56384880>

LEI nº 42/2017 de 14 de junho. **Diário da República, Série I**. [Em linha]. Nº 114 (14-06-2017), p.2993-2996. [Consult. 23 ago. 2023]. Disponível em <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/42-2017-107514239>

Entrevistas

Entrevista nº 1 - José Guedes - Merceria Cruz, realizada em dezembro de 2024.

Entrevista nº 2 - José Manuel - A Merceria, realizada em agosto de 2024.

Entrevista nº 3 - José Tavares - Papelaria Andaluz, realizada em julho de 2024.

Entrevista nº 4 - Fernando Pacheco - Casa das Frutas, realizada em novembro de 2024.

Entrevista nº 5 - Maria do Rosário - Vidraria de Santa Marta, realizada em agosto de 2024.

Entrevista nº 6 - António Tavares - Móveis de São Mamede, realizada em agosto de 2024.

Entrevista nº 7 - Fernando Vigário - Mobiliarco, realizada em novembro de 2024.

Entrevista nº 8 - Carlos Mendes - Alfaiataria, realizada em novembro de 2024.

Entrevista nº 9 - Kantilal - Drogaria Mirra, realizada em novembro de 2024.

Entrevista nº 10 - Vítor Castro - Enxovalhos Príncipe Real, realizada em julho de 2024.

Entrevista nº 11 - Francisco Palma - Barbearia King, realizada em julho de 2023.

Entrevista nº 12 - Celestino Nunes - Merceria São Mamede, realizada em agosto de 2023.

Entrevista nº 13 - Alfredo Pires - Retrosaria Anisa, realizada em julho de 2023.

Entrevista nº 14 - João Afonso - Retrosaria Albuquerque, realizada em julho de 2023.

Entrevista nº 15 - Albino - Merceria Águas Livres, realizada em julho de 2023.

Entrevista nº 16 - Júlia Alves - Drogaria Rio & Ferreira, realizada em julho de 2023.

Fontes

AIRDNA - [Em linha]. [Consult. 18 jul. 20 23]. Disponível na internet <URL: [https://www.AirDNA](https://www.AirDNA.com) | Short-Term Rental Data Analytics | Vrbo & Airbnb Data, 25 de abril de 2023>

AML-[Em linha].[Consult.19 jan. 20 23].Disponível na internet <URL: <https://www.aml.pt/municipios/>, 15 de fevereiro de 2023>

CIA LANDLORDS - [Em linha]. [Consult. 18 jul. 20 23]. Disponível na internet <URL: <https://www.cia-landlords.co.uk/news/the-cost-of-living-crisis-how-big-is-the-gap-between-outgoings-and-incomings-around-the-world>, 18 março de 2022>

CML - Câmara Municipal de Lisboa - [Em linha]. [Consult. 16 jun. 20 24]. Disponível na internet<URL:<https://www.lisboa.pt/temas/urbanismo/estudos-planos-programas/alojamento-local>>

CML - Câmara Municipal de Lisboa - [Em linha]. [Consult. 21 nov. 20 24]. Disponível na internet< <https://lisboaparticipa.pt/pt/news/consulta-publica-lojas-com-historia-3461>, 08 outubro de 2024>

CML - Câmara Municipal de Lisboa - [Em linha]. [Consult. 18 jul. 20 24]. Disponível na internet<URL:https://www.lisboa.pt/fileadmin/portal/temas/economia/alojamento_local/RelatorioCaracterizacaoMonitorizacaoAlojamentoLocal.pdf, 15 de janeiro de 2023>

CML - Câmara Municipal de Lisboa - [Em linha]. [Consult. 18 jul. 20 24]. Disponível na internet<https://www.lisboa.pt/fileadmin/informacao/publicacoes/economia/Economia_de_Lisboa_em_Numeros_2021.pdf, 22 de janeiro de 2022>

CNN PORTUGAL - [Em linha]. [Consult. 30 mar. 20 23]. Disponível na internet <URL: <https://cnnportugal.iol.pt/videos/cada-hotel-na-baixa-destrui-em-media-quatro-a-cinco-lojas-tem-de-haver-regulacao-o-comercio-e-uma-parte-essencial-dacidade/6595d71c0cf25f9953927ba3>, 3 de janeiro de 2023>

CONTACTO LUSO - [Em linha]. [Consult. 30 mar. 20 23]. Disponível na internet <URL: <https://www.contacto.lu/portugal/ja-se-ouve-falar-mais-portugues-no-luxemburgo-do-que-em-certa-lisboa/4716083.html>, 12 de novembro de 2023>

DW- Deutsche Welle -[Em linha]. [Consult. 30 nov. 20 24]. Disponível na internet URL:<https://www.dw.com/pt-br/praga-luta-contr-a-os-problemas-do-turismo-em-excesso/a70812958>), 24 de novembro de 2024

EXECUTIVE DIGEST - [Em linha]. [Consult. 25 jun. 20 24]. Disponível na internet <URL: <https://executivedigest.sapo.pt/noticias/vao-para-casa-habitantes-de-varias-cidades-europeias-estao-a-lutar-contr-a-o-turismo-excessivo/>, 15 de março de 2024>

EXECUTIVE DIGEST - [Em linha]. [Consult. 25 jun. 20 24]. Disponível na internet <URL: <https://executivedigest.sapo.pt/noticias/lisboa-esta-a-morrer-de-sucesso-nova-meca-do-turismo-internacional-esta-em-destaque-na-imprensa-estrangeira/>, 30 de maio de 2024>

FODORS TRAVEL GUIDE - [Em linha]. [Consult. 12 dez. 20 24]. Disponível na internet <URL: <https://www.fodors.com/news/news/fodors-no-list-2025>, 13 de novembro de 2024>

INSITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAS -Research Brief [Em linha]. [Consult. 18 ago. 20 23]. Disponível na internet <URL: <https://www.ics.ulisboa.pt/flipping/ie2020/>>

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA - Portal do Instituto Nacional de Estatística [Em linha]. [Consult. 12 ago. 20 23]. Disponível na internet <URL: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main, 9 de janeiro de 2023>

HEMEROTECA DIGITAL - [Em linha]. [Consult. 23 jun. 20 23]. Disponível na internet <URL:https://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/ultimaedicao/ACapital/ACapital_N11911_30Jul2005.pdf, 30 julho de 2005>

JOINT RESEARCH CENTRE - European Comission [Em linha]. [Consult. 12 dez. 20 24]. Disponível na internet <URL: https://commission.europa.eu/about/departments-and-executive-agencies/joint-research-centre_en#related-links>

JORNAL EXPRESSO - [Em linha]. [Consult. 12 mar.. 20 23]. Disponível na internet <URL:<https://expresso.pt/economia/2024-01-03-Arrivederci-Lisboa-foi-bom-enquanto-duraram-os-10-anos-precos-da-habitacao-e-fim-do-RNH-poe-os-reformados-italianos-em-fuga-de-Portugal-7d813572>, 3 de janeiro de 2024>

JORNAL EXPRESSO - [Em linha]. [Consult. 25 out. 20 24]. Disponível na internet <URL:<https://multimedia.expresso.pt/baixadelisboa/#group-section-Veja-O-Documentario-WCf5I4XtUM>, 30 de abril de 2024>

JORNAL PÚBLICO [Em linha]. [Consult. 17 mar. 20 23]. Disponível na internet <URL:<https://www.publico.pt/2022/12/02/economia/noticia/tres-anos-quase-76-mil-pessoas-sairam-lisboa-porto-2029955>, 2 de dezembro de 2022>

JORNAL PÚBLICO - [Em linha]. [Consult. 09 mar. 20 24]. Disponível na internet <URL:<https://www.publico.pt/2023/12/06/p3/noticia/grecia-moradores-fingem-pragas-percevejos-afastar-turistas-al-2072754>, 6 de dezembro de 2023>

JORNAL PÚBLICO - [Em linha]. [Consult. 15 dez. 20 24]. Disponível na internet <URL:<https://www.publico.pt/2024/11/24/economia/noticia/apesar-restricoes-peso-alojamento-local-habitacao-maior-2113098>, 24 de novembro de 2024>

MEMORIALE CINEMA PORTUGUÊS - [Em linha]. [Consult. 15 set. 20 24]. Disponível na internet< <https://cinemaportuguesmemoriale.pt/Filmes/id/1292/t/o-patio-das-cantigas>, >

MENSAGEM DE LISBOA - [Em linha]. [Consult. 28 dez. 20 24]. Disponível na internet [URL:https://amensagem.pt/2023/02/22/ruas-prata-ouro-perderam-20-lojas-5-hoteis-como-resolver-crise-comercio-baixa/](https://amensagem.pt/2023/02/22/ruas-prata-ouro-perderam-20-lojas-5-hoteis-como-resolver-crise-comercio-baixa/), 22 de março de 2023>

MENSAGEM DE LISBOA - [Em linha]. [Consult. 15 dez. 20 24]. Disponível na internet [URL:https://amensagem.pt/2023/11/20/praca-da-figueira-comercio-hoteis-al/](https://amensagem.pt/2023/11/20/praca-da-figueira-comercio-hoteis-al/), 23 de novembro de 2023>

ONU - Organização das Nações Unidas [Em linha]. [Consult. 29 jan. 20 24]. Disponível na internet <URL: (<https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>,29 de janeiro de 2024.n.d.) >

PAIXÃO POR LISBOA - [Em linha]. [Consult. 19 mar. 20 23]. Disponível na internet <URL<https://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt/incendio-do-chiado-56613>, 25 de agosto de 2016>

PORDATA - [Em linha]. [Consult. 25 mar. 20 23]. Disponível na internet <URL: <https://www.pordata.pt/censos/resultados/emdestaque-portugal-361>, 20 de março de 2023>

REGISTO NACIONAL DE ALOJAMENTO LOCAL -[Em linha]. [Consult. 15 out.2024]. Disponível na internet <URL: https://rnt.turismodeportugal.pt/RNT/Pesquisa_AL.aspx, 21 de fevereiro de 2023>

REVISTA PUNKTO - [Em linha]. [Consult. 7 out.2023]. Disponível na internet <URL: <https://www.revistapunkto.com/2016/10/dossier-souvenirs-de-porto-o-turismo-e.html>, de 26 de outubro de 2016>

TRAVELBI - [Em linha]. [Consult. 15 fev.2024]. Disponível na internet <URL: <https://dadosabertos.turismodeportugal.pt/>, 23 jun. de 2023>

TRAVEL & TRIPS - [Em linha]. [Consult. 13 jan. 20 24]. Disponível na internet <URL: (<https://Travelsetrips.Com> › Bairros-Autenticos-de-Lisboa, 18 de outubro de 2023.n.d.) >

TURISMO DE PORTUGAL - [Em linha]. [Consult. 18 jan. 20 23]. Disponível na internet <URL: <https://dadosabertos.turismodeportugal.pt/>, atual. nov. 2024.

VIDA PORTUGUESA - [Em linha]. [Consult. 15 jun.2024]. Disponível na internet <URL: <https://www.avidaportuguesa.com/pt/marcas/santo-antonio-de-lisboa>, 22 de março de 2023>

Anexos

TESE HISTÓRIA E PATRIMÓNIOS - PAULO FERNANDES	
QUESTIONÁRIO COMERCIANTES	

O nome é Paulo Fernandes e sou aluno da Universidade Autónoma de Lisboa. No âmbito da minha tese de Mestrado em História e Patrimónios estou a desenvolver uma investigação centrada nas lojas tradicionais e mais antigas localizadas na Freguesia de Santo António e gostaria que respondesse a este questionário. Nesse sentido, pergunto se autoriza a gravação em vídeo e a recolha de fotografias durante a nossa conversa.

Sublinho que todas as informações recolhidas serão utilizadas para o fim a que se destinam, elaboração da tese e para a sua posterior apresentação, estando o anonimato das respostas e dos materiais recolhidos garantido, caso o entrevistado assim o deseje depois da conclusão do mesmo.

Autorizo a recolha de elementos

Nome: _____

Assinatura _____

Lisboa ____ - ____ - ____

Anexo 1 - Inquérito realizado aos comerciantes no âmbito deste trabalho, capa de rosto.

ESTABELECIMENTO

NOME DA LOJA _____ ATIVIDADE _____

MORADA _____

PRODUTOS VENDIDOS / SERVIÇOS PRESTADOS _____

ANO DE ABERTURA _____ ANOS DE ATIVIDADE _____ LOJA COM HISTÓRIA _____

COMERCIANTES / PROPRIETÁRIOS

NOME: _____ IDADE _____

LOCAL DE NASCIMENTO _____ COM QUE IDADE É QUE VEIO PARA LISBOA? _____

E PORQUÊ? _____

RESIDE NA FREGUESIA? _____ HÁ QUANTOS ANOS _____ ONDE RESIDE _____

COM QUE IDADE COMEÇOU A TRABALHAR? _____ SEMPRE TRABALHOU NESTA ÁREA? _____ EM QUE OUTRAS
ATIVIDADES TRABALHOU? _____

E PORQUÊ ESTA? _____

COMÉRCIO TRADICIONAL

HÁ QUANTOS ESTÁ NESTA LOJA? _____ VEIO ABRIR A LOJA _____ SE NÃO, SABE QUAL FOI O ANO DA ABERTURA? _____

FOI SEMPRE PROPRIETÁRIO/ ARRENDATÁRIO _____ EM QUE ANO PASSOU A SER PROPRIETÁRIO/ARRENDATÁRIO

_____ TRABALHA COM ALGUÉM DA SUA FAMÍLIA NESTA LOJA? _____ COM QUEM E DESDE QUANDO? _____

GOSTA DO QUE FAZ? _____ PORQUÊ? _____

ESTA LOJA SEMPRE VENDEU ESTES PRODUTOS _____ FORAM FEITAS OBRAS NOS ÚLTIMOS 20 ANOS _____

PONDERA VENDER/TREPASSAR NOS PRÓXIMOS ANOS? _____ PORQUÊ? _____

ESCOLHEU TRABALHAR NESTA RUA/BAIRRO? _____ HOVE ALGUMA RAZÃO EM ESPECIAL? _____

CONSIDERA A SUA LOJA TRADICIONAL? _____ PORQUÊ? _____

COMO ERA TRABALHAR / MORAR NESTA ZONA QUANDO PARA AQUI VEIO? _____

O SEU TRABALHO MUDOU MUITO NESTES ÚLTIMOS ANOS? _____ COMO E PORQUÊ? _____

AINDA EXISTEM MUITAS LOJAS COMO A SUA ZONA AQUI NA ZONA? _____ LEMBRA-SE DE QUANTAS EXISTIAM QUE

SE PODIAM CONSIDERAR LOJAS DE BAIRRO COMO A SUA? _____ DESSAS LOJAS QUE ENCERRARAM, CONHECIA OS

DONOS? _____ TINHA COM ELES ALGUMA RELAÇÃO DE AMIZADE / PROXIMIDADE? _____ EM QUE SENTIDO? _____

A SUA CLIENTELA MUDOU MUITO NOS ÚLTIMOS ANOS? _____ EM QUE SENTIDO? _____

SENDO AGORA LISBOA UMA CIDADE COM MUITOS TURISTAS E NOVOS RESIDENTES SENTIU DE ALGUMA FORMA QUE ESTES FORAM BENÉFICOS PARA O SEU NEGÓCIO? _____ PODE EXPLICAR? _____

FEZ ALGUMAS ALTERAÇÕES/ ADAPTAÇÕES PENSADAS PARA ESTES TURISTAS E NOVOS RESIDENTES SEREM SEUS CLIENTES? _____ QUAIS / PORQUÊ? _____

CONSIDERA QUE AS LOJAS TRADICIONAIS COMO É A SUA CONTINUAM A SER IMPORTANTES PARA O BAIRRO? _____ PORQUÊ? _____

NA SUA OPINIÃO SE ESTAS LOJAS CONTINUAREM A ENCERRAR OU A MUDAR DE ATIVIDADE A AUTENTICIDADE DO QUE ERA O COMÉRCIO TRADICIONAL EM LISBOA VAI DESAPARECER? _____ O QUE ACHA QUE SE PODERIA FAZER PARA QUE ISSO NÃO ACONTECESSE? _____

PODE DESCREVER O QUE É PARA SI A TRADIÇÃO E A AUTENTICIDADE DESTE BAIRRO _____

CONSIDERA FICAR AQUI MUITOS MAIS ANOS? _____ PORQUÊ? _____

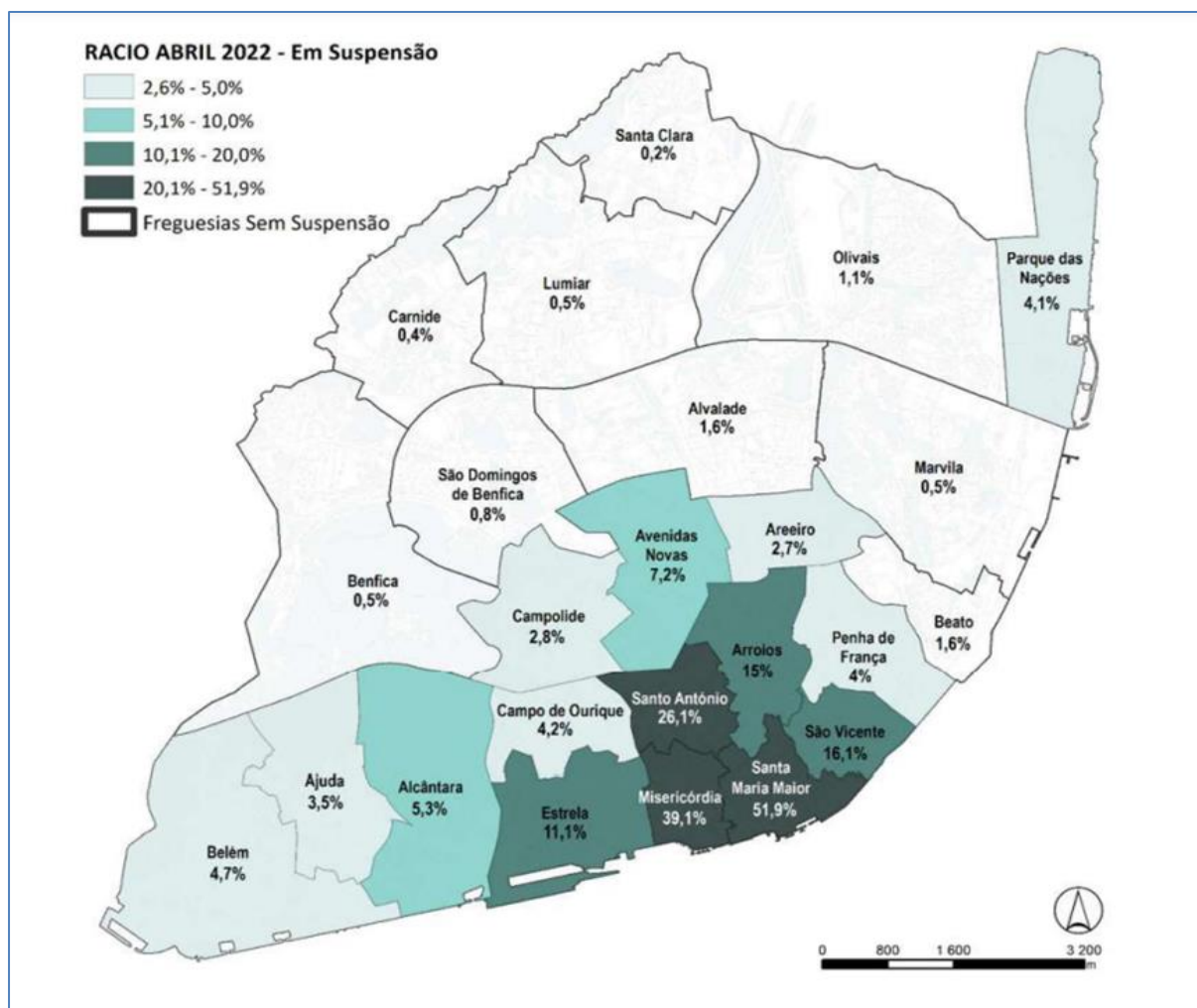
SE ALGUNS DOS SEUS FILHOS QUISESSE CONTINUAR COM ESTE NEGÓCIO, IRIA APOIÁ-LO? _____ PORQUÊ? _____

TEM FOTOGRAFIAS OU OUTRO TIPO DE ELEMENTOS OU MATERIAIS QUE POSSA DISPONIBILIZAR PARA SEREM UTILIZADOS NESTE ESTUDO, AUTORIZANDO DESTE MODO A SUA DIVULGAÇÃO NO ÂMBITO ACADÉMICO A QUE ESTE SE DESTINA? _____ QUAIS? _____

DOS NOVOS PROPRIETÁRIOS, TEM ALGUMA RELAÇÃO PRÓXIMA COMO OS DE ANTIGAMENTE? _____ PORQUÊ? _____

TEM FOTOGRAFIAS OU OUTRO TIPO DE ELEMENTOS OU MATERIAIS QUE POSSA DISPONIBILIZAR PARA SEREM UTILIZADOS NESTE ESTUDO, AUTORIZANDO DESTE MODO A SUA DIVULGAÇÃO NO ÂMBITO ACADÉMICO A QUE ESTE SE DESTINA? _____ QUAIS? _____

LISBOA, FREGUESIA DE SANTO ANTÓNIO ____ / ____ / _____



Anexo 5 – Mapa do rácio entre alojamento permanente e temporário em abril de 2022 na cidade de Lisboa.
 Fonte: Relatório de Caracterização e Monitorização do Alojamento